

Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Sarah Munck Vieira

Víctor Álamo de la Rosa e os devaneios atlânticos

Juiz de Fora
2014

Sarah Munck Vieira

Víctor Álmo de la Rosa e os devaneios atlânticos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador (a): Prof. (a) Dr. (a) Silvina Liliana Carrizo.

Juiz de Fora
2014

Víctor Álamo de la Rosa e os devaneios atlânticos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Área de Concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 02/12/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Silvina Liliana Carrizo (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Livia Maria de Freitas Reis Teixeira
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Rômulo Monte Alto
Universidade Federal de Minas Gerais

Dedico a minha pesquisa a todos os pescadores de mares e navegantes de ilhas que partem em busca de si mesmos zarpendo entre o gingado da onda e a sedução da terra.

Agradecimento

Esta dissertação só foi possível porque contei com a ajuda de pessoas extraordinariamente sábias que me ajudaram na instigante travessia pelo imaginário. Quero agradecer a Deus que me brindou com a bela poesia do universo. Ao meu esposo Marcos, companheiro de aventura, que lançou a minha âncora na outra orilha da comarca atlântica. Aos meus pais e irmã, que me concederam o aconchego da casa natal. À orientadora professora Doutora Silvina Liliana Carrizo, que arremessou as minhas redes ao mar da literatura cujos encantamentos têm me feito cativa. Ao Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora e ao Colégio de Aplicação Joao XXIII, por terem me proporcionado uma bolsa de incentivo à docência para lecionar a língua castelhana durante o ano de 2012. Ao estimado professor Doutor Juan José Delgado, que prontamente me recebeu na Faculdade de Filologia da Universidade de Tenerife (Espanha), em 2013. À Escola Literária de La Laguna (Tenerife) por possibilitar-me a participação em seu Curso de Relato Breve, ministrado em janeiro de 2013 por La Rosa. E, finalmente, quero agradecer ao canário Víctor Álamo de la Rosa, que tão gentilmente me acolheu em sua terra presenteando-me com uma série de entrevistas e diálogos calorosos. Por fim, cabe dizer que sou grata ao escritor devaneador La Rosa por permitir-me sonhar desde o “telhado de sua casa”, que é seu projeto literário.

Algumas palavras¹

*Algumas de nossas palavras
são fortes, francas, amarelas,
outras redondas, lisas, de madeira...
Atrás de todas permanece o Atlântico.
Algumas de nossas palavras
são barcos carregados de especiarias:
vêm ou vão segundo o vento
e o eco das paredes.
(...)
Algumas de nossas palavras
as inventam os rios, as nuvens.
De seu tédio se serve a chuva
ao cair nos telhados.
Assim passa a vida e conversamos
deixando que a língua vá e volte.
Um são fortes, francas, amarelas...
Atrás de todas permanece o Atlântico².*

¹ Cabe destacar que todas as traduções realizadas no presente trabalho são de minha autoria.

² Algunas palabras

Algunas de nuestras palabras/ son fuertes, francas, amarillas,
outras redondas, lisas, de madera.../ Detrás de todas queda el Atlántico.

Algunas de nuestras palabras/ son barcos cargados de especias;
vienen o van segundo el viento/ y el eco de las paredes.

(...)

Algunas de nuestras palabras/ las inventan los ríos, las nubes.

De su tédio se sirve la lluvia/ al caer en las tejas.

Así pasa la vida y conversamos/ dejando que la lengua vaya y vuelva.

Unas son fuertes, francas, amarillas.../ Detrás de todas queda el Atlántico (MONTEJO, 1988, p. 72).

É importante destacar que Eugenio Montejo (1938-2008) foi um poeta venezuelano de raízes portuguesas.

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo apresentar aos leitores e pesquisadores brasileiros os romances *O ano da seca* (1997) e *Terramores* (2008), assim como a obra poética *Altamarinas* (1997b), todas de autoria do escritor canário Víctor Álamo de la Rosa. Do mesmo modo, objetiva-se demonstrar que o universo fictício criado por La Rosa – a *Isla Menor* – edifica-se sob os paradoxos da insularidade canária já que a ínsula, em seu dinamismo retrátil, volta-se para si mesma e, em seu movimento expansível, alonga-se para a linha atlântica. A partir dos elos metafóricos das contrações islenhas, busca-se compreender o encadeamento proxêmico de Maffesoli (1988), tendo em vista que o *ethos* das Ilhas Canárias, arquitetado nas obras em tela, ora edifica-se nas profundezas das cavernas vulcânicas, ora constrói-se nas travessias atlânticas dos barcos migrantes. Portanto, observa-se que o arquipélago canário e o continente americano permanecem atados pelo *continuum* multiterritorial, conceito desenvolvido por Haesbaert (2007) e reconhecido por Ramos (1996) como comarca atlântica. Além disso, examina-se na ilha de Víctor Álamo de la Rosa os sentimentos antagônicos de aconchego e encarceramento da “casa” de Bachelard (1957). Igualmente, a imagem do horizonte atlanticista e a ideia da casa onírica (a América) fundam nos personagens migrantes pensamentos devaneadores que os levam a almejar a casa sonhada em portos distantes. Ironicamente, instaurados no outro lado da orilha atlântica, os protagonistas dedicam à *Isla Menor* os mistérios da casa natal bachelariana. Finalmente, através da prática devaneadora de Bachelard (1960), a ilha de La Rosa atua como um ponto mágico no oceano e, comprimindo o tempo em espaço, retrata o estado de alma de muitos povos que foram transplantados de seus lares no caminhar das centúrias.

Palavras-chave: Ilha. Atlântico. Multiterritorialidade. Devaneio.

Resumen

La tesis presenta a los lectores e investigadores brasileños las novelas *O ano da seca* (1997) y *Terramores* (2008), así como la recopilación poética *Altamarinas* (1997b) del escritor canario Víctor Álamo de la Rosa. De modo igual, se demuestra que el universo ficcional creado por La Rosa, la Isla Menor, se construye a partir de los paradojos de la insularidad canaria una vez que la ínsula, en su dinamismo retráctil, se vuelve a uno mismo y en su movimiento expansible se alarga hacia la línea atlántica. A partir de los acercamientos metafóricos de las contracciones isleñas, se busca comprender el encadenamiento proxémico de Maffesoli (1998), teniendo en cuenta que el *ethos* de las Islas Canarias, dibujado en las obras estudiadas, se edifica en las cuevas volcánicas y en la travesía de los barcos migrantes. Por lo tanto, se observa que el archipiélago canario y el continente americano permanecen unidos por el *continuum* multiterritorial, concepto desarrollado por Haesbaert (2007), también reconocido por Ramos (1996) como comarca atlántica. A parte de eso, se examina en la isla de La Rosa los sentimientos antagónicos de abrigo y cárcel de la “casa” de Bachelard (1957). Igualmente, la imagen del horizonte atlanticista y la idea de la casa onírica (América) fundan pensamientos devaneadores en los personajes migrantes, llevándoles a buscar la casa deseada en las orillas distantes. Irónicamente, instaurados en el otro lado de la margen atlántica, los protagonistas dedican a la Isla Menor los misterios de la casa natal bachelariana. Finalmente, a través de la práctica devaneadora de Bachelard (1960), la isla de la La Rosa actúa como si fuera un punto mágico en el océano y, condensando el tiempo en espacio, retracta el estado de alma de muchos pueblos que fueron trasplantados de sus lares en el desarrollar de las centurias.

Palabras-clave: Isla. Atlántico. Multiterritorialidad. Devaneio.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. CAPÍTULO 1: A MULTITERRITORIALIDADE ATLÂNTICA	15
2.1 A comunidade imaginária atlântica	20
2.2 <i>O ano da seca</i>	23
2.3 <i>Terramores</i>	35
3. CAPÍTULO 2: A ISLA MENOR E OS PARADOXOS DA INSULARIDADE	41
3.1 A verticalidade da casa: a <i>Isla Menor</i> como um espaço poético imaginado	51
3.1.1 A metáfora do porão: as cavernas vulcânicas	54
3.1.2 A metáfora da concha: a ilha cárcere	58
3.1.3 A metáfora do telhado: o oceano Atlântico	62
3.2 A centralidade da casa: a ilha como um ponto mágico do Atlântico	67
4. CONCLUSÃO	75
CONSULTAS BIBLIOGRÁFICAS	81
APÊNDICE	86
ANEXOS	88
Anexo 1	88
Anexo 2	89
Anexo 3	90
Anexo 4	91

1. INTRODUÇÃO

Depois, mal o sol acabou de nascer, o homem e a mulher foram pintar na proa do barco, de um lado e do outro, em letras brancas, o nome que ainda faltava dar à caravela. Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma (SARAMAGO, 2008, p 62).

Todo povo conta com uma ampla herança histórica que lhe outorga o autoconhecimento e a contemplação de suas particularidades. É verdade que cada ser humano almeja ancorar-se em solos firmes que fortaleçam os seus passos e cooperem para as mais íntimas escolhas. Sorrateiramente, as experiências particulares complementam-se com as vivências alheias e bordam os traçados universais que possibilitam a identificação e a legitimação de uma sociedade. Qualquer grupo social, que partilha uma herança cultural e histórica comum, alinha-se à construção de determinados valores emblemáticos, tais como a língua, que regula o entendimento interpessoal e manifesta os aspectos históricos, sociais, culturais e regionais de seus falantes e a moral, que define o conjunto de costumes e de opiniões desse grupo.

Diante desse cenário contemporâneo, através do qual o valor coletivo aponta para o papel do “homem em relação” (MAFFESOLI, 2010, p. 198), a literatura não poderia sair ileso, uma vez que as manifestações literárias possibilitam a cristalização do tempo em espaço ao narrarem pequenas vivências que nos permitem olhar para além de nossa efemeridade e encontrar a beleza da trama comunitária. Sem dúvida, o discurso literário involucra uma sensibilidade do real, cabendo a nós, leitores, captar as suas provações traduzindo-as para o nosso contexto de atuação. Nesse sentido, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (1998, p. 21-22), defensora da narrativa histórica e do ato da leitura como possíveis recomposições imaginárias da realidade, afirma que:

O discurso literário [...] comporta, também, a preocupação com a verossimilhança. A ficção não seria, pois, o avesso do real, mas uma outra forma de captá-lo [...]. Como refere Ricoeur, o discurso ficcional é “quase história”, na medida em que os acontecimentos relatados são fatos passados para a voz narrativa, como se estivessem realmente ocorrido. Há, pois, um componente manifesto no discurso histórico, assim como, da parte da narrativa literária, constata-se o empenho de dar veracidade à ficção literária. Naturalmente, não é intenção do texto literário provar que os fatos narrados tenham acontecido concretamente, mas a narrativa comporta em si uma explicação do real e traduz uma sensibilidade diante do mundo, recuperada pelo autor.

As relações entre território e vitalidade nos instigam a reflexionar sobre o valor do discurso literário na sedimentação cultural e na densidade histórica de uma dada comunidade. De fato, a leitura de *A Jangada de Pedra* (1986), do escritor português José Saramago, leva-nos a refletir sobre a construção literária de espaços limitados por suas dimensões geográficas. Sem dúvida, a

ilha funciona como um verdadeiro celeiro de imaginários, pois ainda que permaneça prisioneira de sua centralidade, está à mercê das marés que batem em suas costas trazendo as novidades de portos distantes. No romance de Saramago, a Península Ibérica deixa de fazer parte da Europa no instante em que rompe a ligação com os montes Pirineus e desloca-se para o oceano. A península, que nesse espaço de tempo torna-se ínsula, navega nas águas atlânticas enquanto os líderes políticos decidem o futuro do continente:

Chegou o momento de dizer, agora chegou, que a Península Ibérica se afastou de repente, toda por inteiro e por igual, dez súbitos metros, quem me acreditará, abriram-se os Pireneus de cima a baixo, como se um machado invisível tivesse descido das alturas, introduzindo-se nas fendas profundas, rachando pedra e terra até ao mar (SARAMAGO, 2006, p. 31).

Como estudante de literatura e conhecedora do arquipélago canário, constatei a urgência de avaliar e legitimar o papel de suas produções literárias na perpetuação do gênio do lugar, isto é, de seus ruídos, odores, imagens e construções arquitetônicas (MAFFESOLI, 2010, p. 198). Para tanto, realizei uma viagem para as Ilhas Canárias com o intuito de encontrar em suas bibliotecas um escritor que lograsse explorar em seu fazer literário a inspiração insular e a identidade cultural canária. Felizmente, a obra *Generación 21: nuevos novelistas canarios* (2011) apresentou-me o projeto literário de Víctor Álamo de la Rosa. O autor pertence à denominada “Geração 21”, grupo que tem publicado romances que envolvem a temática do espaço canário. Especificadamente, La Rosa segue a corrente de artistas que dão continuidade ao universo-ilha e à criação de territórios simbólicos que representam a história e a geografia do arquipélago, além de sua condição existencial fomentada pela insularidade.

O projeto literário³ de Víctor Álamo de la Rosa inclui a publicação de romances, contos, literatura infanto-juvenil e poesia. Para efeitos metodológicos, optei por fazer um recorte de sua obra com a análise de dois de seus romances – *O ano da seca* (1997) e *Terramores* (2008) –, além do estudo de alguns poemas publicados na obra *Altamarinas* (1997b). É importante conscientizarmo-nos de que as obras citadas fazem parte de um projeto de maior amplitude, através do qual o escritor cria um singular universo batizado como “*Isla Menor*”. Isso significa que as narrativas *El humilladero* (1994), *O ano da seca* (1997), *Campiro que* (2001), *Terramores* (2008), *La cueva de los leprosos* (2010) e, finalmente, *Isla nada* (2013), conformam um mundo imaginado em que o escritor inficiona as suas particulares inclinações de habitante de uma ínsula.

O objetivo desta pesquisa é estudar a condição do islenho, mas sobretudo a do homem canário literatizado nos romances *O ano da seca* (1997) e *Terramores* (2008), obras nas quais é

³ Consultar apêndice.

possível constatar que o universo fictício criado pelo autor em tela evoca três fortes vetores: o mar, a ilha e a emigração. O arquétipo⁴ insular plasmado pela multiterritorialidade atlântica forjará, então, uma série de imagens estético-literárias que sinalizam a existência de um profundo dinamismo entre o território insular, as forças naturais e a imaginação literária. O universo islenho parece edificar-se sobre emblemas antagônicos, os quais, por sua vez, permitirão aos leitores conhecer um pouco acerca da cultura canária e da força dessa terra circunscrita pelas águas do oceano Atlântico.

É de suma importância reconhecer que grande parte das reflexões aqui tecidas sobre a questão do espaço insular e do imaginário coletivo ancora-se nas colocações do filósofo francês Gaston Bachelard, publicadas nas obras *A poética do espaço* (1957) e *A poética do devaneio* (1960). As inúmeras metáforas utilizadas pelo teórico para compreender os ambientes da casa natal possibilitam-nos o entendimento da alma islenha canária e, conseqüentemente, colaboram para o reconhecimento dos recursos poéticos utilizados por La Rosa para expressar literariamente a sua *Isla Menor*.

Assim, a presente dissertação se mostra relevante na medida em que direciona a nossa atenção para a força do espaço, que não é apenas geográfico, mas também espiritual. *A Isla Menor* de La Rosa, atuando como um recôndito do Atlântico, possibilita uma série de criações metafóricas que abrigam, paradoxalmente, o cerco e a abertura oceânica. Nesse sentido, importa considerar que o tempo e o território, intercalados pelas condições contextuais, socioculturais e econômicas, podem criar consciências simbólicas que forjam o imaginário coletivo de um povo. Víctor Álamo de la Rosa agencia as vozes das emigrações atlânticas e das comunidades sobrecarregadas por regimes políticos e pela dureza da terra, posicionando-nos, dessa maneira, como legitimadores de nações através do mar da escrita e da leitura.

A dissertação pode ser dividida em dois grandes capítulos, intitulados respectivamente. “A multiterritorialidade atlântica” e “A *Isla Menor* e os paradoxos da insularidade”. O primeiro dedica-se, inicialmente, a posicionar o arquipélago canário e, logicamente, a *Isla Menor* em um contexto integrador a que García Ramos (2002) denomina “comarca cultural atlântica”. Esse território imaginado, seleiro de formas aproximadas de compreender a vida, alberga todas as comunidades interceptadas pelo grande oceano, desde a costa africana e a ponta europeia – incluindo a zona europeia atlântica – até as margens americanas. Para confirmar a existência de uma região dotada de territorialidades simbólicas e espaciais comuns, lançaremos mão do conceito de

⁴ Entre os séculos XIX e XX o psiquiatra suíço Carl Jung inovou o campo de estudos da Psicologia ao introduzir o conceito de arquétipo, definido por ele como um grupo de imagens e símbolos ancestrais que, em sua totalidade, moldam o coletivo de um determinado povo, revelando-se na arte, na literatura e nas tradições populares.

“multiterritorialidade” do geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (2007), que torna pertinente o lugar assumido pela *Isla Menor* na comunidade imaginária atlântica. Por tratarmos das aproximações do homem insular com o seu espaço de atuação oceânico, instrumentalizaremos a noção de “encadeamento proxêmico” de Michel Maffesoli (2010), conceito que nos permite comprovar o fato de que cada indivíduo realiza-se coletivamente participando de forma ativa da história factual de sua comunidade.

Em consonância com as ideias apresentadas anteriormente, na seção 2.1 (“A comunidade imaginária atlântica”) tencionamos revelar de que maneira o panorama multiterritorial atlântico descrito em *O ano da seca* e em *Terramores* agencia os valores e as tradições do *ethos* canário, já que a retórica da insularidade e da atlanticidade nos leva a crer no dinamismo do universo islenho que, ambigualmente, detém-se em si mesmo e se desprende rumo ao horizonte, fecundando elos imaginativos que ganham vida na ficção de La Rosa. Essa condição poliédrica insular é mais bem avaliada nas seções 2.2 (“*O ano da seca*”) e 2.3 (“*Terramores*”). É importante ressaltar que essa divisão foi efetuada para observarmos as metáforas criadas ao longo do processo dissertativo, quais sejam, as imagens da “fuga contrátil” e da “fuga expansível”. Para tanto, é interessante fazer valer as palavras do sociólogo Emmánuel Lizcano (2006), já que, segundo ele, as metáforas surgem como ponto imprescindível para a compreensão de uma dada realidade.

Em 2.2, especificamente, buscamos desnudar o envolvimento amoroso de Efigênia e Aquilino em *O ano da seca*, facilitado pela inclusão de um relevo abrupto, pincelado pelas erupções vulcânicas. Na narrativa em questão, os personagens dedicam-se a atravessar as costas canárias nas embarcações fantasmas que alcançam o continente americano. As histórias das emigrações canárias (ilustradas perfeitamente pela trajetória do personagem Aquilino) abraçam a ideia da fuga expansível. Por outro lado, no subcapítulo 2.3 destacaremos a trajetória de outro jovem casal: Rosa e Manuel. Em *Terramores*, os amantes se encontrarão silenciosamente nas cavernas vulcânicas da ilha, redefinindo o movimento que decidimos chamar de fuga contrátil. No final da obra, torna-se claro que a liberdade proposta no cruzamento do oceano toca os pensamentos dos protagonistas, comprovando que a ilha alonga-se uma vez mais em direção à grande comarca atlântica. O *ethos* islenho articulado por La Rosa posicionará a *Isla Menor* em um denominador comum que tem em sua síntese o poder imaginativo apontado pelos metaforismos estudados com mais precisão no segundo capítulo: a ilha como reduto, a ilha como um ponto mágico no oceano e a ilha como a casa natal.

Com o objetivo de estudarmos as obras de La Rosa partindo do princípio do imaginário canário ensimesmado na dialética da terra e do mar, o segundo capítulo (“A *Isla Menor* e os paradoxos da insularidade”) se inicia com a apresentação de algumas manifestações literárias greco-

latinas forjadas na imaginação de muitos conquistadores europeus – como Cristóvão Colombo, por exemplo – que aliaram a crença dos Campos Elíseos ao conhecimento das Ilhas Afortunadas. Os mitos gregos e romanos reafirmarão o lugar da *Isla Menor* na comarca atlântica desde as premonições de historiadores e escritores da antiguidade até as levadas migratórias ficcionalizadas nas obras *O ano da seca* e *Terramores*. Além disso, a partir dos estudos empreendidos por Ana Pizarro em seu livro *O sul e os trópicos* (2006), acreditamos ser possível considerar a existência de áreas culturais, como a Amazônia, que se interpõe como genuínos criadouros de recursos poéticos e de densidade histórica definindo, portanto, os costumes e a proximidade de seu lugar. Na segunda parte da dissertação, objetivamos verificar em que medida a *Isla Menor*, atuando em sua bem-aventurança, alarga-se na dimensão marítima e ao mesmo tempo encolhe-se nas cercanias de água que a envolvem.

Em especial, na seção 3.1 pretendemos introduzir os estudos de Bachelard referentes à fenomenologia da imaginação da casa natal. Para tanto, buscaremos conciliar os pressupostos bachelarianos à criação literária de La Rosa: a ilha como espaço imaginado a partir de sua verticalidade conduz em seus canais vulcânicos o sentido do porão; por outro lado, encontra em sua saída atlântica a representação do telhado. De maneira análoga, na subseção 3.1.1 nos inclinaremos para o que denominamos fuga contrátil, condensada na parte inferior da casa. Tencionamos mostrar que nos romances pesquisados os canais abaixo da superfície inflamam delírios e paixões ensurdecedoras. Ademais, em 3.1.2 discorreremos sobre a metáfora da concha para descrever os sentimentos de retenção e de limitação que as fronteiras oceânicas e o próprio espaço islenho causam nos personagens de La Rosa. Já na subseção 3.1.3 retornaremos à figura do telhado de Bachelard atribuindo ao Atlântico o devaneio da liberdade e, finalmente, em 3.2 buscaremos examinar a centralidade bachelariana com o fim de apreender as relações entre a casa natal (*Isla Menor*) e a casa onírica (continente americano), ambas unidas pelo “*continuum*” imaginário da comarca atlântica.

Enfim, o poder atrativo que o mar exerce sobre os personagens de Víctor Álamo de la Rosa parece propiciar duas possíveis margens articuladas pelo *ethos* insular em *O ano da seca* e em *Terramores*. Ao mesmo tempo em que o oceano estimula o sonho por uma vida melhor, ele desencadeia os sentimentos de sufoco e restrição. Desse modo, propomos considerar que a valorização do espaço islenho é uma mola propulsora para os devaneios do recolhimento e da libertinagem que, através imaginação do nosso escritor, transformam-se em belíssimas imagens literárias.

2. CAPÍTULO 1: A MULTITERRITORIALIDADE ATLÂNTICA

Caramujo

FRÁGUA de mar,
tímpano do tempo.

Não É o mar o ruído de sua vida respirando?⁵

Em seu trabalho *O mito da desterritorialização. Do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade* (2007), o geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert discorre sobre o fenômeno da multiterritorialidade como extensão do que alguns estudiosos denominam “desterritorialização”. Segundo o pesquisador, a multiterritorialidade involucra muito mais do que a perda de territórios, uma vez que os movimentos de (re)territorialização terminam por construir múltiplos territórios. Por conseguinte, alicerçando-se na hibridização entre a esfera material e a ideal, Haesbaert (2007, p.77) defende o caráter mitológico da desterritorialização, já que ela não abrange as complexas e imanentes (multi)territorializações imbricadas nas sociedades contemporâneas, cujos sistemas inserem-se nas extensões econômicas, políticas e culturais. Dessa maneira, segundo o pesquisador o que acontece é mais do que uma “desterritorialização desenraizadora” e sim um “processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo” (HAESBAERT, 2007, p. 214).

Com o objetivo de compreendermos plenamente a temática de Haesbaert (2007) relacionada ao processo de “multiterritorialização”, propomo-nos a discutir em um primeiro momento sobre os conceitos de território e territorialidade. Ao longo do desenvolvimento dissertativo, buscaremos observar como o processo da multiterritorialidade, visto a partir do entrelaçamento de espaços físicos e simbólicos, é recuperado nos romances *O ano da seca* e *Terramores* do canário de Víctor Álamo de la Rosa. Cabe reforçar que o *corpus* se complementarará com alguns fragmentos de poemas do escritor em estudo. A escolha das obras tem como pressuposto a operacionalização de um diálogo sobre as diversas formas de apreender e ficcionalizar a construção multiterritorial do arquipélago canário.

Mais adiante, no segundo capítulo, por meio da leitura das obras em *A poética do espaço* (1957) e *A poética do devaneio* (1960) de Gaston Bachelard, buscaremos demonstrar que a representação do espaço multiterritorial canário proporciona o devaneio, isto é, a postura poética do

⁵ Caracola
FRAGUA de mar, /tímpano del tiempo.
¿No ES el mar/ruído de tu vida respirando?
Poema de Víctor Álamo de la Rosa retirado do livro *Altamarinas* (1997, p.36).

arquipélago emerge na consciência do leitor como um produto enraizado na alma. Em contrapartida, objetivamos comprovar nossa tese de que a imaginação poética materializa-se no devaneio do leitor, ou seja, em sua liberdade criadora. Submetendo-nos, portanto, como leitores devaneadores de La Rosa, a construção poética do arquipélago canário e, especificadamente, da *Isla Menor* ressoará como um eco de toda a produção estético-literária do grupo de países contemplados pelo Atlântico, a que nos referiremos como “comunidade imaginária atlântica”.

Como vimos nos parágrafos precedentes, a discussão a respeito da multiterritorialidade atlântica começa pelas definições de território e de territorialidade. Haesbaert (2007) esclarece como o conceito de território nasce associado à esfera jurídica e política e, em seguida, alia-se à ideia de identificação e de afeto. Na verdade, tanto em sua dimensão funcional, concreta e política, como em sua função simbólica e cultural, o território apresenta vestígios de dominação:

(...) de acordo com o grupo e/ou classe social, o território pode desempenhar os múltiplos papéis de abrigo, recurso, controle e/ou referência simbólica. Enquanto alguns grupos se territorializam numa razoável integração entre dominação e apropriação, outros podem estar territorializados basicamente pelo viés da dominação, num sentido mais funcional, não apropriativo (HAESBAERT, 2007, p. 96).

Um determinado espaço⁶ caracteriza-se pela incessante luta entre o capitalismo hegemônico que o funcionaliza conforme seus princípios políticos/econômicos, e aqueles que lhe conferem controles simbólicos ou marcas do “tempo vivido” (LEFEBVRE *apud* HAESBAERT, 2007, p. 95). Haesbaert (2007, p. 95-96) afirma que o espaço “desdobra-se ao longo de um ‘*continuum*’ que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’”. Logo, um mesmo território pode ser avaliado em seus papéis de refúgio, recurso, controle e símbolo. Em relação à territorialidade, podemos afirmar que esta se associa ao modo como o ser humano organiza-se no espaço construindo sobre ele uma rede de significações, tanto para mediações de poder quanto para construções simbólicas, uma vez que o território alberga valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. Nas palavras de Haesbaert:

⁶ Para o sociólogo Henri Lefebvre (1901-1991), em sua obra *Le Retour de la Dialectique*, Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1986, o termo “espaço” não se refere apenas a uma perspectiva espacial e geográfica mas relaciona-se também a um lugar socialmente construído pelas forças de apropriação e de dominação políticas, econômicas e culturais. Ainda de acordo com o teórico, o espaço pode ser perceptível, ou seja, apreendido por meio dos sentidos; o espaço pode ser concebido, isto é, forjado através do pensamento; e o espaço pode ser vivido, o que equivale à experiência do espaço, ou seja, como o ser humano o vivencia em seu cotidiano. Em nosso trabalho, tentaremos aproximar o conceito de espaço de Lefebvre (1986) à lógica de território de Haesbaert (2007).

(...) cada grupo social, classe ou instituição pode “territorializar-se” através de processos de caráter mais funcional (econômico-político) ou mais “simbólico” (político-cultural) na relação que desenvolvam com os “seus” espaços, dependendo da dinâmica de poder e das estratégias que estão em jogo (HAESBAERT, 2007, p.96).

Na contemporaneidade, com o advento técnico-científico e informacional, observa-se que a experiência do espaço é traspassada por uma forte descontinuidade de territórios. Em seu estudo, Haesbaert adverte que existem territórios instaurados em limites relativamente bem marcados e enraizados, e há aqueles territórios redes que se associam aos movimentos fluidos, descontínuos e dinâmicos. Conseqüentemente, os espaços contínuos e demarcados passam a deslocar-se tornando difícil descobrir onde termina um e onde começa o outro (HAESBAERT, 2007, p.337). Por outro lado, ainda que a flexibilidade territorial esteja fortemente arraigada à era da globalização e às conexões tecnológicas e informacionais, precisamos refletir sobre o fenômeno da multiterritorialidade como inerente à história humana. Como seres políticos e sociais, experimentamos ao longo de nossa existência uma multiplicidade de territórios, tendo em vista que nos deslocamos constantemente por diferentes espaços, sejam eles concretos e/ou subjetivos:

(...) a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade” (HAESBAERT, 2007, p. 344).

Verificar a predominância da multiterritorialidade, e não apenas considerar os movimentos da desterritorialização (perda de territórios), torna-se essencial para sobrelevamos o espaço na construção e na transformação da sociedade à proporção que seus eixos políticos, geográficos e simbólicos são instáveis e heterogêneos e variam conforme a variedade de tempos e de espaços. O território dominado e/ou apropriado deve ser reconsiderado sob a ótica da multiterritorialização, que lhe confere um caráter múltiplo e diversificado. Portanto, a questão do espaço é múltipla e complexa, e a territorialidade associa-se aos fatores sociopolíticos, culturais e subjetivos relacionando-se, por conseguinte, aos valores que as pessoas conferem às suas vivências. Como experimentador da multiterritorialidade, o homem (re)cria e incorpora novos espaços às suas vivências. No decorrer do presente estudo será possível constatar que La Rosa trabalha as diferentes percepções espaciais da *Isla Menor* fundamentando-as na imensa extensão multiterritorial atlântica a que denominaremos “comarca atlântica”.

As vinculações do indivíduo com o seu entorno físico são também estudadas pelo sociólogo francês Michel Maffesoli⁷ na obra *O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa* (1988). Nesse texto, o autor propõe a ideia de “tribalismo” para referir-se à lógica cultural vigente, em que as sociedades, desacreditadas dos ideais individualistas modernos, conformam-se com um fragmentado desfile de microcomunidades sociais que se caracterizam por experiências e sentimentos compartilhados que o intelectual denomina de “ethos comum”. Cabe esclarecer que, não obstante a modernidade tenha consolidado a noção de identidade do sujeito, a vida atual põe essa categoria em crise, já que entra em cena uma sociedade inclinada à partilha e à identificação mútua. Logo, o “eu” molda-se à coletividade transformando-se em “nós”:

Por conseguinte, a soberania do *ego cogito* não é mais aceita. O mesmo se dá com o sujeito que age, e com o cidadão ator voluntário de um contrato social racionalmente regulado. O universalismo, do sujeito, da razão, avatar de um Deus transcendente, dá lugar a razões e a afetos locais, particulares, situados. Em suma, não é mais a verticalidade do cérebro que prevalece, mas o despertar da pessoa em sua totalidade. O que remete, como já mostrei (*L’ instant éternel*), a um “pensamento do ventre”. Um pensamento que saiba considerar os sentidos, as paixões e as emoções comuns (MAFFESOLI, 2010, p. 17 [destaque do autor]).

Contemporaneamente, o indivíduo projeta no outro a sua própria existência, de maneira tal que existimos somente no quadro de um inconsciente coletivo” (MAFFESOLI, 2010, p. 16). Do mesmo modo, o espaço assume vital função, pois cada pessoa orienta-se socialmente conforme o próprio espaço de atuação que, por sua vez, é delineado por um “ethos” específico: “O ethos comunitário designado pelo primeiro conjunto de expressões remete a uma subjetividade comum, a uma paixão partilhada” (MAFFESOLI, 2010, p. 110). Cabe reforçar que o termo *ethos* associa-se às nuances que caracterizam e distinguem uma dada comunidade, ou seja, a maneira de interpretar o seu entorno e engendrar, a partir de territorialidades físicas e simbólicas comuns, movimentos espaço-temporais de proximidade e de afetividade a que Maffesoli (2010, p. 59) se refere como “encadeamento proxêmico”.

Segundo o sociólogo, em seu sentido mais geral o termo “proxemia⁸” faz referência às “redes de amizade, que não tem outra finalidade senão se reunir sem objetivo, sem projeto

⁷ Michel Maffesoli estudou filosofia e sociologia na cidade francesa de Lyon, onde concluiu o seu trabalho de mestrado sobre a técnica em Marx e Heidegger. Já nos anos setenta, na cidade de Grenoble, tornou-se aluno de Gilbert Dürand, que orientou a sua tese de doutorado e o introduziu na temática do imaginário. A obra *O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa* foi publicada em 1988 na França sob o título: *Le temps des tribus. Le déclin de l’individualisme dans les sociétés de masse*. Atualmente, o estudioso é professor da Université de Paris-Descartes (Sorbonne) e diretor do Centro de Estudo sobre o Imaginário, dedicando-se às pesquisas sobre o atual e o cotidiano.

⁸ O termo “proxêmica” foi cunhado pelo antropólogo Edward T. Hall na obra *A dimensão oculta*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alvez Editora S.A, 1981 (Edição original em inglês *The Hidden Dimension*. Anchor Books, 1966). A expressão refere-se ao uso que o indivíduo faz do espaço como uma especialização elaborada da cultura.

específico, e que cada vez mais compõe a vida quotidiana dos grandes conjuntos” (MAFFESOLI, 2010, p 58). É nesse momento que entra em questão o imaginário social e o exercício da imagem para o reconhecimento de uma identificação comunitária. O valor da imagem é ressaltado em uma cultura proxêmica, na qual o coletivo tem predominância sobre o individual, e as pequenas experiências destacam-se sobre a grande história escrevendo, assim, a trajetória de seu lugar:

Há momentos em que o indivíduo significa menos do que a comunidade na qual ele se inscreve. Da mesma forma, importa menos a grande história factual do que as histórias vividas no dia-a-dia, as situações imperceptíveis que, justamente, constituem a trama comunitária. Esses são os dois aspectos que me parecem caracterizar o significado do termo “proxemia”. Naturalmente, devemos estar atentos ao componente relacional da vida social. O homem em relação. Não apenas em relação interindividual, mas também a que me liga a um território, a uma cidade, a um meio ambiente natural que partilho com outros. Essas são pequenas histórias do dia-a-dia: *tempo que se cristaliza em espaço*. A partir daí, a história de um lugar se torna história pessoal (MAFFESOLI, 2010, p. 198 [destaque do autor]).

A presença da imaterialidade na vida social nos revela um ato em que a imagem adquire uma significação particular e através do qual se solidifica um sentimento de pertencimento a uma dada comunidade. Consoante as nossas discussões, são as particulares e rotineiras histórias que carregam a força de um lugar. São os mitos e a imaginação que protegem o espaço dos imponentes fatos da História acionando, portanto, um sentimento compartilhado que estrutura uma memória coletiva. Conforme Maffesoli (2010, p. 202): “[...] o povo é *stricto sensu* ‘o gênio do lugar’. Sua vida no dia-a-dia assegura a ligação entre tempo e o espaço. Ele é o guardião ‘não consciente’ da socialidade”. Um indivíduo é, ao mesmo tempo, abertura e reserva, porém o seu enraizamento com o território de origem nunca se desfaz. É o que podemos comprovar a partir da leitura do próximo fragmento:

Quer seja o mobiliário familiar ou o “mobiliário” urbano, quer seja o que delimita a minha intimidade ou a arquitetura que lhe serve de moldura (paredes, casas, ruas conhecidas e familiares), tudo isso faz parte de uma *proxemia* fundadora que acentua a fertilidade da moldura espacial. Tudo isso, ao mesmo tempo, dá segurança e permite a resistência no sentido simples do termo, aquilo que permite perdurar, aquilo que permite resistir às imposições naturais e sociais. É essa a comunidade de destino (MAFFESOLI, 2010, p. 214 [destaque do autor]).

A constituição do espaço ou a força de um lugar é determinante para construção de símbolos de uma dada comunidade já que estes proporcionam aos seus indivíduos sentimentos de pertença e de partilha que Maffesoli chama de *ethos*. Concomitantemente, acionando os pressupostos de Haesbaert (2007), o território é marcado por um fluxo contínuo de multiterritorialidades, ora subjetivas, ora concretas, que fazem brotar sempre novas e inusitadas

cosmovisões. A seguir, antes de nos determos na questão do *ethos* islenho nas obras de La Rosa, dedicaremos-nos a investigar os traçados multiterritoriais atlânticos, delineados por um espaço integrador forjado por categorias espaciais que, por sua vez, constituem-se por meio de reciprocidades culturais, históricas e imaginárias que mantêm profícuo diálogo com o *ethos* islenho particular encontrado nas obras do autor em estudo.

2.1 A comunidade imaginária atlântica

Para analisarmos a experiência multiterritorial do Atlântico e a particular concepção do *ethos* da *Isla Menor*, julgamos necessário confirmar a existência de uma grande comunidade atlântica por meio da qual o pesquisador Juan-Manuel García Ramos⁹, na obra *Por un imaginario atlántico (sic)* (1996), visualiza uma confluência de culturas e “frequentes reciprocidades, até mútuas revelações¹⁰” (RAMOS, 1996, p. 17). Nas palavras de Ramos (1996, p.17), o Atlântico pode ser visto como um “lar prioritário para a imaginação criadora, com toda classe de liberdades¹¹”. Ainda segundo o autor, o oceano pode ser visto como um verdadeiro espaço integrador. No artigo “*Flujo y reflujo*”, da obra *Ensayos del Nuevo Mundo* (1993, p. 56), ele esclarece:

Desde o mito, desde a lenda e a história, desde as relações pessoais e a atitude perante a língua, desde os modelos literários consagrados e, finalmente, desde cada país e todos os países, nossos imaginários clamam-se, nutrem-se e projetam-se ao lado de outras influências¹².

Em outro livro, intitulado *Atlanticidad. Canarias y la Comarca Cultural Atlántica*(2002), Ramos lança mão do termo “atlanticidad” para provar a existência de uma “comarca” cultural, onde dialogam inúmeros e distintos povos que são banhados pelas águas do grande Atlântico. O território acionado pela comunidade atlântica abrange a zona europeia atlântica, os arquipélagos do atlântico médio, os países da costa africana, as comunidades do continente latino-americano, da América Central e da América do Norte. Entre algumas comunidades ultramarinas podemos citar: Ilhas Canárias, Cabo Verde, Madeira, Açores, Bermudas, São Tomé e Príncipe, Ilhas Malvinas, entre outras.

Na verdade, o emaranhado de redes simbólicas e de vestígios históricos comuns de um a

⁹ Juan-Manuel García Ramos é catedrático de Filologia Espanhola (Literatura Hispanoamericana) da Universidad de La Laguna (Tenerife, Ilhas Canárias - Espanha).

¹⁰ frecuentes reciprocidades, a revelaciones mutuas.

¹¹ solar prioritario para la imaginación creadora con toda clase de libertades.

¹² Desde el mito, desde la leyenda, desde la historia, desde las relaciones personales, desde la actitud ante la lengua, desde los modelos literarios consagrados, desde cada país y todos los países, nuestros imaginarios se reclaman, se nutren y se proyectan al lado de otras influencias ajenas.

outro lado das bordas atlânticas, se estabelece desde a época das grandes navegações. Existe uma convergência de línguas e de crenças que foram levadas pelos colonizadores europeus às colônias americanas. A língua castelhana, por exemplo, chega ao continente americano junto com a conquista da América, em 1492, ao passo que a língua de Camões transforma-se em um legítimo navegante das caravelas portuguesas e lança âncora nas terras tupiniquins no século XVI. O elemento colonizador também conta com uma série de transformações de caráter filosófico e religioso. Não podemos nos esquecer que passaram pelo Atlântico muitas tradições ocidentais como o direito romano, a filosofia grega e o monoteísmo judaico-cristão. O vasto oceano testemunhou diversas vinculações políticas, econômicas e socioculturais entre a Europa e a América. De modo semelhante, o oceano presenciou grandes aproximações da África com o Novo Mundo, como observamos na questão da diáspora africana – estudada por Paul Gilroy¹³ –, em que a imagem do Atlântico Negro é associada a uma ideia de movimento e de entrelaçamento.

A interposição de símbolos e feitos históricos comuns cria um espaço unificador a que denominamos comarca ou comunidade imaginária atlântica. Apropriando-nos dos princípios de Haesbaert (2007), a zona atlântica também pode ser considerada a partir do pressuposto da existência de um *continuum* multiterritorial no qual convergem territorialidades simbólicas assumidas, por exemplo, pelas manifestações linguísticas e pelas concepções filosóficas, bem como por diferentes multiterritorialidades físicas, dentre as quais podemos citar as trajetórias marítimas e as rotas comerciais. Examinando o estudo de Ramos, desenvolvido no artigo “*Introducción al imaginario atlántico. El caso de José Antonio Rial*”, que forma parte da obra *Sobre el imaginario narrativo atlántico* (2012), é possível considerar o espaço atlântico em seu aspecto referencial, simbólico e imaginário:

Quando falamos sobre o “imaginário atlântico” nos referimos a uma memória coletiva compartilhada por diferentes povos que partilham o mesmo oceano; a uma memória coletiva alicerçada em mitos, fábulas simbólicas que permitem nosso autorreconhecimento; a uma memória construída por feitos memoráveis, por rotas comerciais, por períodos de convivência, por formas de olhar o mundo e de decifrá-lo que geraram modos aproximados de erigir fábulas, recriações de uma realidade erguida em conjunto (RAMOS, 2012, p. 15)¹⁴.

Ainda no artigo anteriormente mencionado, Ramos (2012, p. 13) situa o arquipélago canário e

¹³ GILROY, Paul. *The black Atlantic. Modernity and Double Consciousness*. Harvard University Press: Cambridge, 1993.

¹⁴ Cuando hemos hablado de ‘imaginario atlántico’ aludimos a una memoria colectiva compartida con otros pueblos vinculados al océano común; a una memoria colectiva habitada de mitos, de fábulas simbólicas donde nos reconocemos; una memoria habitada de gestas, de rutas comerciales, de periodos de convivencia, de maneras de mirar al mundo y de descifrarlo, que ha generado modos cercanos de erigir fábulas, recreaciones de una realidad construida entre todos.

se vê instigado a compreender a sua poliédrica configuração cultural, uma vez que, estando rodeado pelo oceano, o arquipélago pertence à grande comunidade imaginária atlântica e é plasmado por infinitas conexões e entendimentos. O pertencimento ao espaço atlântico leva à reflexão sobre a insularidade canária (a qualidade de ser ilha) o que, por sua vez, desencadeia o (re)conhecimento da atlanticidade. *A priori*, o termo “atlanticidade” refere-se ao monte Atlas e aos mitos greco-latinos. Em um segundo patamar, representa o caminho percorrido e explorado pelo colonizador Cristóvão Colombo, figura imprescindível na conquista e na colonização do arquipélago canário e de toda a América. Finalmente, a atlanticidade adquire a significação de abertura e de aproximação, porquanto o Atlântico, articulando-se como ponto de partida e de chegada, tem testemunhado no decorrer das centúrias grandes contribuições econômicas e culturais entre a América, a África e o Velho Mundo ocidental. Ramos assume-se como pertencente ao povo canário e confessa que o arquipélago permanece em constante projeção¹⁵, encontrando-se sensível e aberto a tudo aquilo que navega por suas águas atlânticas:

Somos um povo em eterna projeção, um povo sensível e suscetível a tudo aquilo que circula através do oceano ao qual pertencemos. Oceano que, continuamente, leva e traz tradições culturais tão diversas em um curso e (re)curso de instrumentos temáticos, simbólicos, estéticos e expressivos. Uma mesma consciência, um temperamento compartilhado, um caráter de conjunto em eterna evolução e regresso às nossas origens (RAMOS, 2012, p. 12)¹⁶.

As Ilhas Canárias¹⁷, envolvidas simbólica e territorialmente pela multiterritorial franja atlântica, permanecem à mercê do fluxo contínuo de heranças referenciais edificadas através de um importante legado histórico e cultural. Já vimos em Maffesoli (2010) que as aproximações do ser humano com o seu entorno físico envolvem novas formas de interação e identificação sociais que edificam o *ethos* comunitário, contribuindo para que as ações cotidianas e individuais edifiquem o imaginário de todo um grupo. Em consequência, é na junção entre o tempo e o espaço que o homem arraiga-se ao seu grupo de atuação, transformando e particularizando sua formação proxêmica.

Nas próximas seções, defenderemos a ideia de que as trajetórias dos personagens do escritor La Rosa fecundam-se sobretudo no seio do imaginário atlântico. É como um eco difusor que conduz uma bela sinfonia que os acontecimentos individuais reescrevem e dão continuidade aos

¹⁵ A ideia de projeção de Ramos (2012) pode ser relacionada ao significado do “devir”, encontrado na obra: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. (1997), *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Volume 4), Rio de Janeiro, Editora 34. Tradução de: *Mille Plateaux – capitalisme et schizophrénie* (1980).

¹⁶ Somos un pueblo en perpetua proyección, un pueblo sensible y permeable a todo lo que circula por el océano al que pertenecemos y que lleva y trae tradiciones culturales tan diversas en un curso y recurso incesante de instrumentos temáticos, simbólicos, estéticos, expresivos. Una conciencia, un temperamento general, un carácter de conjunto, en perpetua evolución y regreso a nuestros orígenes.

¹⁷ Ver anexo 1.

elementos culturais de toda a comunidade atlântica. Além disso, veremos que o escritor trabalha, em *O ano da Seca* e em *Terramores*, vicissitudes humanas como: a ânsia por uma nova vida e a travessia por longínquos mares; a sequidão física e moral desencadeada por um regime totalitário; as paixões subterrâneas e avassaladoras germinadas em recônditos miseráveis, caracterizados pela fome e pela enfermidade; e, finalmente, a construção simbólica de espaços moldados pelo mar que, paradoxalmente, voltam-se para si mesmos e se desprendem para as suas múltiplas águas provedoras de infinitas possibilidades.

As vinculações forjadas entre o ser humano e os seus territórios de atuação são ficcionalizadas nos romances de La Rosa, de maneira que acreditamos existir uma indissolúvel relação entre os personagens criados pelo escritor canário e o mundo que os envolve. Os espaços físicos assumidos pela *Isla Menor* e pelo vasto e misterioso oceano Atlântico recriam territórios simbólicos, dotados de valores e de tradições. A vida isleña constrói-se na dinâmica de impulsos contraditórios, pois os personagens ora encolhem-se para as cavernas vulcânicas sob os impulsos do medo e da fuga, ora soltam-se para o mar sob o cortejo da esperança depositada nos portos clandestinos da *Isla Menor*. Tanto a imagem da ilha voltando-se para si mesma como a ideia de alargamento em direção à infinidade atlântica, permeiam os romances do escritor canário. Particularmente, a noção de insularidade nasce e germina nas entrelinhas narrativas e rege um universo particular, repleto de cenários inóspitos, vulcânicos e interioranos, embora também costeiros e infinitos. Acreditamos que o *ethos* insular não propõe somente a existência de uma territorialidade fixa e imóvel: a *Isla Menor* de La Rosa nos proporciona a leitura de uma porção de constantes multiterritorializações. Nesse sentido, o arquipélago canário pressupõe um espaço abrangente e sugere muito mais do que meras realidades espaciais, pois hospeda construções simbólicas que se articulam em um ritmo histórico e dinâmico.

Nas discussões propostas a seguir, ancorados pela leitura dos romances de Víctor Álamo de la Rosa, defenderemos a ideia de que o oceano Atlântico é descrito como um lugar multiterritorial, plasmado por traços emblemáticos que ensejam liberdade, mas que também pressupõem obstáculo. De igual modo, advogaremos no sentido de evidenciar que, como território geográfico, o oceano acomoda inúmeras rotas marítimas que facilitaram os fluxos migratórios ao longo da História.

2.2 O ano da seca

Apesar de ter sido escrito em língua castelhana no ano de 1997, durante a estadia de Víctor Álamo de la Rosa no Brasil, *O ano da seca* foi publicado pela primeira vez em língua portuguesa, sob a tradução de Olga Savary. O segundo romance do autor ilustra a miséria e a seca do

arquipélago canário, mais especificamente da ilha *El Hierro* durante a década de 40 (século XX), período em que a Espanha enfrentou graves consequências da Guerra Civil¹⁸ e posterior estabelecimento da ditadura de Franco. Narrada em terceira pessoa, a obra distingue-se por um verdadeiro emaranhamento de personagens oriundos de diversos espaços e tempos que dão vida ao fluxo narrativo.

Em nossa teia dissertativa observaremos que o romance fundamenta-se em movimentos multiterritoriais o que, de acordo com Haesbaert (2007), implica considerar um enigmático entrelaçamento de territórios. Em primeiro lugar, o universo islenho assume-se politicamente como integrante do arquipélago canário e, por conseguinte, pertencente ao grupo das Comunidades Autônomas da Espanha. Em uma segunda leitura, a *Isla Menor* integra-se ao imaginário atlântico, através do qual se estabelecem elos referenciais com o continente americano. Por fim, sob uma mirada profundamente poética e simbólica, o universo islenho cartografado na narrativa é fecundado por paixões avassaladoras e por uma enlouquecedora avidez de vida.

La Rosa articula, no âmago narrativo de *O ano da seca*, uma mescla de histórias de modo que cada personagem “experimenta vários territórios ao mesmo tempo” e vivencia a multiterritorialidade, uma vez que “toda relação social implica uma interação territorial, um intercruzamento de diferentes territórios” (HAESBAERT, 2007, p.344). O espaço marítimo estende-se em um *continuum* de equações naturais, materiais e simbólicas que podem significar, política e geograficamente, a separação ou a aproximação com a Europa, América e África e, de maneira representativa, os sentimentos de apresamento e/ou soltura.

A cena inaugural da obra anuncia o envolvimento amoroso dos protagonistas Efigênia e Aquilino – a morte trágica de seu filho que nasce e é covardemente assassinado pelas mãos do avô Cândido, o qual nunca conseguira aprovar o romance da filha:

A navalha não se deteve até cravar-se inclusive no solo do quarto porque Cândido nunca pensou que o coração de um recém-nascido fosse tão terno. (...) Quando o olhou não olhou para o centro justo dos olhos do pequeno. Os olhinhos vidrosos e a boca aberta em um chiado que doía, de tão esganiçado, num alarido de criança que anuncia, de recém-nascido que inaugura uma vida, que abria um tempo que resultou imensurável porque não durou nem um milésimo de segundo: o grito anunciador morreu no mesmo momento em que a navalha o atravessou; nem um inapreensível instante mais o alcançou e quase se podia escrever que não bastou sequer pra dizer que andou vivo entre os vivos porque instantaneamente morreu (LA ROSA, 1997, p.19).

¹⁸ A Guerra Civil Espanhola consistiu em um conflito social, político e militar que se iniciou em 1936 com o golpe de estado do exército espanhol contra a Segunda República Espanhola, que teve início em 1931. A Guerra Civil terminou em 1939, quando Francisco Franco e o exército franquista declararam vitória e estabeleceram um regime ditatorial que permaneceu até 1975, ano da morte do ditador.

A partir do segundo capítulo, a trama enreda-se por uma variação de tempos e de espaços: em alguns momentos narram-se acontecimentos do presente; em outros, o narrador volta-se para feitos já realizados. Como podemos notar a seguir, o jovem Aquilino e outros islenhos partem, no tempo presente da enunciação, em direção à América do Sul:

E torrencialmente, durante a singradura do Saturnino, que agora mal se acabava de inaugurar, choveria o tempo morto, as horas insípidas, dias e semanas onde nada havia que fazer além de suportar o tédio da navegação. E foi por isso, por puro aborrecimento e insustentável necessidade de matar o tempo, que Odon Machín decidiu-se a criar poesia, ainda que já abrigava a idéia (*sic*) desde a noite em que o *Saturnino* zarpara, na viagem, na aventura da qual ele também estava sendo protagonista, em seu pequeno caderno particular (LA ROSA, 1977, p. 40) [destaque do autor].

Em relação ao tempo passado, a trama dedica-se a relatar os encontros amorosos dos amantes Efigênia e Aquilino. Nos fragmentos da sequência, será possível ao leitor constatar que o relacionamento do jovem casal se dá às escondidas, beneficiado pela geografia vulcânica da ilha:

Era o amor às vezes abrigado entre os ramos frondosos, fartos, das figueiras, ilha acima, porém também às vezes era a paixão brotando na obscuridade arrevesada de uma gruta vulcânica, ilha abaixo no litoral. E sempre com o máximo de cuidado porque Aquilino e Efigênia sabiam que era preciso andar com pés de pluma andando no solo firme: não podiam nem pensar na hipótese de Cândido saber de seus escarcéus sexuais (LA ROSA, 1997, p. 42).

Transcorreram quase três anos do namoro clandestino entre Aquilino e Efigênia até que numa manhã luminosa de agosto ocorreu por fim a cena da entrada triunfal do homem na mulher, de Aquilino em Efigênia, do pênis na vagina em busca do mútuo apogeu. E se o coito, num par tão ágil já no jogo sexual, demorou tanto a consumir-se, foi por culpa, em princípio, das enormes dificuldades que o casal encontrava na hora de procurar para si intimidade segura, longe de qualquer suspeita de Cândido, o pai vigilante de Efigênia (LA ROSA, 1997, p. 78).

Os caminhos de outros personagens são desnudados na narrativa e colaboram para a sua arquitetura multiterritorial. São histórias como a do pescador Isidel, que foge para a América: “É mulher de pescador e sabes que com o mar não se brinca e que às vezes engole um de seus mistérios. É assim mesmo, um de nós desaparece de vez em quando” (LA ROSA, 1997, p.36); a do padre Benito, que “morreu assim, justo no instante em que havia decidido abrir sua vida a outro destino, sem saber que aquela tormenta só foi até aquele trecho da costa para matá-lo” (p.57); da solidão do pai de Efigênia e da morte de sua esposa Glória, a qual “pensou que morria de noite ainda que em realidade fossem três horas da tarde, a tarde de uma tarde intranquila e fugidia” (p.100); da chegada dos viajantes do *Saturnino* “em um dos mangues localizados a uma sessenta milhas de Caiena, capital da Guiana Francesa” (p. 119). Encontramos ainda muitas composições poéticas desenvolvidas por Ódon Machín (emigrante africano) que “por puro aborrecimento e

insustentável necessidade de matar o tempo (...) decidiu-se a criar poesia” (p. 40) como se, ao fazê-lo, tornasse um pouco suportável a árdua viagem pelo Atlântico como integrante do barco *Saturnino*. Os versos a seguir exemplificam a sinfonia épica de Ódon Machín:

A caminho nos pusemos
 intranquilos caminhamos
 quando em *Las Playas* estivemos
 logo ali descobriremos
 o capitão do timão
 às velas os marinheiros
 sem tardar recebemos
 as ordens do patrão,
 porém o barcos não arrancou
 porque lhe faltava o vento,
 quem pensasse na situação
 chorava com motivo
 porque quase que nos vimos
 encalhados espinhosamente na dificuldade.
 Porém Isidel pescador
 o enviado de Deus
 quem de seu ofício sabedor
 salvara a apurada situação
 (LA ROSA, 1997, p. 41).

No desenrolar de *O ano da seca*, as limitações físicas (escassez de terras férteis e de água) fazem com que inúmeros *herreños*¹⁹ deixem a ilha em busca de melhores condições de vida e de plantio: “Entre a secular seca padecida por aquelas terras e as imposições do governo dos fascistas muitos aldeões só abrigavam como escapatória aquela esperança incerta de alguns barcos incertos que emigravam para um continente incerto” (LA ROSA, 1997, p.26). Incontáveis barcos fantasmas lançam-se ao Atlântico e partem em direção à América do Sul, onde formam diversas colônias canárias. No romance, a embarcação clandestina canária – denominada *Saturnino* –, ao aproximar-se da costa sul-americana, é rebocada pelo barco francês *La Fraternité* que a desloca até o porto de Caiena²⁰. Já em terras americanas, muitos imigrantes vão para outros países. O personagem Isidel, por exemplo, recomeça a vida como pescador nas praias de Genipabu, perto da cidade brasileira de Natal. Para o pescador, as lembranças da miséria deixada na *Isla Menor* entram em crise com os estrondosos cenários do novo lar.

Isidel, ainda com as cores tristes e secas da ilha sem água metidas entre as mais inacessíveis fímbrias de seu ser, não entendia a beleza frondoverde (*sic*) das terras que estava observando e que já à simples vista davam-lhe uma idéia (*sic*) de vastidão que era inassimilável para sua estreita mente insular. E a ironia de seu zombeteiro destino não foi outra que reempregá-lo de novo como pescador, dar-lhe, depois de haver passado por todas

¹⁹ Pessoa natural da ilha El Hierro.

²⁰ Caiena é a capital da Guiana Francesa, território ultramarino francês no norte da América do Sul.

as penúrias e os maus pedaços daquela viagem no *Saturnino*, o mesmo ofício que teve em sua anterior vida. Mas também e ainda assim logo tudo foi diferente, pois o próprio fato de pescar em outros litorais o fez mais feliz, apenas por reconhecer-se investido com uma inédita vida por percorrer (LA ROSA, 1997, p. 133-134) [destaque do autor].

Em relação ao universo insular, a falta de recursos básicos para a sobrevivência e a perseguição política articulada pelo regime franquista agravam-se com a difícil geografia islenha, caracterizada por terras improdutivas, ausência de chuva e uma vasta superfície de origem vulcânica: “Água clara murmurada, que se invoca e se grita com invocação religiosa, com inclinação mística, com desespero sobrenatural, com intensidade mágica. Implora-se o milagre desde as sedes” (LA ROSA, 1997, p. 22). La Rosa (re)cria no universo mítico denominado *Isla Menor* o desastre apocalíptico do ano da seca. A privação dos recursos naturais desencadeada pela inóspita geografia e pela Guerra Civil Espanhola intercepta o interior dos personagens tornando-os carentes de ânimo e de sonhos:

Este vai ser o ano da seca, da seca que crescerá ao máximo e na dimensão bíblica com o ventar do tempo, como o recordar sofrido de tantas memórias de fome. Seca estiagem como um acorde monocórdio estendendo sua monotonia de séculos pela face da ilha. Aridez de farpa de cacto e dor de lava arreesada, de pedras estilhaçando-se na noite que tampouco vira água mas sim espinhos (LA ROSA, 1997, p. 22).

Além da precariedade da terra e do jugo ditatorial, a *Isla Menor* intimida-se com a sua posição geográfica²¹: está cercada pelo oceano Atlântico e distante do espaço peninsular. Certamente, o mar que abraça a ilha também desempenha o papel de muralha: “Os homens não entendem, não compreendem olhar para a beira da terra sem água quando água é também o que ameaça e confina e encerra ali. Estão a um passo da água, que lambe a costa, a seus pés, sem serventia, salgadamente inútil” (LA ROSA, 1997, p. 23). Conforme podemos observar pela leitura dos próximos excertos, a imagem da *Isla Menor* associa-se à ideia de confinamento e a vida islenha revela-se paradoxal. A falta de água instiga o homem a enfrentar o Atlântico, porém é essa mesma água que constrange a sua saída.

Até lá, na direção da fronteira última que flutua ao fundo do horizonte marinho, cresce a esperança. Mas eis o grande engano do mundo, a solene gargalhada de um deus sem piedade chamado mar, mar oceano. E é água. Não outra coisa. Precisamente água, o que também complica, impede a esperança. Toda essa água estendida sobre o azul que não tem piedade da terra, esta que a duras penas mal vive e lentamente morre (LA ROSA, 1997, p. 23).

É a ausência de água o que empurra e é um infranqueável e inavegável muro de água aquilo

²¹ Ver anexo 2 e anexo 3.

que impede a fuga. É a grande cartada de um pequeno deus perverso. Os homens não entendem, não compreendem olhar para a beira da terra sem água quando água é também o que os ameaça e confina e encerra ali. Estão a um passo da água, que lambe a costa, a seus pés, sem serventia, salgadamente (*sic*) inútil (LA ROSA, 1997, p. 23).

Era somente água o que seria agora verdadeiramente milagroso, uma tormenta, um céu avultado, prenhe de cirros escuros que ao interromperem regaram com vida a seiva de uma ilha que agora mal vivia pútrida, com uma respiração mortífera, como se fora o corpo gigante de um ser pré-histórico que vomita seus derradeiros estertores. A terra, cercada de água salgada agonizava (LA ROSA, 1997, p. 53).

Já comprovamos que as duras penas vividas pelos personagens no universo islenho dão fortes razões para a partida. Em nossa dissertação, com o intuito de facilitar as considerações tecidas acerca do processo de evasão literalizado por La Rosa, recorreremos à construção poética de duas metáforas criadas no calor de nossa pesquisa: a fuga contrátil e a fuga expansível. A primeira diz respeito ao desafio de permanecer na ilha, encolhendo-se cada vez mais em direção aos seus misteriosos recônditos. A segunda descreve a tentativa de lançar-se ao grande paredão de água que sorve o horizonte expandindo-se até o continente americano. A intriga amorosa do casal Efigênia e Aquilino ilustra o movimento de encolhimento quando se realiza nas sombras da *Isla Menor*:

Percorrendo-se mutuamente, à sombra compacta de alguma figueira tão afastada de Masilva quanto de Rijalbo, acomodados na entrada de alguma gruta, aprendendo-se um ao outro, descobrindo cada dia uma nova chama na fogueira, um desconhecido prazer no incêndio do sexo (LA ROSA, 1997, p. 66).

Por outro lado, devido aos desgostos sofridos e à farta sequeidão da terra, alguns personagens cruzam as enigmáticas fronteiras atlânticas ao encontro das paisagens incertas da outra borda do oceano. O mar, anteriormente visto como uma robusta muralha, dilata-se da privação de sonhos para a abundância de vida²². Surge, portanto, a legendária e histórica figura do barco *Saturnino*, responsável pela viagem de inúmeros islenhos ao redor do Atlântico, ao mesmo tempo em que aparece também a embarcação *Novo Adão* responsável por inúmeras fugas. É o que comprovaremos nas linhas a seguir:

²² Néstor Rodríguez Martín, no artigo “A emigración clandestina de Canarias a Venezuela en los años cuarenta y cincuenta del siglo XX” cita que, humilhados pela condição de miséria, pela opressão política e pelas dificuldades para emigrar de forma legal, inúmeros canários dedicaram-se à emigração clandestina para a Venezuela como forma de fugir de um contexto esgotador e sem esperança. O autor revela que nos últimos anos da década de quarenta e nos primeiros anos da década de cinquenta, a travessia deu-se clandestinamente por meio de simplórias embarcações que eram conhecidas como “barcos da ilusão” ou “barcos fantasmas”. A maior parte desses barcos era composta por moto-veleiros e contavam com três paus. Poucos foram aqueles que chegaram à América com o motor funcionando e em muitos casos mais da metade da viagem era feita unicamente pela força dos ventos alísios que, a partir do arquipélago canário em direção ao continente americano, uniam os viajantes à corrente equatorial. Parece-nos interessante apontar que esses mesmos ventos foram aproveitados pelos conquistadores europeus séculos antes. Artigo disponível em: dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2536316.pdf. Acesso em: 11 mai. 2014.

Ambos os homens navegavam atrás do rastro de um barco, o Saturnino, que naquela noite de singular escuridão zarparia clandestinamente na direção de uma promessa, na direção de um único porto chamado América. O Saturnino, um barco pesqueiro de uns dezessete metros de comprimento e uns cinco de largura contava com uma tripulação de dezenove homens a mando do dono, Felipe de la Hoz (LA ROSA, 1997, p. 27).

Setentaesseis (sic) homens embarcaram nessa madrugada no Novo Adão, setentaeseis (sic) esperanças buscando um inédito destino [...] O Novo Adão iniciou a travessia sem cerimônia e sem problemas, pois mal saiu o barco dos cais que o abrigava, as velas inflaram com bom vento e, em seguida, aos olhos de alguns familiares que ficaram no cais fazendo acenos de despedida, o navio converteu-se num pontinho de nada rodeado de horizonte (LA ROSA, 1997, p. 75).

A travessia do Atlântico efetua-se ocultamente e, muitas vezes, na escuridão da noite. Uma vez destinados ao mar, os barcos permanecem sob os caprichos do Atlântico com suas correntes e tempestades marinhas. A viagem aflora a imaginação dos tripulantes de tal forma que cada um deles, à mercê do tempo e do ritmo das ondas, reconstrói histórias e imaginários. O personagem Aquilino, por exemplo, visualiza no azul cristalino do mar o rosto de sua amada Efigênia, que havia permanecido na *Isla Menor*:

No azul cristal das ondas se desenhava Efigênia, acompanhando seu rosto o navegar do Saturnino. Aquilino se deleitava em sua recordação. Demasiados momentos inolvidáveis. Tanto apogeu, tanta cama, tantíssima (sic) gruta, tão pletórica fulminação do sexo, o fundir dos corpos, fundação da vida e seu contrário. E agora, no barco, essa leveza de mar e céu, de horizonte ao fundo sempre como que fugindo da proa, do Saturnino navegando. Foi um impossível amor, uma impossibilidade inexplicável aquela que separou, unindo até o infinito, os destinos de Aquilino e Efigênia (LA ROSA, 1997, p. 118).

No romance em análise uma parcela dos emigrantes do Novo Adão era composta por camponeses, jornaleiros e pescadores. Inclusive, alguns desses homens não sabiam ler nem escrever, mas isso não os impedia de alimentar o sonho de algum dia tornar-se um próspero fazendeiro, dono de plantações de café e cana-de-açúcar em terras americanas. Durante a viagem, desenrolam-se calorosas discussões que reforçam o caráter imaginário da *Isla Menor*. No fragmento apresentado a seguir, os personagens surpreendem-se ao visualizar a posição geográfica da ilha em um mapa pertencente ao personagem Santiago Casañas:

Então se desenrolavam exclamativos comentários que às vezes derivavam para acaloradas discussões. *Porra, homem, agora entendo porque não chove na ilha. É pequena demais para chamar a chuva e além do mais, tendo toda essa África para regar aí bem do lado, tão perto, se atropelavam as vozes, confundindo-se, puxa, não sendo nós se não uma cagadinha de rato do planeta, é por isso que ninguém se importa com a gente, olha só como estamos longe da Espanha, dirás da Península, ignorante, que muitos amigos perdi por lá na puta guerra da Espanha, isso mesmo, me chamas de ignorante e depois tu mesmo me contradizes, que merda que não somos espanhóis, porra, e além do mais não*

deveríamos mesmo ser porque eles mataram os guanchos, nossos antepassados bimbaches, porra, puta merda, mas minha família veio de Zaragoza e eu me sinto tão islenho quanto espanhol (...) (LA ROSA, 1997, p. 94) [destaque do autor].

Na citação anterior, observamos que no auge da conversa mesclam-se vozes e opiniões sobre a condição islenha, a respeito da qual o narrador confessa haver um “enigma impossível pendendo do Atlântico” (p. 94). O islenho, desde uma perspectiva diferente propiciada pelo cenário Atlântico, dá-se conta de sua situação ambígua de pertencer ao Estado espanhol e ao mesmo tempo estar tão distante da península. A imponente costa africana surpreende o olhar do navegante; contudo, revela também a sua condição de integrante da grande comunidade atlântica. A chance de migrar e encontrar novas terras na América ilustra o sentimento de pertença à porção criadora e libertária que, como vimos na seção 2.1, Ramos (1996) caracteriza como um solar familiar sobre o qual confluem culturas, reciprocidades e imaginários.

De acordo com o autor de *O ano da seca*, o personagem Santiago Casañas contribui com sua letrada instrução, complementando o debate ao afirmar que “*não é questão de sermos espanhóis ou africanos, trata-se de ser, de sermos islenhos, de ser assim como somos, islenhos*” (LA ROSA, 1997, p. 94 [destaque do autor]). Entretanto, as sábias palavras do personagem são interrompidas por vozes esbaforidas que indagam como é que:

as quatro lavas das ilhas vão importar uma porra que seja dos espanhóis [...] o Caudilho só tem olhos para a capital [...] tudo é Madri, Madri e as ilhazinhas apenas como cárceres, que outra coisa elas não são, que não servimos para nada e assim andamos fodidos até o fim, atravessando o mar, o oceano todo para encontrar ao menos uma comidinha, para pelo menos buscar pão e água [...] (LA ROSA, 1997, p. 94) [destaque do autor].

Parece-nos pertinente mencionar que o último excerto exprime aquilo que nos parágrafos anteriores designamos como “fuga expansível”, pois ao se deparar com a sensação de aprisionamento, cada personagem decide cruzar o oceano em função de carências fundamentais como a água e a comida. No entanto, é de nosso conhecimento que outros habitantes da *Isla Menor* consomem-se por aquilo a que chamamos de “fuga contrátil”. Um exemplo distinto recai sobre a vida do padre Benito que, embora muitas vezes “surpreendia acariciando a idéia de emigração, pensando em uma nova vida, incógnito, distante daquela ilha” (LA ROSA, 1997, p. 52-53), morre atingido por um raio à beira das margens atlânticas.

Com o auxílio da leitura de *O ano da seca* e de *Terramores*, apresentado mais adiante na seção 2.3, podemos depreender que o *ethos* da *Isla Menor* instaura-se sob o ensejo da liberdade que pode traduzir-se na travessia do Atlântico ou no recolhimento para os esconderijos vulcânicos.

Lançando mão dos princípios de Maffesoli introduzidos anteriormente na dissertação, tempos consciência de que cada pessoa pode guiar-se socialmente de acordo com o seu território. Entretanto, são as ações individuais aliadas às condutas do outro que constroem o *ethos*. E são as vivências rotineiras advindas de uma determinada cultura que edificam a coerência do espaço. Cada pessoa contribui com diferentes impressões, valores e sentidos e oferece novas significações para o seu grupo social. Assim, surgem movimentos de proximidade e identificação comunitárias que sobrepõem a condição coletiva em relação à individual. Para Maffesoli (2010, p. 208), “o espaço é tempo concentrado. A história se abrevia em histórias vividas no dia-a-dia²³”. Tanto a proximidade física quanto a realidade cotidiana são capazes de delinear uma constante territorial, pois “o solo é o que faz nascer, é o que permite o crescimento, é o lugar onde jazem todas as agregações sociais e suas sublimações simbólicas” (MAFFESOLI, 2010, p. 212).

Consequentemente, inferimos que a comunidade canária ficcionalizada nos romances de La Rosa se reconhece em suas dificuldades espaciais e também em seus questionamentos ideológicos. As perseguições políticas, as humilhações causadas pela seca e pela fome, os amores proibidos e as emigrações clandestinas enevoam o espaço islenho. Em outro fragmento, sob o olhar do personagem Aquilino, encontramos as inquietações advindas de uma moral desestabilizada que forja o *ethos* da *Isla Menor*. A jovem Efigênia perde o respeito de sua comunidade devido aos boatos da vizinhança sobre o seu relacionamento proibido com o jovem rapaz:

Atrás dos muros do enclausuramento, pelos espaços da ilha, Aquilino sofria quase tanto quanto Efigênia, ainda que menos na parte física, reduzida a tremendas enxaquecas e algumas equimoses grandes, e mais mentalmente, devido ao suplício da dúvida, pois eram tantos e tão variados comentários que corriam sobre sua noiva que não sabia já nem no que crer nem no que pensar (LA ROSA, 1997, p. 51).

De um modo geral, podemos dizer que o *ethos* é uma consciência coletiva por meio da qual emanam as leituras simbólicas do mundo que, por sua vez, podem ser representadas pelos costumes e valores de um grupo social que regulam o seu modo de ser e de pensar. É na relação espacial que se arquiteta a psicologia da vida íntima e da rotina de uma determinada comunidade social. Por isso,

²³ A questão do tempo concentrado foi, primeiramente, traçada por Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (1957). Na versão original: “*Pespace contient du temps comprimé*”, ou seja, o espaço é o tempo comprimido. Conforme observaremos no desenvolvimento do trabalho, para Bachelard o espaço habitado e o espaço daquele que o habitou nos dizem sobre o tempo vivido: “A topoanálise (sic) seria então o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas um series de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer ‘suspender’ o vôo (sic) do tempo. *Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso*” (BACHELARD, 1978, p. 202 [destaque nosso]).

julgamos imprescindível voltar o olhar para a produção de sentido na construção do *ethos islenho* esmiuçado nos romances de La Rosa, aliando-o à questão do imaginário²⁴, tantas vezes renegado pelos discursos racionalistas. Na verdade, a concepção de imaginário apresentada em contraposição ao “verdadeiro” e ao “real” sempre permeou muitas discussões filosóficas. Gilbert Durand (1960)²⁵, em sua “Teoria Geral do Imaginário” (TGI), utiliza como suporte de análise uma nova maneira de compreender e estudar a imaginação criadora humana, resgatando princípios que outrora foram abandonados pelas pesquisas naturalistas. Durand lança mão daquilo que Bachelard, na obra *O novo espírito científico* (1934)²⁶, denomina de observação sensível dos fatos. Em consonância com essa linha de pensamento, Maffesoli, então discípulo de Durand, intui que o imaginário se responsabiliza pela sedimentação do indivíduo em seu grupo social.

Em uma entrevista concedida à revista FAMECOS²⁷, o sociólogo assevera que o imaginário é “o estado de espírito que caracteriza um povo” (MAFFESOLI, 2001, p.75); logo, é uma força social ou um estado de espírito que dá forma à coletividade, como podemos depreender das passagens que seguem:

Em geral, opõe-se o imaginário ao real, ao verdadeiro. O imaginário seria uma ficção, algo sem consistência ou realidade, algo diferente da realidade econômica, política ou social, que seria, digamos, palpável, tangível. Essa noção de imaginário vem de longe, de séculos atrás. A velha tradição é romântica, em luta contra a filosofia e o pensamento então hegemônicos na França. Tratava-se de demonstrar como as construções dos espíritos podiam ter um tipo de realidade individual (MAFFESOLI, 2001, p. 74).

Para mim, sem tentar precisar a posição de Gilbert Durand, só existe imaginário coletivo. Por isso, falei na ideia de aura, de Walter Benjamin. O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário pós-moderno, por exemplo, reflete o que chamo de tribalismo. Sei que a crítica moderna vê na atualidade a expressão mais acabada do individualismo. Mas não é esta a minha posição. Pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido. O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. *O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual.* (MAFFESOLI, 2001, p. 76 [destaque nosso]).

²⁴ No século XX, entre os anos trinta e quarenta, Gaston Bachelard coloca em evidência os estudos do imaginário. O intelectual provou a eficácia das construções mentais em relação aos procedimentos concretos. Na mesma linha de pensamento de Bachelard, surge Gilbert Durand (1921-2012), que demonstrou como o real pode ser acionado pelo imaginário, isto é, por meio das relações de sentido. A obra prima de Durand recebeu o título de *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989. Cabe lembrar que Bachelard foi mestre de Durand que, por sua vez, orientou o doutorado de Maffesoli.

²⁵ DURAND, Gilbert. *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire*. 1 ed. Paris: Dunod, 1960.

²⁶ BACHELARD, Gaston. *Le Nouvel Esprit scientifique*. Éditions Alcan, 1934.

²⁷ Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Vol. 1, nº 15 (2001). Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva, na cidade de Paris, no dia 20 de março de 2001.

Investido da razão de imaginário introduzida pela antropologia, Emmánuel Lizcano, em *Metáforas que nos piensan. Sobre ciencia, democracia y otras poderosas ficciones* (2006), descreve a importância da imaginação na construção de novas formas e pressupostos:

Isto é, permanece inevitavelmente unido a qualquer de suas emergências e pode, portanto, ser rastreado em qualquer de suas formas intuídas. Por mais vasto que haja sido o trabalho de depuração da descoberta do imaginário, como é o caso das formulações das matemáticas ou das ciências naturais, sempre podemos intuir a partir delas a metáfora, a imagem, a crença que está em sua origem e que continua habitando. Cada dado, cada feito, cada conceito, nunca é simplesmente um “mero dado”, um “feito desnudo”, um “conceito puro”... pois cada um carrega as próprias significações imaginárias que o projetou, ou seja, desde quando foi concebido incorpora em seu próprio corpo esses pressupostos, logo, está revestido do tecido magmático cujo fluxo permaneceu nele embalsamado²⁸ (LIZCANO, 2006, p. 99).

Em nossa pesquisa, buscaremos ressignificar o eixo social da *Isla Menor* a partir do imaginário atlântico como um cimento que carrega um “sentimento coletivo de força comum” (MAFFESOLI 2010, p. 60) e que atribui o *habitus* ou o costume à dimensão ética de toda a socialidade isleña. Nesse sentido, interessa-nos evidenciar que a sociedade canária traçada nos romances de La Rosa tem em seu poder imaginativo a energia simbólica da partilha ou da proximidade. A comunidade canária encontrada nas obras em estudo tece suas próprias redes simbólicas, que são descritas por meio de muitas metáforas. No tocante a esse tema, Lizcano (2006, p. 60) aponta que:

Aqui é onde a metáfora nos revela, em nossos trabalhos, como um potente analisador dos imaginários que, por outro lado, atam-se estritamente ao que eles mesmos dizem de modo explícito. Portanto, na metáfora o imaginário inscreve-se ao pé da letra; ou, em seu caso, ao pé da imagem. Ao pé, isto é, naquilo em que a letra, a palavra ou a imagem suportam-se, fundamentam-se²⁹.

La Rosa trabalha a realidade insular do arquipélago através de elos metafóricos e de entornos poéticos, como se os seus escritos expressassem a imaginação do real. Como tentaremos comprovar no desenvolvimento da dissertação, existem sustentáculos imaginativos que descrevem a

²⁸ Esto es, permanece inextirpablemente unido a cualquiera de sus emergencias y puede, por tanto, rastrearse en cualquiera de sus formas instituidas. Por grande que haya sido el trabajo de depuración de la ganga imaginaria, como es el caso de las formulaciones de las matemáticas o las de las ciencias naturales, siempre puede desentrañarse de ellas la metáfora, la imagen, la creencia que está en su origen y las sigue habitando. Cada dato, cada hecho, cada concepto, nunca es así un ‘mero dato’, un ‘hecho desnudo’, un ‘concepto puro’... pues está cargado con las significaciones imaginarias que lo han hecho, incorpora en su propio cuerpo los presupuestos desde los que ha sido concebido, está revestido del tejido magmático cuyo flujo ha quedado en él embalsamado.

²⁹ Aquí es donde la metáfora se nos ha revelado, en nuestros trabajos, como un potente analizador de los imaginarios que, sin embargo, se atiene estrictamente a lo que ellos mismos dicen de modo explícito. Por así decirlo, en la metáfora el imaginario se dice al pie de la letra; o, en su caso, al pie de la imagen. Al pie, es decir, en aquello en que la letra, la palabra o la imagen se soportan, se fundamentan.

ilha e a sua posição geográfica como um lugar de detenção onde não existe saída, um ponto mágico no oceano, uma fração do espaço longitudinal que é o Atlântico e seus arrabaldes. No fragmento que temos a seguir, encontramos mais uma vez através da voz do narrador o imaginário da travessia. Nesse momento, o horizonte alcança o sentido de lar: um continente para arreigar-se.

Mas agora aquele negócio próspero ia exigir o próximo passo, a travessia difícil, o perigo expectante, o mar pela frente abrindo sua imensidão e as ondas levantando-se com dedo acusador na direção de Felipe de la Hoz, na direção da carcaça do Saturnino, na direção de todas aquelas cinquentaepoucas (sic) vidas que agora se tinham colocado em suas mãos esperando a salvação, exigindo um continente (LA ROSA, 1997, p. 30).

No romance *O ano da seca*, o Atlântico interpõe-se como metáfora para a liberdade e, conforme vimos na seção 2.1, Ramos usa o termo atlanticidade para reforçar a preponderância do oceano na sociedade canária. Indiscutivelmente, existe um sustentáculo imaginário que une as comunidades estendidas ao redor do oceano. A ânsia por migrar para o continente americano e não para a península espanhola, por exemplo, demonstra que no olhar do personagem canário as águas atlânticas denotam lar, segurança e esperança, pois podem levá-lo para aquilo que seria a extensão de sua própria casa: a América. É o que podemos verificar na passagem a seguir:

E foi o que disse a mesmíssima Efigênia, a qual, sabedora de que Aquilino se havia decidido a colocar entre eles a imensidão do oceano, segundo pôde averiguar por sua família, decidiu, apenas para evitar apanhar outra surra, dizer tudo ao pai. Porém enquanto isso ocorria Efigênia nem sequer conseguiu imaginar a determinação que ia provocar no pai, essa de agora enviar dois de seus irmãos, os mais jovens, porque ainda não tinham família para manter, para perseguir Aquilino até à (tem crase no original?) América, como se chegar lá fosse uma mera questão de dobrar a esquina de sua rua. E é que esse continente, na cabeça do pai, não passava de uma ilhazinha mais, o mundo era feito de ilhas na estreita mente de Cândido, só que um pouco mais afastada (LA ROSA, 1997, p. 74) [destaque nosso].

De acordo com o que foi discutido no presente capítulo, o mosaico narrativo construído pelas histórias de cada personagem de La Rosa (1997) nos revela o espírito multiterritorial da *Isla Menor* e também da comunidade imaginária atlântica. O universo mítico da ilha *El Hierro* constrói-se na interseção de experiências e de espaços que caracterizam *O ano da seca* como sendo uma narrativa fundamentada por um *continuum* de territorializações físicas e simbólicas ancoradas em desconhecidos horizontes, como nos portos longínquos da América. A aspereza da vida, ao lado do desespero por migrar e recomeçar em novos e familiares espaços, revelam-nos uma memória partilhada por muitas sociedades atlânticas. A História da humanidade já testemunhou o cruzamento do oceano por inúmeros povos dedicados a suprir os mais íntimos e reveladores anseios. Em *O ano*

da seca a busca de água e a vontade de saciar-se com a menor faísca de vida propulsiona espaços, rotas, personagens e tempos que atravessam os planos sociais, econômicos, políticos e culturais da *Isla Menor*, particularizando o seu *ethos*.

Na próxima seção, estudaremos a construção multiterritorial atlântica do romance *Terramores*. Para ilustrar o que denominamos “fuga contrátil”, analisaremos a perseguição política sofrida pelo personagem Manuel, também conhecido como “*El Huido*” (o fugitivo). Analogamente, com o fim de reforçar a ideia da fuga expansível, lançaremos um olhar atento para a história da emigração do casal Manuel e Rosa.

2.3 *Terramores*

O romance *Terramores*³⁰ foi publicado primeiramente em língua francesa pela editora Grasset, no ano de 2007. Um ano após a publicação na França, a obra recebe a versão castelhana através da editora madrileña *Artemisa*. Assim como ocorre em *O ano da seca*, a narrativa descreve os efeitos sociais e morais desencadeados pela Guerra Civil Espanhola no universo mítico da *Isla menor*. O enredo gira em torno dos os amores proibidos, alimentados nas cavernas e nos tubos vulcânicos propiciados pela geografia canária.

O autor esclarece, em uma pequena introdução ao romance, que a expressão “*terramores*” foi catalogada no sétimo volume do dicionário de usos canários da língua castelhana como:

Neologismo formado pela união do prefixo latino terra e da palavra amor. Relaciona-se aos amores subterrâneos, aqueles que acontecem debaixo da terra pela necessidade dos amantes esconderem-se, ou aqueles amores que sucedem no plano simbólico e se constroem a partir de armadilhas e enganos, repletos de subterfúgios³¹ (LA ROSA, 2008, p. 9).

A narrativa inicia-se com a morte do burro de Inocencio, um viúvo rude, pai dos adolescentes Policarpo e Cesarín. O autor aproveita-se da cena inaugural para descrever uma das tradições da *Isla Menor*, o “*malgareo*”, por meio do qual os islenhos entoam em voz clara e audível cada parte do ser morto, remetendo-a a um habitante do povoado: “– Vamos dar-lhe a língua e a boca do burro para que arrume a sua boca feia”³² (LA ROSA, 2008, p. 21). A seguir, leremos a descrição desse costume:

³⁰ A editora francesa Grasset já havia publicado outro romance do escritor, *O ano da seca* (1997) - *L'année de la secheresse* (2003), e adquiriu em 2005 os direitos de seu quarto romance – *Terramores* – que em francês recebeu o título de *Terramours* (2007).

³¹ Neologismo formado por la unión del prefijo latino tierra y del vocabulario amor. Dícese de los amores subterrâneos, bien los que acontecen bajo tierra, por necesidad de esconderse los sujetos amantes, o bien aquellos que transcurren en el plano simbólico y se construyen a partir de ardiles y engaños, repletos de subterfugios.

³² - Le vamos a dar la lengua y la boca del burro para que arregle su boca fea.

E como era de costume quando um animal morria, aconteceu naquela noite o *malgareo*, uma tradição diferente, mas muito comum na ilha. E rapidamente a notícia de que o burro Pandero estava morto espalhou-se e bateu em todas as portas. E as moças casadouras começaram a tremer e a rezar clamando em suas orações isso, somente isso, para Deus não dar ouvidos aos malgareadores, rapazes que comiam pimenta para aclarar a voz e gritar aos quatro ventos, escondidos na montanha vizinha de Tanajara, os segredos mais inconfessáveis da localidade³³ (LA ROSA, 2008, p. 19).

No desenrolar do romance, outros hábitos islenhos delineiam o *ethos* insular. La Rosa descreve, por exemplo, as festas religiosas durante as quais as comunidades dedicam-se aos bailes, à bebedeira, à comilança e à caça amorosa. Vejamos:

Na véspera do dia de São Lourenço, durante a noite, sobretudo se o tempo estava bom, reuniam os pratos típicos no centro da praça de Masilva, onde encontrava-se a capela, mais ou menos próximo à metade da rua *El Cuerno*. Nesse dia confraternizavam, compartilhavam a comida e a bebida e, depois de tanta abundância, havia vizinhos que, acostumados a passar fome, nessa noite chegavam a comer como para três dias chegando, inclusive, à beira de uma indigestão³⁴ (LA ROSA, 2008, p. 180).

Outro exemplo citado pelo autor é o papel do catolicismo na educação e na formação da moral canária. Em *Terramores*, o seu representante máximo é o pároco Dom Nicasio de Jesús. Na narrativa, a igreja atua como aliada da ditadura e reprime qualquer arte e filosofia que não se enquadrem nos ideais da ditadura: “Os artistas, portanto, são totalmente inúteis e, além disso, perigosos porque acreditam que não devem servir a ninguém, somente a si mesmos e a sua própria arte”³⁵ (LA ROSA, 2008, p. 65).

Em conjunto com as descrições de costumes e de crenças, o escritor recria o cenário político da *Isla Menor* no qual seinstauram inúmeras perseguições políticas e ideológicas advindas da ditadura franquista. A partir da cena da guerra, nascem o medo ao desconhecido, a fome, as ameaças da Guarda Civil, os fuzilamentos e um verdadeiro clima de terror. Entre os protagonistas que emergem nesse turbulento meio, encontra-se Manuel el Huido. O jovem passa a ser

³³ Y como era costumbre, cuando moría un animal, aquella noche tendría lugar el malgareo, tradición extraña pero muy arraigada en la isla, y cuando la voz corrió rápida, aldaboneando todas las puertas, para decir que el burro Pandero había muerto, y las muchachas casaderas se echaron a temblar y a rezar, para pedir en sus oraciones eso, sólo eso, por Dios no ser blanco procaz de los malgareadores, muchachos que comían pimienta para aclararse las voces y gritar a los cuatro vientos, escondidos en la vecina montaña de Tanajara, los secretos más inconfesables de los vecinos de la localidad.

³⁴ El día de la víspera de San Lorenzo, a la noche, sobre todo si hacía bueno, se reunían los comistrajés en el centro de la plaza de Masilva, donde estaba la ermita, más o menos hacia la mitad de la calle de El Cuerno. Ese día se confraternizaba, compartiendo la comida y la bebida y, después de la hinchada, había vecinos que pasaban tanta hambre que esa noche comían por lo menos para tres días, muchos de ellos se acercaban al borde de la indigestión.

³⁵ Los artistas, por tanto, son del todo inútiles y además peligrosos porque piensan que no deben servir a nadie sino a ellos mismos, a su propio arte.

reconhecido como “el huido”, ou seja, “o fugitivo”, quando injustamente e apenas por suas concepções políticas é declarado inimigo do regime de Franco e se vê obrigado a esquivar-se da Guarda Civil. Conforme La Rosa (2008, p 119):

Dois dias antes do levantamento nacional, haviam nomeado a Manuel o Fugitivo prefeito de um município de Tenerife, chamado Icod de los Vinos. Primeiramente, os republicanos nomearam-no vereador simplesmente porque era professor, um homem com certa cultura. Porém, a nomeação política durou apenas dois dias, uma vez que quando aceitou o cargo viajou para El Hierro para buscar e cortejar a Rosa e casar-se com ela. Foi um ato infeliz porque no mesmo dia aconteceu o alçamento militar de Franco, e no dia seguinte a própria Rosa rogou-lhe para que se escondera, já que os falangistas mais obstinados da ilha estavam tentando averiguar o seu paradeiro³⁶.

O destino de Manuel el Huido resume-se em fugir incessantemente dos guardas civis. E o desfecho idealizado para o personagem reside nas próprias características geográficas da *Isla Menor*³⁷: esconder-se nas sombras dos sulcos vulcânicos. É dessa forma que o protagonista logra esquivar-se dos delatores de Franco. Sem contar que Manuel recebe a ajuda de amigos e de opositores do regime. Logo,

Sabia-se que sobrevivia escondendo-se pelas cavernas da ilha, tanto naquelas que estavam abaixo da costa, como nas que se encontravam entre os extremos e também nas alturas. Muitos vizinhos lhe deixavam comida por aqui e por ali, (...) Já havia cinco anos que Manuel o Fugitivo vivia precariamente e quase foi visto certa vez pelas patrulhas da Guarda Civil. Contudo, já era tão ágil e tão bom conhecedor dos esconderijos e das tocas que a *Isla Menor* lhe oferecia que, surpreendentemente, os agentes do uniforme verde nunca puderam contar nos botequins que hoje estiveram a ponto de prendê-lo³⁸ (LA ROSA, 2008, p. 119).

A história de Manuel el Huido mescla-se com a trajetória de sua amada Rosa. Durante a narração, os jovens deleitam-se em um relacionamento furtivo que se desenvolve por meio de cartas e de encontros sigilosos na casa da moça e em outros lugares remotos. O próximo excerto foi retirado da carta enviada à jovem por Manuel. A confissão destapa o afugentador cotidiano e torna

³⁶ A Manuel el Huido lo habían elegido alcalde del municipio tinerfeño de Icod de los Vinos dos días antes del alzamiento nacional. Lo nombraron primer edil los republicanos simplemente porque era maestro, un hombre de cierta cultura. Pero el nombramiento político de duró eso, dos días, porque una vez aceptó el cargo viajó a El Hierro para buscar a Rosa, cortejarla un poco más y casarse. Lo que es mala fortuna, porque el mismísimo día que llegó se produjo el alzamiento militar de Franco y ya al día siguiente la misma Rosa le rogó que se escondiera porque los falangistas más recalcitrantes de la isla estaban averiguando su paradero.

³⁷ Ver anexo 4.

³⁸ Se sabía que sobrevivía escondiéndose por las cuevas de la isla, tanto las que había abajo en la costa como las que se encontraban en medianías y arriba en el monte. Muchos vecinos le dejaban comida por aquí y por allá, (...) Hacía ya cinco años que Manuel el Huido malvivía así, y alguna vez fue visto por las patrullas de la Guardia Civil. Pero ya era tan ágil y tan buen conocedor de los escondrijos y madrigueras que los paisajes de la Isla Menor le ofrecían que, a decir verdad, los agentes del cuerpo de los verdes nunca habían podido contar en las tabernas que hoy habían estado a punto de cogerlo.

evidente o legítimo desejo de que a ditadura termine:

E por isso eu fujo para a terra, quero salvar-me, volto a sentir saudade do calorzinho contagiante da vida subterrânea, da vida em terremores. Coloco minha roupa e escolho alguma caverna entre as muitas que eu conheço. Agora posso dormir, cansado mas com a serenidade recuperada. Não sei quanto tempo passou e nem quanto passará para que nos encontremos, não sei quanto aguentarei, não sei quanto tempo a ditadura estará no poder, não sei como livrar-me de minhas condenações, não sei nem ao menos, a essas alturas terráqueas de minha existência, onde se encontram as minhas convicções políticas, a não ser que estejam, certamente, bem distantes dessa condenação, de nossa angustiante separação³⁹ (LA ROSA, 2008, p. 2009).

Na seção 2.2 discutimos sobre as imagens das fugas contrátil e expansível em *O ano da seca*. Em *Terramores*, o movimento se repete: a sobrevivência de Manuel entre os relevos islenhos e as condenações da ditadura manifestam o caráter insular e tolhido da *Isla Menor*. Quando não há para onde fugir, quando não existe saída, o personagem encurta-se em direção ao subterrâneo, para os caminhos projetados pela natureza abaixo da superfície, onde os olhos humanos não podem chegar. Igualmente, os encontros com Rosa consumam-se nas gretas vulcânicas, longe de olhares e de suspeitas. No seguinte fragmento encontramos a descrição de um universo particular regido pelas magias subterrâneas, lugar onde ocorrem os amores condenados pela moral islenha:

Incrível, coisa dessas magias subterrâneas, dos jogos das luzes e das sombras, das armadilhas dessa calorosa penumbra de terremores. Lavas petrificadas em cima e abaixo, por debaixo dos couros de cabra que ele foi utilizando para suavizar o solo petrificado e entrecortado. E encontrar-se assim não foi casual, já que na superfície e à luz do dia eles já se observavam e perguntavam a si mesmos o que havia entre seres aparentemente tão distantes, o que havia entre eles que tanto os tentava⁴⁰ (LA ROSA, 2008, p. 93).

Simultaneamente, a história do casal protagonista – Manuel e Rosa – exemplifica o que temos chamado de fuga expansível. Detidos entre esconderijos e perseguições, os amantes vislumbram liberdade no deslocamento pelo oceano que os leva para um ponto distante da outra margem. No próximo fragmento vemos na carta de Manuel a utopia do lar através da qual a

³⁹ Y por eso huyo hacia tierra, quiero salvarme, vuelvo a echar de menos el calorcito contagioso de la vida subterránea, de la vida en terremores. Me pongo la ropa y elijo alguna cueva entre las muchas que conozco. Ahora puedo dormir, cansado, recuperada la serenidad. No sé cuánto tiempo ha pasado, no sé cuánto ha de pasar para que nos encontremos, no sé cuánto aguantaré, no sé cuánto se eternizará en el poder esta dictadura, no sé cómo quitarme de encima mis condenas, no sé siquiera, a estas alturas terráqueas de mi vida, dónde están mis convicciones políticas, salvo que están, seguro, muy lejos de esta condenación, de esta separación angustiada.

⁴⁰ Increíble, cosa de estas magias subterráneas, de los juegos de las luces y las sombras, de las trampas de esta penumbra caliente de terremores. Lavas petrificadas por arriba y por abajo, por debajo de las pieles de cabra que él fue utilizando para alfombrar el suelo abrupto de sus retozos. Y encontrarse así no fue casual, no pudo serlo porque ellos sobre la tierra y a la luz del día ya se miraban, se observaban esquinados preguntándose qué había entre seres tan aparentemente lejanos, qué había que tanto los tentaba.

Venezuela⁴¹ atua com ares de acolhida e de aconchego. Cabe destacar que o personagem menciona um ano de sequidão associando-o à época da falta de chuva, ao mesmo tempo em que aponta para nós, seus leitores, a intertextualidade com o romance *O ano da seca*.

Tudo o que eu faço é apenas suspirar de pura felicidade: vou me tornar pai e a vida tem o colorido bonito do amor. Nosso filho nascerá livre, lá na Venezuela. Eu tenho milhões de ideias, milhões de planos. Estabeleceremos nossa vida em Barquisimeto, uma cidade do interior onde estão muitos herreños dedicando-se à agricultura, a maioria deles emigrou no ano da seca. Viveremos como se estivéssemos em casa. Mas o que estou dizendo? Estaremos bem melhores que em casa(...)⁴² (LA ROSA, 2008, p. 349).

Outro casal de *Terramores* que se entrega desvairadamente às paixões e aos instintos sexuais é Inocencio e Baldonera. Durante um bom tempo os amantes se encontram às escuras nas cavernas, embora Inocencio considerasse a jovem como sendo “uma menina, ainda uma frágil menina que bem poderia ser a sua filha” (LA ROSA, 2008, p. 57). O homem, possuído por uma paixão proibida e enlouquecedora e, igualmente, apreendido pela moral isleña e desgastado com a criação de seus endiabrados filhos (Policarpo e Cesarín) apresenta-se dividido entre a voz de sua consciência e as seus desejos carnis. Essa problemática existencial é explicitada no exemplo a seguir:

E apesar de amá-la tremendamente a sua cabeça pondera, apesar de dialogar consigo mesmo, como se alguém pudesse vê-lo, pondera e hesita várias vezes porque reconhece que deve deixá-la para que ela parta para outro porto que não seja ele. É verdade, e ele pensa sobre isso frequentemente, porém basta vê-la à noite que tudo é esquecido⁴³ (LA ROSA, 2008, p. 57).

Por outro lado, Baldomera, ainda que se regozije no jogo da sedução, tem cravado em seu

⁴¹ De acordo com Antonio M. Macías Hernández em *La migración canaria, 1500-1980*. Colombres, 1992, nos anos quarenta, com as dificuldades impostas pela Espanha franquista, nasce a conhecida época dos barcos pesqueiros fantasmas. Esse é um tempo dramático e obscuro da história do arquipélago, pois pequenos navios com disponibilidade máxima de cinquenta pessoas chegaram a transportar mais de duzentas para a tão sonhada “Nova Arcádia Prometida”. A repercussão dos migrantes ilegais foi tão impactante que no ano de 1950 o presidente da Venezuela, Pérez Jiménez, pressionou o ditador Franco para conter os fluxos migratórios clandestinos. Surge, portanto, a época das portas abertas. Calcula-se que na década de 50 entraram no país mais de sessenta mil canários. Mais tardiamente nos anos setenta, com a crise Canária e os lucros do Petróleo, incontáveis canários (sobretudo jovens) decidem migrar para a Venezuela. É interessante observar a contribuição dos canários na agricultura venezuelana. Além disso, os ilenhos estiveram presentes em alguns setores da indústria, do comércio e até mesmo das finanças.

⁴² No hago sino gimotear de pura felicidad: me vas a hacer padre y la vida se tiñe del color bonito del amor. Nuestro hijo nacerá libre, allá en Venezuela. Tengo mil ideas, mil planes. Nos afincaremos en Barquisimeto, una ciudad del interior donde hay ya muchos herreros dedicados a la agricultura, la mayoría de los que emigraron cuando el año de la seca. Estaremos como en casa. Pero que digo, estaremos mucho mejor que en casa (...)

⁴³ Y aunque la ama brutalmente su cabeza asiente aunque dialogue consigo mismo, como si alguien lo viera, asiente varias veces porque reconoce que debería dejarla para que ella parta hacia otro puerto que no sea él. Es cierto, él lo piensa a menudo y a menudo, a la noche, es verla y sólo verla y se desdice.

coração o sonho de expandir-se através da fuga ultramarina. Os seus pensamentos afirmam que:

O melhor a fazer agora é esconder-se abaixo da terra, talvez um dia pudessem emigrar, também se vive de sonhos, um dia não muito distante talvez pudessem fugir até a *Isla Mayor* e depois seguir fugindo, fugindo até a Venezuela ou Cuba ou Brasil fugindo. Fugir às vezes com o pensamento já consolava, apenas isso, porém ela não se deixava enganar muito⁴⁴ (LA ROSA, 2008, p. 56).

O desfecho narrativo dos apaixonados Manuel/Rosa e Inocencio/Baldomera realiza-se de forma distinta: o primeiro casal consegue chegar à América do Sul, ao passo que o segundo acaba consumido pela mesquinhez da *Isla Menor*. Baldomera, por exemplo, depois de ser perseguida pelos filhos de Inocencio, os quais a desejavam como amante, morre soterrada dentro da caverna que desmorona como se a ilha fosse capaz de engoli-la para dentro de suas covas vulcânicas “Baldomera é lapidada pela gruta vulcânica”⁴⁵ (LA ROSA, 2008, p. 321). Inocencio, que antes havia endereçado sigilosamente os seus afetos para a jovem e folgaz Baldomera, acaba assistindo ao fuzilamento dos filhos Policarpo e Cesarín, julgados como assassinos e inimigos de Franco. La Rosa cria uma bela metáfora que descreve os destinos dos personagens: de um lado da corda, em terras sul-americanas, estão Rosa e Manuel vivenciando o apogeu de seu amor. Do outro lado, preso à *Isla Menor*, permanece Inocencio sozinho e desiludido.

E se desse lado da corda, atados por seu amor e sem impedimentos, viviam Rosa e Manuel, do outro lado, nesse outro presente que permaneceu na ilha, debatia-se Inocencio, dilacerado por sua dor e com o peso da morte em suas costas, uivando como um lobo e espumando de raiva. Apesar de alguns buracos das balas executoras ainda estarem quentes e fumegantes no paredão dos fuzilamentos, as autoridades já haviam enterrado Policarpo e Cesarín⁴⁶ (LA ROSA, 2008, p. 36) [destaque nosso].

A metáfora da corda utilizada por La Rosa revela a existência de duas possíveis margens para o Atlântico: em uma borda há liberdade, enquanto na outra encontra-se apenas dor. Ademais, essa construção poética também reforça a existência de uma comunidade imaginária multiterritorial e atlântica. Isto é, ainda que o continente americano assuma um tom de familiaridade e de ilimitabilidade e a *Isla Menor* denote encolhimento e paralisia, ambos os universos permanecem

⁴⁴ Mejor por ahora es este esconderse bajo tierra, quizás un día podrían emigrar, de sueños también se vive, un día no muy lejano quizás huir hasta la Isla Mayor y allí seguir huyendo, huyendo hasta Venezuela o Cuba o Brasil huyendo. Huir a veces con el pensamiento consolaba, sólo eso, ella tampoco se engañaba tanto.

⁴⁵ Baldomera lapidada por la gruta volcánica.

⁴⁶ Y si a este lado de la cuerda, atados por su amor, vivían Rosa y Manuel, ya vencidos todos los impedimentos, al otro lado, en ese otro presente que quedó en la isla, se debatía Inocencio, maniatado por su dolor, desatada la muerte campando a sus anchas, aullando como lobo, espumeando rabia. Todavía calientes algunos de los agujeros de las balas executoras, humeando en el paredón de los fusilamientos, y las autoridades ya habían enterrado a Policarpo y Cesarín.

atados pela figura da corda que é, na verdade, o próprio oceano Atlântico. Logicamente, as duas pontas da extensão oceânica necessitam uma da outra para sobreviver. Em *Terramores*, os fatos que ocorrem abaixo da superfície, nas tumbas e nos segredos vulcânicos desvelam os rancores e as ameaças da *Isla Menor*. Porém, ironicamente, essa mesma ponta dos amantes furtivos, da moral estilhaçada e dos pavores ideológicos desvia a nossa atenção para o outro lado: a oportunidade de lançar-se ao mar que se metaforiza em vida e que se concretiza nas rotas projetadas pelos barcos ilegais que cruzam o oceano. *O ano da seca* e *Terramores* nos permitem provar a existência da comarca atlântica, à medida que os seus personagens visualizam o grande oceano a partir de seu sentido espacial de caminho marítimo e, da mesma maneira, reconsideram-no em sua rota simbólica para a liberdade, lançando-se para o exílio. Nas duas obras estudadas, as circunstâncias da opressão militar e as agressivas condições naturais do espaço islenho fazem ressurgir no horizonte da *Isla Menor* a utopia da migração.

Na primeira parte desta dissertação objetivamos apontar, ancorados pela leitura dos romances *O ano da seca* e *Terramores*, a existência de uma comunidade atlântica imaginária, na qual sobressaem espaços multiterritoriais compartilhados por diferentes sociedades onde vão desaguar os lençóis atlânticos. Sob esse mesmo contínuo multiterritorial, emergem pequenas histórias, genuínas proxemias que viajam pelo oceano carregando a força da coletividade. As histórias daqueles personagens migrantes como Aquilino, Isidel, Manuel e Rosa, por exemplo, desviam os nossos olhares para os ares da “atlanticidade” da *Isla Menor* que, inclinada para o Atlântico, estende as suas fronteiras. Analogamente, essas sucessões de acontecimentos representam a memória de inúmeros povos que por motivos adversos deslocaram-se para distantes portos.

No próximo capítulo, entretanto, pretendemos discorrer sobre a existência de narrativas de vida que se voltam para a *Isla Menor*, estreitando-se aos seus espaços subterrâneos. Para tanto, lançaremos mão de figuras poéticas que sintetizam a atlancidade (o Atlântico como símbolo de esperança) e a insularidade (o Atlântico como um grande muro que dificulta a saída).

3. CAPÍTULO 2: A ISLA MENOR E OS PARADOXOS DA INSULARIDADE

AS AURORAS que expulsam a infância seguem o seu curso:
mas o menino, aos pés do porto, alimenta a sua ilusão no eco
das ondas, sonhos, os do mar, que estiveram encharcando o seu
próximo passo, a sua respiração ao nascer.

Agora

velho

lobo

não se lembra dos passados guardados na memória.

E é o mar, que não o deixa. E é a noite, que também não o

desperta. E é, como você, outros nas línguas da maré. Indiferente. Que não vai e não vem. Que somente espera e não o carrega. Que não sabe que em todo lugar do porto, lá, nos pés, o povo, é o seu reino. Tudo aquilo que você tem. Pouco ou nada⁴⁷.

Com o intuito de discutirmos sobre os paradoxos da insularidade, optaremos por uma releitura dos romances *O ano da seca* e *Terramores*. No capítulo anterior nos concentramos na problemática da descoberta do espaço multiterritorial atlântico e, concomitantemente, observamos que a *Isla Menor* de La Rosa esculpe-se na brisa da atlanticidade: sempre exposta ao mar, inscreve-se nos traços espaciais e simbólicos da comunidade atlântica, fator que caracteriza a sua inclinação expansível, isto é, o seu prolongamento em direção ao mar. Por outro lado, descobrimos que, em determinados momentos, o mesmo oceano que liberta assemelha-se a um poderoso muro de água que condena os personagens da *Isla Menor* a um egresso retraído, reduzindo-os aos seus caprichos e pavores.

Como estudamos no capítulo anterior, o autor canário transporta o nosso olhar em direção a duas possíveis margens atlânticas: ilha e mar. Retornando à metáfora da corda utilizada por La Rosa (2008, p. 366), a qualidade de ser ilha e de, ao mesmo tempo, pertencer ao que estamos chamando de comarca imaginária atlântica redesenha o *continuum* multiterritorial atlântico da *Isla Menor*. Neste segundo capítulo, especificamente, objetivamos voltar a olhar com atenção para os paradoxos da insularidade, uma vez que o peculiar universo islenho mostra-se contraditório, pois ora volta-se para si mesmo, ora desprende-se em direção ao infinito oceano. Os sentimentos de liberdade e de encerramento complementam-se como duas pontas de um uníssono e imaginário cordão, nutrindo-se no âmago de cada personagem, cujos pensamentos permanecem presos nas cavernas vulcânicas, mas também alçam voos para além da geografia da *Isla Menor*.

⁴⁷ LAS AURORAS que expulsan la niñez, siguen su curso:
pero el niño, a los pies del muelle, mantiene su farsa
en el eco de las olas, sueños, los del mar, que estuvieron
encharcando su paso próximo, su respiración al nacer.

Ahora

Viejo

Lobo

no recuerda los pasados suspendidos en la memoria.
Y es el mar, que no lo deja. Y es la noche, que tampoco
lo despierta. Y es, como tú, otro en las lenguas de la
marea. Indiferente. Que no se va y que no se viene.
Que sólo espera y no te lleva. Que no sabe que todo
el rincón del muelle, allá, los pies, el pueblo, es tu reino.
Toda tu pertenencia. Borrajas de agua.

Poema *Isla*, tomo IX, retirado do livro *Altamarinas* (LA ROSA, 1997, p. 57)

Nas entrelinhas da dissertação, comprovamos que La Rosa também delineou um espaço imaginário, caracterizado por confluências e fruições que compreendem a comunidade atlântica. Sabemos que o autor descreve a *Isla Menor* em profunda conexão com os espaços americanos. Em *O ano da seca* e em *Terramores*, por exemplo, o oceano Atlântico renasce como um caminho para a esperança e para um novo começo.

Nas próximas páginas do presente estudo, procederemos ao exame da construção poética da insularidade no espaço mítico da *Isla Menor*, a partir da análise dos romances já discutidos no capítulo anterior em diálogo com os poemas reunidos sob o título *Altamarinas* (1997b).

Para avaliarmos as contradições da insularidade, precisamos primeiramente constatar que as Ilhas Canárias foram um dia imaginadas na concepção clássica e idealizadas pelo olhar dos grandes conquistadores europeus. O islenho carrega em seu ser e em sua história a faculdade de pertencer à comunidade imaginária atlântica e, simultaneamente, ao universo- ilha. Na obra *Por un imaginario atlántico* (1996, p. 19), Ramos ressalva que a existência de um espaço comum e imaginário, que inclui as Ilhas Canárias e as terras conquistadas por Cristóvão Colombo, é reclamado ainda nas culturas grega e latina. Na *Odisseia*, do poeta grego Homero (entre IX-VIII a.C), por exemplo, Menelau, rei de Esparta, é convocado a descansar nos Campos Elíseos, também conhecidos como Ilhas Afortunadas. Segundo as crenças gregas, repousavam no local apenas nobres homens: heróis, sacerdotes, poetas, e deuses. Já naquele tempo, acreditava-se que o conjunto de ilhas localizava-se no oceano ocidental, onde se encontram as ilhas Madeira, Canárias, Açores e Cabo Verde⁴⁸. Nos versos que seguem, encontramos a imagem dos Campos Elíseos associada a um lugar de tranquilidade e de descanso:

Prossegue o vate: — É o Ítaco Laércio.
Na ilha o vi desfêito em grossas lágrimas.
Por Calipso retido, e sem navio
Para vogar no páramo salgado.
Genro de Jove, tu de Helena esposo,
Morrer em campo Argólico não deves,
Mas, junto ao flavo Radamanto, o Elísio
Deleitoso habitar, confins da terra;
Onde os humanos docemente vivem,
De temporais, de neves, de invernadas
Sempre isentos, e de auras do Oceano
Fresco bafejo e respirar suave. —
Então sumiu-se no espumoso ponto⁴⁹.

⁴⁸ BRANDAO, Juanito de Souza. *Mitologia grega*. Vols I-III, Petrópolis: Vozes, 1996.

⁴⁹ MENDES, Manoel Odorico. *Homero Odisseia*. 3.ed. São Paulo: Atena, 2009. Tomo IV. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/odisseiap.html> Acesso em: 10 dez. 2013.

Ainda de acordo com Ramos (1996, p 20), Hesíodo (século VIII a.C) também se referiu aos Campos Elíseos em seu poema “*Os trabalhos e os dias*”. O poeta grego afirma que as pessoas que vivem nas Ilhas Afortunadas, no Oceano de profundas correntes, têm o coração livre de sofrimento. Também é de nosso conhecimento, que o poeta Píndaro (século V a.C) menciona a temática das Afortunadas em sua *Ode Olímpica*. Para o escritor, o local é o destino final das almas agraciadas. Mais adiante, entre as centúrias V e VI a.C, Platão reconstrói a lenda da Atlântida com o auxílio dos diálogos de Timeu e Crítias, conforme observamos a seguir:

Primeiro que tudo, recordemos o principal: passaram nove mil anos desde a referida guerra entre os que habitavam além das Colunas de Hércules e todos aqueles que estavam para aquém; convém agora que discorramos sobre ela em pormenor. De um lado, segundo se diz, estava a nossa cidade que comandou e travou a guerra até o fim, enquanto que do outro estavam os reis da Ilha da Atlântida, ilha essa que, como dissemos há pouco, era maior do que a Líbia e a Ásia juntas. Mas, actualmente (sic), por estar submersa graças aos tremores de terra, constitui um obstáculo de lama intransitável para aqueles que querem navegar dali para o alto-mar, de tal forma que nunca mais pode ser ultrapassado (PLATÃO, 2011, p. 220).

Na concepção de muitos escritores clássicos, as Ilhas Afortunadas encontravam-se em um território chamado “Rio Oceano”. Contudo, com o desenvolvimento da cartografia e da geografia, o mundo antigo passou a classificar a região de modo mais exato e científico. O naturalista romano Plínio (23 a 79 d.C.), por exemplo, relatando a viagem do rei Juba II da Mauritânia para as Ilhas Afortunadas no ano 40 a.C., foi o primeiro estudioso a utilizar o termo “canária”. Por outro lado, foi o geógrafo Pompônio Mela (século 1 d.C.) quem situou o arquipélago por primeira vez em um mapa. O historiador Plutarco (46 a 120 d.C.), em seu conjunto de biografias intitulado *Vidas Paralelas*, menciona os feitos do general romano Quinto Sertório (122 a 72 a.C.). De acordo com Plutarco, ao lutar bravamente na guerra civil nos anos derradeiros da República Romana, o militar conscientiza-se sobre a existência de algumas misteriosas e calmas ilhas próximas à Hispânia (península ibérica), com relação às quais manifesta o desejo de fixar residência:

Lá o encontraram marinheiros recém-vin-dos (sic) das ilhas do Oceano Atlântico, que os antigos denominavam Ilhas Felizes. São duas ilhas próximas, separadas por um pequeno braço de mar, distantes da costa da África cerca de cento e vinte e cinco léguas. Pouco chove ali, mas geralmente sopra um vento fresco e agradável, carregado de orvalho, que fertiliza a terra, fazendo-a produzir quanto o homem plante e semeie, além do que brota espontaneamente, fornecendo-lhe quanto necessite para o seu sustento, sem sofrer privação de espécie alguma. O ar é agradável e sereno, completamente inofensivo, sendo as estações do ano muito temperadas. Suas variações nunca são excessivas, porque os ventos que sopram da costa para o interior, ventos do Norte e do Oriente, perdem a força durante o trajeto, antes de chegar ah. Os ventos marítimos provenientes do Sul e do Poente, algumas vezes levam para ali chuvas fracas e passageiras, que geralmente enchem o ar de uma umidade tão útil a tudo quanto a terra produz, que os bárbaros adquiriram a crença de se acharem ali os campos Elísios e a morada das almas bem-aventuradas, tão celebradas pelo

*poeta Homero*⁵⁰[destaque nosso].

Ramos recorre ao exemplo de Isidoro de Sevilha (século VII d.C), o qual refere-se às Ilhas Afortunadas em suas *Etimologias*, afirmando como são felizes e abençoadas e que situam-se no oceano separadas pelo mar. Conforme Ramos (1996, p. 174), para gregos e latinos todas as regiões que se encontravam além das Colunas de Hércules⁵¹ eram consideradas parte de um mesmo mistério, por isso a Antiguidade Clássica já sonhava com o seu descobrimento. Ramos (1996, p.21) recorda que oito séculos depois de Isidoro de Sevilha, Cristóvão Colombo, em seus relatos de viagem, associa as Ilhas Afortunadas ao arquipélago canário. Veremos a seguir como o navegador põe em discussão a figura clássica e mitológica do paraíso terrenal em seu terceiro relato de viagem para as Índias. No final, o conquistador conclui que as Ilhas Afortunadas são na verdade as Ilhas Canárias.

E eu não encontro nem jamais encontrei escritura nem de gregos que diga com certeza onde se localiza o Paraíso Terrenal, nem o encontrei em nenhum mapa-múndi, e o afirmo na autoridade de meu argumento. Alguns achavam que se encontrava nas fontes do Nilo na Etiópia, porém outros andaram por todas essas infinitas terras e não conseguiram obter a sua localização. Porque se lograram compreender que o paraíso era nesse lugar, como as águas do dilúvio puderam alcançar essas regiões? Alguns gentis argumentaram que *o Paraíso Terrenal era as Ilhas Afortunadas, que são as Canárias*, etc⁵² [destaque nosso].

Como sucedeu ao princípio com o navegador genovês, os primeiros exploradores europeus dos séculos XV e XVI consideravam a Índias⁵³ como todo território exterior ao de Gibraltar. Logo, todas as ilhas encontradas no Atlântico e os limites outrora inexplorados no continente americano fizeram parte de um único e vasto imaginário que ressoa até os nossos dias. De acordo com Ramos

⁵⁰ QUINTO SERTÓRIO. Disponível em: < <http://www.consciencia.org/quinto-sertorio> > Acesso em: 10 dez. 2013.

⁵¹ As denominadas “Colunas de Hércules” são um elemento imaginário e mitológico situado no estreito de Gilbratar. O nome tem origem na mitologia grega, segundo a qual o legendário Hércules, para finalizar um trabalho, sentiu a necessidade de criar um estreito marítimo unindo o mar Mediterrâneo ao oceano Atlântico. De um lado permaneceu o grande rochedo (monte Calpe) chamado posteriormente de Gilbratar, de outro lado ficou o monte Hacho ou monte Musa – os dois montes formam as Colunas de Hércules. Na Antiguidade Clássica os navegantes gregos criaram uma série de lendas e de temores para descrever as regiões que se situavam depois das colunas, ou seja, nos arredores do oceano Atlântico. Portanto, as Colunas de Hércules sinalizavam o limite do mundo conhecido, a última fronteira para os povos conquistadores.

⁵² “Y no hallo ni jamás he hallado escritura de latino ni de griegos que certificadamente diga el sitio en este mundo del Paraíso Terrenal, ni visto en ningún mapamundi, salvo situado con autoridad de argumento. Algunos le ponían allí donde son las fuentes del Nilo en Etiopia; mas otros anduvieron todas estas tierras y no hallaron conformidad de ello en la temperancia del cielo o en la altura hacia el cielo, porque se pudiese comprender que él era allí, ni que las aguas del diluvio hubiesen llegado allí, las cuelas subieron encima, etc. Algunos gentiles quisieron decir por argumentos que él era en las islas Afortunadas, que son las Canarias, etc”. (Carta de Cristóvão Colombo para os Reis Católicos. Texto disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/historia/colon/doc25.shtml>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

⁵³ A monarquia de Felipe II de Espanha (1527-1598) constituiu-se pelas “Espanhas” (reinos peninsulares) e pelas Índias (os territórios extra- peninsulares do Atlântico e do Pacífico).

(1996, p. 180), desde a época das grandes navegações até os dias atuais, permanecemos “vinculados pelos construtores de mitos gregos e romanos, vinte séculos depois de Homero ainda permanecíamos extasiados pelo desconhecido”⁵⁴. Fazendo valer a afirmação de Ramos, nós, como habitantes das regiões atlânticas, também pertencemos ao imaginário cultivado nos primórdios da Antiguidade. Em suas palavras:

Continuamos o sonho premonitório da Antiguidade. Canárias está na fundação da metáfora americana, na especulação metafísica dessa nova consciência, nos primeiros nomes dados às coisas, nos primeiros pressentimentos dos seus colonizadores mais sensíveis, daqueles que não apenas vivem os acontecimentos, mas também experimentam a necessidade de transcendê-los e de transcender-se⁵⁵ (RAMOS, 1996, p. 181).

Em consonância com o onirismo premonitório da antiguidade, o arquipélago canário assenta-se na história da comunidade atlântica como fruto da imaginação criadora de escritores e também de conquistadores. Embriagados pelo mistério que residia além dos espaços já conhecidos, entre o mar Mediterrâneo e o Atlântico, muitos homens idealizaram encontrar figuras imaginárias e desbravar enigmáticas civilizações. Através da cartografia onírica e especulativa dos historiadores e/ou poetas greco-latinos, assim como da máquina conquistadora dos navegadores europeus entre os séculos XV e XVI, Canárias e o continente americano foram espaços sonhados e projetados. Nas palavras de Ramos (1996, p. 176): “Canários e americanos fomos, a partir dessa mentalidade⁵⁶”. E, conseqüentemente, essas duas bordas imaginárias puderam testemunhar um “espaço cultural atlântico onde foi possível e abundante a transculturação de costumes, hábitos, ideias, crenças e desassossegos⁵⁷” (RAMOS, 1996, p. 180).

As Ilhas Afortunadas ou os Campos Elíseos de Homero e de Hesíodo estiveram aliados à concepção de bonança, prosperidade e calma. Além disso, as misteriosas ilhas foram ideadas como o lugar derradeiro para as almas bem-aventuradas como, por exemplo, observamos na *Ode Olímpica* de Píndaro. Conforme mencionamos anteriormente, na obra *Vidas Paralelas*, Plutarco discorre sobre as agraciadas ilhas cantadas pelo poeta Homero concebendo-as como terras frutíferas e de clima deleitoso, morada das ditosas almas.

Semelhantemente, Canárias nunca deixou de pensar em sua vocação atlântica e americanista

⁵⁴ Vinculados por los constructores de mitos griegos y romanos, veinte siglos después de Homero permanecíamos matrimonizados por el desconocimiento.

⁵⁵ Continuamos el sueño premonitorio de la Antigüedad. Canarias está en la fundación de la metáfora americana, en la especulación metafísica de esa nueva conciencia, en los primeros nombres dados a las cosas, en los primeros palpitos de sus colonizadores más sensibles, aquellos que no solo viven los acontecimientos, sino que experimentan una necesidad de trascenderlos y de trascenderse.

⁵⁶ Canarios y americanos fuimos, desde esa mentalidad.

⁵⁷ espacio cultural atlántico donde ha sido posible y fluida la transculturación de costumbres, hábitos, ideas, creencias y desasosiegos.

– Ramos (1996, p. 192). Com o auxílio dos recursos cartográficos até então idealizados pelos conhecimentos greco-latinos e sob o ponto de vista europeu desde a época das grandes viagens e conquistas, Canárias e América perseveraram atadas por sonhos e imaginações. No final do século XV, no imaginário dos conquistadores e dos cartógrafos, as Índias ainda eram consideradas como pertencentes a todas as rotas externas ao caminho de Gibraltar e, por isso, em suas viagens de exploração, o navegador Cristóvão Colombo depara-se com o arquipélago canário, como vemos em seu diário de viagem:

Parti bem exausto da vila Sanlúcar, em nome da Santíssima Trindade, no dia 30 de maio, local onde eu esperava descanso quando parti dessas Índias. Acabei cansando-me mais, pois naveguei até a ilha de Madeira por um caminho que não conhecia bem a fim de evitar algum escândalo com a armada francesa que me aguardava no Cabo de São Vicente. De madeira naveguei até Canárias⁵⁸.

Desde os primórdios da humanidade até a atualidade os textos literários fazem valer, por meio da criação artística dos escritores, mitos e imagens. O mito, particularmente, ao ser retomado pela literatura e pela arte em geral, funciona como uma proveitosa e inesgotável fonte poética que nos permite reconfigurar a profundidade humana. A mítica da ilha endêmica sempre esteve presente nas manifestações literárias desde os primórdios da história humana até à contemporaneidade. Assim, através de personagens, lugares e acontecimentos redescobrimos uma série de símbolos e imaginários que dão forma e sentido ao universo- ilha. O mito, portanto, associado a uma linguagem poética penetra na realidade e intervém nos propósitos mais profundos do ser humano.

Como vimos na introdução deste segundo capítulo, Platão recria a mitológica ilha Atlântida por meio do diálogo de *Timeu* e *Crítia* – espaço montanhoso, caracterizado pela abundância de água e de recursos naturais. Para o filósofo grego, a Atlântida localiza-se nos aforas dos Pilares de Hércules. Símbolo de força naval, a ilha conquista inúmeros povos da Europa Ocidental e também da África aproximadamente em 9.600 a.C. Na introdução de *Timeu e Crítias* (2011, p.53-54), Rodolfo Lopes afirma que a narrativa platônica resume-se “à descrição de dois mundos antagonicos: a Atenas primavera e a Atlântida; mais propriamente, trata do conflito, em sentido literal, que travaram entre si”. Ainda segundo Lopes, “a ilha Atlântida nunca foi localizada geograficamente e não existe qualquer vestígio histórico dela, quer dos seus habitantes”, embora seja possível abordá-la sob uma perspectiva histórica ou até mesmo alegórica, fruto do processo de

⁵⁸ Partí en nombre de la santísima Trinidad, miércoles 30 de mayo de la Villa de San Lúcar, bien fatigado de mi viaje, que adonde esperaba descanso, cuando yo partí de estas Indias, se me dobló la pena, y navegué a la isla de la Madera por camino no acostumbrado, por evitar escándalo que pudiera tener con un armada de Francia, que se me aguardaba al Cabo de San Vicente, y de allí a las islas de Canaria. Texto disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/historia/colon/doc25.shtml>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

funcionalização de Platão (PLATÃO, 2011, p. 54).

No século XVI, o escritor português Luís Vaz de Camões, em seus cantos IX e X da epopeia *Os Lusíadas* (1992), divaga sobre uma ilha maravilhosa preparada pela deusa Vênus e habitada por belas ninfas: a Ilha dos Amores. Da mesma forma que a antiguidade clássica caracterizou as Ilhas Afortunadas e Platão a Atlântida, a Ilha dos Amores constrói-se como símbolo de descanso e prêmio para os fatigados navegadores portugueses, conforme vemos nas estrofes LII e LIV, presentes no IX canto:

De longe a Ilha vira, fresca e bela,
 Que Vénus pelas ondas lha levava
 (Bem como o vento leva a branca vela)
 Pera onde a forte armada se enxergava;
 Que, por que não passassem, sem que nela
 Tomassem porto, como desejava,
 Pera onde as naus navegavam a movia
 A Acidália, que tudo, enfim, podia

Três formosos outeiros se mostravam,
 Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramíneo esmalte se adornavam,
 Na fermosa Ilha, alegre e deleitosa.
 Claras fontes e límpidas manavam
 Do cume, que a verdura tem viçosa;
 Por entre pedras alvas se deriva
 A sonora linfa fugitiva
 (CAMÕES, 1992, p.400).

Contemporâneo ao poeta português, o escritor inglês Thomas Morus escreve em 1516 sua obra mais famosa, intitulada *Utopia*. Nela, Morus inventa um reino imaginário que está afastado do continente europeu. A *Utopia* constitui-se a partir de um relato fictício do personagem Rafael Hitlodeu (contado ao próprio autor-narrador) que, junto à expedição de Américo Vespúcio, conheceu um lugar perfeito: a ilha Utopia. Portanto, o lugar idealizado é fruto das histórias contadas por exploradores que conheceram a exuberância do continente americano e retornaram à Europa. No trecho que segue, o personagem nomeia a Utopia como uma ilha afortunada:

É possível que depois desse naufrágio, a mesma sorte tenha levado alguns dos nossos à Utopia; mas a lembrança disso está completamente apagada. Talvez a posteridade também esqueça a minha estada nessa ilha afortunada, estada esta que foi infinitamente preciosa para os seus habitantes, pois, por este meio, puderam apropriar-se das mais belas invenções da Europa (MORUS, 2011, p. 64-65).

Ademais, a obra de Morus descreve uma sociedade ideal e utópica, simbolizando um espaço de igualdade que provoca bem-estar em seus habitantes, como podemos ver na sequência.

Não me espanto que penseis assim, replicou Rafael. Vossa imaginação não poderia fazer a menor ideia de uma tal república, ou dela tem apenas uma ideia falsa. Se tivésseis estado na Utopia, se tivésseis assistido ao espetáculo de suas instituições e de seus costumes, como eu, que lá passei cinco anos de minha vida, e que não me decidi sair senão para revelar esse novo mundo ao antigo, confessaríeis que em nenhuma outra parte existe sociedade perfeitamente organizada (MORUS, 2011, p. 63).

Platão, Luís Vaz de Camões e Thomas Morus reforçam a ideia de que na literatura as ilhas sempre foram ilustradas como espaços idealizados e paradisíacos, repletos de belas paisagens, locais habitados por sociedades justas, que vivem em perfeita comunhão e justiça.

Antes de introduzirmos o tema da construção poética da *Isla Menor* de La Rosa e com a intenção de reforçarmos a imagem endêmica insular, daremos um salto cronológico e retrataremos como a mesma temática está presente em algumas manifestações literárias contemporâneas.

A primeira manifestação estético-literária que elegemos para exemplificar a idealização do universo insular é o poema “Ilha”, do cabo-verdiano José Lopes (1872-1962), presente no livro *Hesperitanas* (1929). Em seus versos, o poeta reclama o mito platônico da Atlântida para explicar a origem do arquipélago Cabo Verde:

Tal foi a Atlântida... Hoje o seu mistério
Sonhos eternos do sábio e do romântico
Dorme no fundo do profundo Atlântico
Das vastas extensões assim submersas
Então ficaram essas nossas ilhas
E as outras suas célebres irmãs (...)

Já, pois, vistas, Irmãos cabo-verdianos
Que as nossas lindas e queridas Ilhas
Contam histórias dos remotos anos
Da Atlântida, da qual elas são filhas
(LOPES, 1929, p. 165).

O segundo exemplo que selecionamos é o conto “Brumolândia”, do escritor açoriano Vitorino Nemésio⁵⁹, presente no livro *Paço do Milhafre* (2002). A obra descreve uma ilha escondida nos recônditos do Atlântico, lugar extremamente agradável com “paragens longínquas e esplêndidas, onde conchários (sic) eternos vesicavam o ar com revérberos, e altas plantas exóticas se encabeçavam de folhas, múrmuras a ventos brandos” (NEMÉSIO, 2002, p. 49). Assim como ocorreu com a Ilha dos Amores em os *Lusíadas*, a ilha Brumolândia recebeu em suas margens atlânticas os bravos exploradores europeus, que acabaram surpreendidos com o seu encanto de tal modo que:

⁵⁹ Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva (1901-1978) foi um poeta e escritor de origem açoriana. O escritor destacou-se como romancista, mas também foi professor da Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa.

Assim a pobre terra ia ganhando nomeada no assopro da fama, pois se quedara escondida entre os roçagos do Atlântico, fazendo uma vida simples de pegureiros e de manadas. Aventureiros hispânicos do Quimquecénio, por uma manhã de Agosto, haviam posto ferro na primeira enseada da terra, região pulverulenta de barreiras aonde depois se faziam enormes vasos toscos. Mas a gleba anunciava pouco, nem vivalma, por lá, resfolegava ou sofria, e só rapaces muito negros enchiam o ar de crocitos, como matracas vigiando uma triste vinha vindimada. Logo o capitão se fez de vela à Metrópole, a trazer tão desconsolada nova (NEMÉSIO, 2002, p. 49).

A representação da ilha como um espaço utópico de abrigo e segurança permeou muitas expressões literárias ao longo das centúrias. Muitos foram aqueles que bravamente lutaram pelo ideal do encontro com as tão sonhadas Ilhas Afortunadas. Como discutimos nos parágrafos anteriores, Cristóvão Colombo revela em seu diário de terceira viagem que o paraíso da mitologia clássica era conhecido por alguns como as Ilhas Canárias. No entanto, é preciso observar que, apesar de que na mitologia clássica e em alguns exemplares literários da contemporaneidade, o universo insular associa-se a um imaginário aprazível e bem-aventurado, as ilhas também podem denotar os sentimentos paradoxais de opressão e de segurança. No poema “Ilha”, de La Rosa – presente na obra *Altamarinas* (1997b) –, o autor medita sobre essas duas possibilidades à medida em que a ilha, à mercê dos acontecimentos históricos e das ações dos viajantes, atua como uma grande abertura/vulva receptível e, ao mesmo tempo, emana dor e choro como uma criança sem lar.

Ilha

PEQUENO MAL PASSO alcantilado,
Pesadelo insepulto do vento.

FEITA MULHER
abre a sua vulva basáltica
às grandes sortes da história,
às breves gestas dos viajantes.

E pela sombra,
por leitos cheios
sangra
a resposta de sua entranha:
criança desterrada a ser
fruto guardião
do primitivo letargo do homem⁶⁰
(LA ROSA, 1997b, p. 49).

⁶⁰ Isla
PEQUEÑO MALPASO acantilado, / Pesadilla insepulta del viento.
HECHA MUJER/ abres tu vulva basáltica/ a los grandes surcos de la historia, / a las breves gestas del viajero.
Y por la sombra,/ a cauces llenos/ sangra/ la respuesta de tu entraña:
niño desterrado a ser/ fruto guardián/ del primitivo letargo del hombre.

Consoante Ramos (1996, p. 192), seja sob o ponto de vista da Antiguidade Clássica ou na inauguração dos impérios coloniais, o arquipélago canário e o continente americano emanam uma reciprocidade e uma cumplicidade de velhos amigos. Carregamos ainda hoje o imaginário daqueles homens que sonharam e escreveram sobre uma Canárias e uma América envoltas pelo mito, pela história e pela literatura. Parece possível afirmar que a comunidade atlântica como um fértil viveiro de inclinações culturais, gestuais e memoriais.

De modo similar, as terras americanas emergem através de distintas e, não raras vezes, congruentes áreas culturais. No ensaio “Áreas culturais na modernidade tardia”, pertencente à obra *O sul e os trópicos. Ensaios de cultura latino-americana* (2006), a pesquisadora chilena Ana Pizarro advoga a respeito da existência de blocos latino-americanos, que se sustentam pela história e cultura comuns e são também chamados de “áreas culturais”. A pesquisadora sinaliza que existem imaginários na América Latina que precisam ser pensados como “uma maneira diferente de se relacionar com a vida” (PIZARRO, 2006, p. 95). Há inflexões e gestos que fazem tais sociedades firmarem-se ativamente compartilhando tons, símbolos e deslocamentos. Em especial, Pizarro coloca em evidência uma área a que os estudos culturais têm dado pouquíssima importância: a Amazônica. Conforme a autora, “a área amazônica é um reservatório cultural, berço de parte das formas de seu imaginário, esfera de uma densidade histórica” (PIZARRO, 2006, p. 98) onde reside uma população de vinte milhões de habitantes e que conforma oito países. Os traços que definem a identidade amazônica originam-se de distintos grupos indígenas, fluxos migratórios internos e externos e por “formas comuns de trabalho e de vida, de expectativas e fracassos, por universos míticos, por modos de entrada na cultura ilustrada e por formas violentas de contato e ingresso na modernização” (PIZARRO, 2006, p. 101).

Podemos acercar o arcabouço imaginário e cultural amazônico ao da *Isla Menor* de La Rosa, dado que ambos os universos apoiam-se em trocas culturais e instigam uma sorte de criações míticas e de imaginações. Poeticamente, poderíamos realizar uma leitura insular da Amazônia, pois ela permanece isolada, seja no tocante aos interesses sociológicos ou em sua enigmática reserva florestal que acolhe e, ao mesmo tempo, recua. Em especial, nos romances *O ano da seca* e *Terramores*, a *Isla Menor* constitui-se no dinamismo da sensibilidade clássica – a ilha vista como o paraíso perdido – e da impressionabilidade proxêmica que a dispõe na abertura oceânica e, paradoxalmente, no fechamento atlântico.

3.1 A verticalidade da casa: a *Isla Menor* como um espaço poético imaginado

Em nossa pesquisa, para analisarmos a construção espacial da *Isla Menor* de La Rosa nos

dois romances em análise, recorreremos ao estudo de Gaston Bachelard realizado em *A poética do espaço*, de 1957. Na obra em questão, Bachelard observa que o espaço pode ser compreendido como ferramenta de estudo da alma humana. Para fundamentar seu pensamento, o autor discute sobre diferentes espaços utilizados na literatura: casa, porão, sótão, cabana, gaveta, cofre, armário, ninho, concha e canto. Dessa maneira, Bachelard atesta que por intermédio do espaço podemos estudar a fenomenologia da imaginação, através da qual compreenderemos o seu estado de origem ou a “essencial novidade psíquica do poema” (BACHELARD, 1978, p. 193), que, por sua vez, relaciona-se a uma verdadeira explosão de imagens. Ainda segundo o crítico, a fenomenologia da imaginação “estuda o fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração e da alma do ser humano tomado em sua atualidade” (BACHELARD, 1978, p.194)”. O teórico demonstra que a “transsubjetividade” da imagem pode ser compreendida através da fenomenologia, quer dizer, a partir de uma ótica individual ou de uma “consciência sonhadora” a imagem surge e carrega a força e a amplitude da subjetividade e da imaginação. Por conseguinte, o intelectual defende tanto o estudo da imagem sob uma consciência individual, como sua repercussão no “outro” (ouvinte/leitor):

Por essa repercussão, indo de imediato além de toda psicologia ou psicanálise, sentimos um poder poético erguer-se ingenuamente em nós. É depois da repercussão que podemos sentir as ressonâncias, repercussões sentimentais, recordações do nosso passado. Mas a imagem chegou às profundidades antes de movimentar a superfície. Isso é verdade, mesmo na simples experiência de leitor. Assim a imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa. Enraíza-se em nós mesmos. Recebemo-la, mas nascemos para a impressão de que poderíamos criá-la, de que deveríamos criá-la. A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir e expressão e um devir de nosso ser. No caso, ela é a expressão criada do ser (BACHELARD, 1978, p. 188).

Na introdução ao referido livro, Bachelard pontua que a imagem poética não deve ser considerada apenas como um impulso do passado, como afirmam tanto psicologia quanto a psicanálise. Por possuir um dinamismo próprio, o estudo de uma imagem literária precisa ser ontológico, para buscar o seu significado no presente da enunciação e considerar o papel de cada leitor que se torna autor no instante da leitura. Consequentemente, podemos afirmar que o filósofo é adepto de uma entrega total no tempo da leitura:

Com um detalhe poético, a imaginação nos coloca diante de um mundo novo. Desde então o detalhe prima sobre o panorama. Uma simples imagem, se for nova, abre um mundo. Visto das mil janelas do imaginário, o mundo é mutável. Ele renova, então, o problema de fenomenologia. Resolvendo os pequenos problemas, aprendemos a resolver os grandes. Nós nos limitamos a propor nossos exercícios no plano de uma fenomenologia elementar. Estamos aliás convencidos de que não há nada insignificante na psique humana

(BACHELARD, 1978, p.285).

Com o intuito de estudar a fenomenologia da imaginação, Bachelard opta por investigar imagens simples que se relacionam com a construção poética do lar enquanto espaço de aconchego e proteção. A imagem poética do espaço é comparada à poética do lar.

No primeiro capítulo, intitulado “A casa. Do porão ao sótão”, o estudioso revela que a casa é o nosso ponto de referência no mundo: “Pois a casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos [...] Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela” (BACHELARD, 1978, p. 200). Entre memórias e lembranças, a imagem do abrigo nos acompanha durante toda a nossa jornada como se a casa natal permanecesse inscrita em nosso âmago e nos ajudasse a vivenciar novos lares à medida que a casa abriga o sonho, protege o sonhador e lhe permite sonhar em paz (BACHELARD, 1978, p. 201). Finalmente, o papel da arte poética é captar a construção do espaço em nosso inconsciente: “Pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa” (BACHELARD, 1978, p. 201).

A imagem poética da *Isla Menor* nos romances de La Rosa aproxima-se dos protótipos da casa que Bachelard explicita em *A poética do espaço*. *A priori*, o universo insular assume no cerne de cada personagem o papel da casa. Em outras palavras, o lugar de aconchego e de abrigo adquire o sentido da casa natal que sustenta a metáfora do ninho: “uma terna e quente morada. É uma casa de vida: continua a envolver o pássaro que sai do ovo” (BACHELARD, 1978, p. 258). Concomitantemente, o lugar dos afetos e das memórias infantis também é trabalhado por Bachelard através da imagem da concha (morada do molusco), uma vez que “se quisermos *compreender fenomenologicamente* como o caracol fabrica sua concha, como o ser mais mole constitui a concha mais dura, como nesse ser fechado ressoa o grande ritmo cósmico do inverno e da primavera (p. 274 [destaque do autor]). Nesse ponto, a casa associada ao arquétipo da concha nos revela a solidão de seus habitantes: “Eis o ponto de partida de nossas reflexões: todo canto de uma casa, todo ângulo de um aposento, todo espaço reduzido onde gostamos de nos esconder, de confabular conosco mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um aposento, o germe de uma casa” (p. 286).

Tanto a representação da *Isla Menor* envolta pela ternura e pelo aconchego da infância, quanto o sentido da ilha ilustrado pela solidão, tédio e inação trazidos pela concha, permeiam os romances de La Rosa. Em sua tessitura poética, o universo insular carrega conotações paradoxais: a de um espaço fechado, descrito por Bachelard como o porão da casa e a de um lugar aberto, como a figura do telhado. Essas duas últimas projeções são mantidas, de acordo com o autor, pela noção da

verticalidade. Sob o olhar do filósofo: “A verticalidade é assegurada pela polaridade do porão e do sótão” (BACHELARD, 1978, p. 209). A parte superior da casa tem a ver com o sonho, porém um sonho racional, reflexivo: “O próprio sonhador sonha racionalmente; para ele, o telhado pontiagudo corta as nuvens. Todos os pensamentos que se ligam ao telhado são claros” (p.209). Por outro lado, é no porão onde residem os pensamentos confusos e irracionais: “[...] ele é em primeiro lugar o ser *obsuro* da casa, o ser que participa das potencias subterrâneas. Sonhando com ele, concordamos com a irracionalidade das profundezas” (p.209).

Ao analisarmos nas próximas subseções as imagens poéticas da *Isla Menor* buscaremos evidenciar que o espaço islenho de La Rosa interpõe-se com sentidos de reclusão e isolamento, sobrecarregados pelos sentimentos de miséria física e moral. O anêmico *ethos* islenho e a precariedade propulsionada pela localização geográfica e pelas características geológicas acionam o que chamamos no capítulo anterior de fuga contrátil e fuga expansível, isto é, aqueles que sucumbem perante a ilha contraem-se entre os seus porões, representados pelas cavernas vulcânicas. E aqueles que decidem alçar voos maiores destinam-se à fuga expansível e logram encontrar o telhado da *Isla Menor*, que estamos chamando de comarca imaginária atlântica.

3.1.1 A metáfora do porão: as cavernas vulcânicas

Conforme vimos, Bachelard, em *A poética do espaço*, descreve a casa a partir da verticalidade originada pela oposição do sótão e do porão que indicam, respectivamente, os sonhos e as angústias. Nos andares elevados o homem edifica os mais altos pensamentos, já na parte que fica por baixo da casa, o habitante apaixonado cava cada vez mais a sua profundidade. O porão é o cômodo obscuro da casa, onde os sentimentos condensam-se em sombras, os dramas são cercados e a loucura enterrada: “No porão há escuridão dia e noite. Mesmo com uma vela na mão, o homem vê as sombras dançarem na muralha negra do porão” (BACHELARD, 1978, p. 209).

No romance *Terramores* compreendemos que a ocorrência das cavernas engendradas pela geografia de origem vulcânica canária nos leva a crer na existência do porão islenho. La Rosa descreve autênticos canais subterrâneos que se conectam por meio de estreitas fendas e particularizam o subsolo insular como sendo um lugar despedaçado e rasgado pelas pedras:

Incrível, coisa dessas magias subterrâneas, dos jogos de luzes e de sombras, das armadilhas dessa quente penumbra de terramores. Lavas petrificadas em cima e embaixo, por debaixo dos couros de cabra que ele foi utilizando para atapetar o chão abrupto de seus sobressaltos⁶¹ (LA ROSA, 2008, p. 93).

⁶¹ Increíble, cosa de estas magias subterrâneas, de los juegos de las luces y las sombras, de las trampas de esta

E é exatamente nos orifícios vulcânicos de *Terramores* que se desvelam os amores subterrâneos, relacionamentos condenados pela moral isleña que sigilosamente camufla a superfície insular. No fragmento apresentando a seguir, destapamos os encontros furtivos da jovem Baldomera com o velho Inocencio, pai de Policarpo e de Cesarín:

E pelos couros de cabra que tapetam o chão da caverna, do tubo vulcânico que se abre depois do poço e a que ele pode ter acesso desde a própria casa, assim como ela desde a sua, como se os próprios caprichos geográficos da natureza também tivessem conspirado para uni-los e acolhe-los. Através das peles de cabra que cobrem o solo rodam rodantes agarrados, aferrados um ao outro nesse longo abraço de amor⁶² (LA ROSA, 2008, p. 93).

Em outro momento, deparamo-nos com uma verdadeira *Isla Menor* subterrânea, à medida que Inocencio surpreende-se ao descobrir a possibilidade de acudir, desde sua própria casa, à moradia da amante Baldomera através dos canais vulcânicos:

E se ele começou a cavar o poço sem água foi porque lhe ocorreu e pronto, somente porque resolveu seguir a própria intuição. E o fato foi que se alegrou muito dado que, por pura casualidade, depois de derrubar uma das paredes do poço descobriu a sinuosa caverna de um imenso tubo vulcânico. Na verdade ele não sabia que isso ocorreria, não o havia calculado. E que essas cavidades tortuosas, subterfúgios do amor, fossem dar (em uma de suas mil ramificações) justamente abaixo de casa dela.... Isso sim foi uma sorte tremenda!⁶³ (LA ROSA, 2008, p.222).

As cavernas também atuam como palco para os encontros amorosos dos jovens Rosa e Manuel. Como já foi exposto no capítulo anterior, Manuel é o principal acusado de terrorismo pelo regime franquista, o que leva o personagem a fugir para as grutas e passar a viver a como um exilado, sempre se escondendo dos guardas civis. De acordo com Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2001), todo aquele que é impedido de retornar ao lar torna-se um exilado e passa a viver uma vida anômala e infeliz, vestindo a imagem de forasteiro. Manuel metaforiza-se na vida de um peregrino que, não encontrando a saída da ilha, expatria-se literalmente para o interior das terras canárias. No pequeno excerto da carta que Manuel envia à amante, percebemos o

penumbra caliente de terramores. Lavas petrificadas por arriba y por abajo, por debajo de las pieles de cabra que él fue utilizando para alfombrar el suelo abrupto de sus retozos.

⁶² Y por las pieles de cabra que alfombra el suelo de la gruta, del tubo volcánico que se abre después del pozo y al que se accede desde la casa de él y desde la casa de ella, como si los propios caprichos geográficos de la naturaleza también hubieran conspirado para unirlos y acogerlos. Por las pieles de cabra que tapizan el suelo ruedan rodantes agarrados, aferrados el uno al otro y el otro al uno en este abrazo largo de amor.

⁶³ Y si a él le dio por ponerse a excavar el pozo seco fue porque sí, se le ocurrió y ya está, porque se lo dijo clarito la intuición. Y el hecho feliz de que después de derribar una de sus paredes el pozo le descubriera la gruta sinuosa de un inmenso tubo volcánico fue sólo casualidad, porque él de veras no lo sabía, a ciencia cierta no lo sabía. Y que esos túneles tortuosos, subterfugios del amor, fueran a dar, en una de sus mil ramificaciones, justo bajo la casa de ella, qué era sino casualidad de las buenas.

sofrimento do personagem encaixado nos fantasmas da rotina abaixo da terra:

Saio da caverna, encerrado na noite, porque, subitamente, abaixo, não posso respirar. Me afogo. Saio ao ar. Corro para o mar. Me desnudo e busco na imensidão noturna a nossa estrela. Me lanço em direção as negras ondas, se o mar está calmo, e nado até me cansar e sentir frio⁶⁴ (LA ROSA, 2008, p. 208).

O mesmo sentimento pode ser verificado no fragmento de outra correspondência que o rapaz destina à amada Rosa no princípio de sua furtiva jornada:

Foi uma grande ideia a que você teve, meu tesouro. Esta caverna está ótima. Dessa forma seria proveitoso converter-me em um lagarto. Se a minha barriga aumentasse, se eu me transformasse em um barrigudo como Nicasio de Jesus, coisa improvável nessas precárias condições, já não poderia deslizar-me por esses túneis interiores. A entrada está praticamente encoberta por uns arbustos e se você ainda não a conhece pode passar em cima sem se dar conta já que parece ser uma simples greta das muitas que há nessas paisagens de lava⁶⁵ (LA ROSA, 2008, p. 136).

A jornada do jovem Manuel, conhecido também como O Fugitivo⁶⁶, segue-se nas fendas vulcânicas, onde o rapaz vive como um animal selvagem. Bachelard (1978, p. 210) cita que “O sonhador de porões sabe que as paredes do porão são paredes enterradas, paredes com um lado só, que tem toda a terra do outro lado. E por isso o drama aumenta, e o medo exagera”. Como um desterrado dentro de si mesmo e loucamente apaixonado por Rosa, Manuel mantém-se preso à agonia de uma rotina dupla, traduzida pela vida que leva entre os muros da clausura vulcânica e os encontros com Rosa. Portanto,

Pequeno, bastante estreito, no entanto, era o alçapão através do qual Manuel O Fugitivo tinha acesso à casa de Rosa, a Bem Aventurada⁶⁷. Largo, longuíssimo e gordo era, contudo, o alvoroço que causou. E não era para menos. Há mais de dois anos, aproximadamente, estava Manuel escondendo-se entre as cavernas, fugindo pelas gretas, morrendo porque não morria nesse mal viver que era viver sem Rosa⁶⁸ [...] (LA ROSA, 2008, p. 246).

⁶⁴ Salgo de la cueva, encerrado en la noche, porque, de pronto, abajo, no puedo respirar. Me ahogo. Salgo al aire. Corro hacia la mar. Me desnudo y busco en la inmensidad constelada nuestra estrella. Me lanzo hacia las olas negras, si el mar está calmo, y nado hasta cansarme y sentir frío.

⁶⁵ Fue una gran idea la que tuviste, mi cielo. En esta gruta se está bien. No es húmeda. Lo peor es estar arrastrándome. A este paso más me valdría convertirme en lagarto. Si echara panza, si me pusiera barrigudo estilo Nicasio de Jesús, cosa harto improbable en estas condiciones precarias, ya no podría deslizarme por estos túneles interiores. La boca de entrada está prácticamente tapada por unos arbustos y si no la conoces ya puedes pasar por encima y no percartarte, porque parece una simple grieta de las muchas que hay en estos parajes de lava.

⁶⁶ El Huido.

⁶⁷ Bien Hallada.

⁶⁸ Delgada, bastante estrecha, sin embargo, era la trampilla a través de la cual accedía Manuel el Huido a la casa de Rosa la Bien Hallada. Ancho, larguíssimo y gordo, era, sin embargo, el alborotado que produjo. No era para menos. Más de un año, por no decir dos, llevaba ya Manuel escondido entre grutas, huyendo por las grietas, muriendo porque no moría en ese sinvivir que era vivir sin Rosa [...].

Os antros subterrâneos intercalam-se em acontecimentos grosseiros, que tendem a uma selvajaria desmedida. Para La Rosa (2008, p. 315-316), os irmãos Policarpo e Cesarín apaixonam-se por Baldomera sem saber que ela era cobiçada pelo pai Inocencio: “Baldomera era a rainha e eles o seu trono, súditos do prazer. Eles ofegavam enquanto ela observava o teto da caverna sobre a qual as últimas aberturas tinham sido aperfeiçoadas há pouco tempo por Inocencio⁶⁹”. O desfecho da triangulação amorosa se dá com a trágica morte dos três personagens. Baldomera morre soterrada pelas pedras da gruta: “As pedras, como vivas, começam a cair do teto e também das paredes da gruta. Caem sobre Baldomera⁷⁰” (LA ROSA, 2008, p. 320). Logo depois, os irmãos, considerados como assassinos violadores e criminosos políticos, são fuzilados pelos guardas civis em praça pública: “Policarpo e Cesarín abraçam-se muito forte, procurando as costelas, juntando os corações, como se o nó formado por seus braços e peitos fosse capaz de espantar a morte e deter as balas⁷¹” (LA ROSA, 2008, p. 344).

Segundo Bachelard (1978, p. 209), nós nos sensibilizamos com a polaridade vertical da casa, de tal sorte que nos andares mais altos o idealizador edifica os sonhos intelectualizados, ao passo que o habitante inflamado por sua carnalidade desce até as profundezas do lar onde sucumbe aos delírios e às subjetividades. Em *Terramores*, acreditamos que os “porões” da *Isla Menor* são as depressões vulcânicas em meio às quais emanam paixões descontroladas, relacionamentos dissimulados e fugas clandestinas. Não poderíamos deixar de mencionar que as cavernas islenhas servem de refúgio também aos imigrantes ilegais, vindos do continente africano.

No excerto a seguir vemos como Manuel el Huido socorre uma africana que, ao naufragar em uma embarcação improvisada, acaba dando à luz em terras canárias. No diálogo entre os personagens notamos que a mulher surpreende-se ao chegar a terras espanholas. Manuel, que na verdade também vive clandestinamente, mostra-se compadecido da pobre moça e decide ajudá-la apresentando-lhe os esconderijos rochosos.

– El Hierro, El Hierro, uma ilha da Espanha – adicionou Manuel entusiasmado diante da possibilidade de comunicação.

Mas não.

– Espanha? Não, Portugal – disse a mulher.

– Não Portugal, Espanha, Espanha – repetiu Manuel com ares de instrutor.

E pela expressão que se desenhava no semblante da mulher vale dizer que ela decepcionou-se, que preferia Portugal, pobrezinha, e isso porque que ainda não sabia que tinha ido parar naquele confim atlântico, nessa pequena ilha, afastada nos mapas, distante muito distante

⁶⁹ Baldomera era la reina, ellos eran su trono, súbditos del placer. Ellos jadeaban y ella observaba el techo de la cueva, cuyos últimos tramos habían sido apuntalados por Inocencio hace poco.

⁷⁰ Las piedras, como vivas, comienzan a llover del techo, también de las paredes de la gruta. Caen sobre Baldomera.

⁷¹ Policarpo e Cesarín se abrazan muy fuerte, buscando-se las costillas, encontrándose los corazones, como si ese nudo que forman sus brazos y sus pechos fuera capaz de espantar a la muerte, detuviera sus balas.

da Península, pelo menos mil quilômetros, que alguns dizem que são poucos, mas que se navegam lentamente.

Manuel, O Fugitivo, acolheu-a em seus braços e também nos braços a africana sustentava um menino grande e manso que agora parecia haver dormido, envolvido por uma parte da túnica que grosseiramente cobria a sua progenitora. Manuel tinha decidido levá-la a uma caverna próxima, onde havia velas, mantas e algo para comer⁷² (LA ROSA, 2008, p. 236).

Na narrativa de *Terramores*, La Rosa tece a imagem poética da *Isla Menor* e, como acontece na representação da casa de Bachelard, há cômodos que se veem bem ou, para dizer de outra forma, há lugares onde chega a luz do dia. Por outro lado, existem quartos turvos onde os personagens enxergam primitivamente. Sem dúvida, há no panorama islenho cavidades evasivas por meio das quais proliferam carnalidades, desdobram-se batalhas de sobrevivência e multiplicam-se ações contrárias à moral. O pulsar narrativo consolida-se nas entrelinhas subterrâneas como se houvesse duas ilhas: aquela que os olhos conseguem captar, e outra que reinventa um segundo plano, o qual, apesar de situar-se abaixo do nível do solo, desenrola-se com intensidade e fugacidade nos interstícios do plano precípua. É precisamente nesse patamar abaixo do nível do solo que o homem insular se esconde e busca salvaguarda, ilustrando com esmero a metáfora da concha de Bachelard, detidamente analisada na próxima seção.

3.1.2 A metáfora da concha: a ilha cárcere

Um dos capítulos de *A poética do espaço* denomina-se “A concha”. Originalmente, a concha forma-se através do calcário expelido por seu próprio habitante. O objeto circunscreve uma vida que gira entorno de si mesma já que o molusco, para proteger-se do mundo exterior, constrói uma forma circular que funciona como lar e, ao mesmo tempo, escudo de proteção. Consoante Bachelard (1978, p. 203), cada um de nós possui espaços no interior dos quais guardamos as nossas solidões e também as nossas paixões. Locais onde nos encolhemos em direção a nosso interior, resguardando-nos daquilo que nos rodeia. Esses redutos recebem o valor de concha: “a concha é um invólucro que se abandona” (BACHELARD, 1978, p. 269).

⁷² - El Hierro, El Hierro, una isla de España – añadió Manuel excitado ante la perspectiva de la comunicación. Pero no.

-¿España? No Portugal – dijo la mujer.

- No Portugal, España, España – repitió Manuel, aleccionador.

Y por la expresión que dibujó en su semblante vale decir que la mujer se decepcionó, que hubiera preferido Portugal, pobrecilla, y eso que todavía no sabía que había caído en aquel confín atlántico, en esa isla pequeña, trasapelada en los mapas, lejos muy lejos de la Península, a por los menos mil kilómetros, que se dicen pronto pero se navegan muy despacio.

Manuel el Huido la cogió en brazos y en brazos tenía la africana a su hijo, un niño grande y manso que ahora parecía dormido, envuelto en parte de la túnica que malamente cubría a su progenitora. Manuel había decidido trasladarla a una cueva cercana, donde tenía velas, mantas y algo de comida.

Na sétima parte do poema “Ilha”⁷³ – *Altamarinas* (1997b, p. 55) – La Rosa parece associar a condição do islenho à vida reclusa de um molusco que se exila dentro de seu próprio habitat, local onde o tempo parece estagnar. A ilha reage como algo que aprisiona, mas que também permite a evasão por entre suas fissuras, a que o poeta denomina “gretas”:

Nessa ilha O TEMPO NÃO GEME: o lagarto rouba-o.
 Rastro mas exílio mas também eterno vigor de molusco.
 Não flui
 porque talvez sejam almas de afogado,
 mulheres aconchego para a mansa onda
 e máscara mar mentirosa do destino.
 Não clama.
 Prisão mas greta mas além disso fome à seca.
 Não, nem geme, nem flui ou clama⁷⁴.

Em *Terramores* o tempo da Isla Menor também parece “não gemer”, pois está condenado a um marasmo absoluto. É exatamente o que pensa o personagem Inocencio quando percebe que na *Isla Menor*, “ou ilha de El Hierro, conforme o mapa consultado, o tempo transcorria de outra maneira, corria um pouco preso, agoniado pela violenta paisagem vulcânica e o impassível Mar de las Calmas⁷⁵” (LA ROSA, 2008, p.12). Nas palavras de La Rosa (2008, p. 41), a insularidade resigna a mente do islenho e estreita os seus horizontes na medida em que o condena ao destino irrefutável que a muralha azul (o oceano) impõe.

A ideia da *Isla Menor* interagindo com uma grande concha permeia os romances *O ano da seca* e *Terramores*. Porém, faz-se mister salientar que, embora a concha emane proteção, ela pode na verdade significar reclusão. Bachelard (1978, p. 274) indaga como “o pequeno caracol poderá crescer em sua prisão de pedra?”. O pensador conclui que a concha do molusco que cresce na mesma medida de seu hóspede é uma maravilha do universo. Efetivamente, vivendo a maior parte de suas vidas na *Isla Menor*, os personagens de La Rosa deixam-se guiar pela paisagem e pelo clima insular. O isolamento atlântico (distância entre as ilhas, a península ibérica, a África e a América), o tédio e uma profunda estagnação invadem a alma dos sujeitos. O ambiente islenho envolve-se em sua circularidade, restrição e limitação, provocando sentimentos vagos e nostálgicos. Nemésio (1970, p. 138), revela que “as Almas Cativas significam: coisas e pessoas doridas na penumbra, prisioneiras da ilha geográfica e da ilha que está em todo o homem que configura todo o

⁷³ Isla.

⁷⁴ NO GIME TIEMPO en esta isla: lo roba el lagarto. /Huella pero exilio pero también vigor eterno de molusco. No fluye/porque acaso son almas de ahogado, /mujeres regazo para ola mansa/y mar máscara mentirosa del destino. No brama. /Prisión pero grieta pero además hambre a secas. /No, ni gime, ni fluye o brama.

⁷⁵ la Isla Menor o la isla de El Hierro, según el mapa consultado, el tiempo corría de otra manera, transcurría un poco preso, atosigado por el violento paisaje volcánico y el imposible Mas de las Calmas.

homem”. Em outras palavras, a ilha como um território estritamente geográfico condena à prisão física, enquanto a ilha simbólica que existe em cada personagem leva-o ao cárcere moral ou ao exílio interior.

No romance *O ano da seca* encontramos a ideia contida na metáfora da concha de Bachelard, uma vez que o Atlântico ressurgue no olhar do islenho como a derradeira fronteira do devaneio e da esperança, mas também assemelha-se a uma muralha que captura e estorva a saída, transformando a *Isla Menor* em uma misteriosa e flutuante prisão atlântica. La Rosa (1997, p.23) descreve que:

É a ausência da água o que empurra e é um infranqueável e inavegável muro de água aquilo que impede a fuga. É a grande cartada de um pequeno deus perverso. Os homens não entendem, não compreendem olhar para a beira da terra sem água quando água é também o que os ameaça e confina e encerra ali. Estão a um passo da água, que lambe a costa, a seus pés, sem serventia, salgadoamente inútil.

Assim como a *Isla Menor* de Manuel e Rosa em *Terramores*, em *O ano da seca*, a ilha transforma-se em um reduto de sublimações amorosas como já tivemos oportunidade de observar através da trajetória do casal Efigênia e Aquilino, que se exilam nas cavernas a fim de viver o seu amor: “Era o amor às vezes abrigado entre os ramos frondosos, fartos, das figueiras, ilha acima, porém também às vezes era a paixão brotando na obscuridade arrevesada de uma gruta vulcânica, ilha abaixo no litoral” (LA ROSA, 1997, p. 42). A ilha atua, portanto, como uma legítima e grande caverna, cenário de devassidões e comportamentos animais que dão lugar ao isolamento, à solidão e à angústia: “Atrás dos muros do enclausuramento, pelos espaços da ilha, Aquilino sofria quase tanto quanto Efigênia” (LA ROSA, 1997, p. 51). As aflições e a decadência humana, saturadas pelas desgraças naturais das paisagens e do clima árido da *Isla Menor*, descrevem uma ilha em estado de putrefação, um cenário no qual alguns personagens são consumidos pelas duras paredes da concha cárcere, enquanto outros são expelidos pelas frestas atlânticas em direção aos remotos portos da América:

Era somente água o que seria agora verdadeiramente milagroso, uma tormenta, um céu avultado, prenhe de cirros escuros que ao interromperem regaram com sua vida a seiva de uma ilha que agora mal vivia pútrida, com uma respiração mortífera, como se fora o corpo gigante de um ser pré-histórico que vomita seus derradeiros estertores. A terra cercada de água salgada agonizava. Já o gado, esquelético, pastoreava seu desespero pelas suas paragens incendiadas pela sufocação, pela dura vibração do ar tórrido (LA ROSA, 1997, p. 53).

A trajetória do padre Benito – narrada em *O ano da seca* – é um bom exemplo da

putrescência islenha. Certa noite, com sua vara de pescar na praia, o sacerdote relembra um diálogo que tivera com o personagem Graciano, o qual havia confessando a intenção de fugir para o continente americano em um barco ilegal que sairia de algum canto da costa. As recordações de Benito levam-no a ansiar por desgarrar-se daquilo que o encerrara até então, isto é, a incorporar em sua alma o sangue de um marinheiro que se retira sulcando os mares.

– Quero que me abençoe porque vou embarcar para a América.

E ele atônito sem saber o que dizer.

– Mas, filho, estás certo disso?

–Padre, por favor, só quero que me abençoe, para que não me trague o mar.

E ele o abençoou mesmo sabendo que aqueles barcos estavam proibidos, consolado no segredo eclesiástico, sem saber muito bem que maremoto desatou-se em seu íntimo, sem entender para valer porque foi tão compreensivo, sem reconhecer que precisamente enfrentar aquela travessia impossível era tudo o que ele agora exigia da vida, desse mundo ressecado que o circundava e que agora o constrangia por ele ter sangue de marinheiro, também, verdade seja dita, por que não, de sulcador de mares, fugir, ir embora, novamente o ar novo. Estava confuso e então Graciano abandonou o confessionário, levando as mãos à cabeça, e em sua cara compungida o suor começou a misturar-se com as lágrimas (LA ROSA, 1997, p. 56).

Os sentimentos de cerco e isolamento permeiam o destino do padre Benito que, ao tentar evadir-se para longe da ilha, acaba morrendo ao ser atingido por um raio. Os pensamentos do personagem revelam o reconhecimento da limitação física que o meio insular impõe. A dicotomia entre o fecho islenho e a ilimitabilidade do mar leva-o a idealizar regiões ultramarinas. Contudo, o religioso é sugado pela fatalidade do destino que coloca um ponto final a sua trajetória.

Não houve tempo sequer de dar um gemido, ao menos um grito. Só as duas metades fumegantes e um feixe de chispas, produzido pelo derradeiro pensamento do padre, esse que por fim se converteria na assumida determinação de emigrar, que crepitou um segundo antes de desprender-se em um golpe de vento” (LA ROSA, 1997, p. 57).

Nesta seção examinamos que a *Isla Menor* encarna a metáfora da concha cárcere de Bachelard, uma vez que representa um universo cerrado sobre o qual se constroem vivências exploradas pela monotonia, pelo infortúnio físico e moral e também pelo abuso de forças políticas. Nesse sentido, a *Isla Menor* nada mais é do que uma grande caverna vulcânica sobre a qual entram em erupção segredos e conspirações. Semelhantemente, descobrimos que o meio insular é responsável por uma imaginação criadora que poetiza o espaço insular convertendo-o em um lugar cristalizado na alma humana tendo em vista que, como criadores de conchas, somos também homens-ilha assim como o padre Benito o foi. Como mostra La Rosa (2008, p. 54) por meio dos pensamentos de Inocencio, é preciso: “Guardar as aparências, dizem, guardá-las por culpa do

demônio que somos na estreita ilha que somos uns para os outros⁷⁶”. Além disso, conquanto seja verdade que a ilha aprisiona e sufoca os seus habitantes, ela ainda é capaz de proporcionar uma efervescência de imaginação e de sonho, pois, mesmo estando circunscrita a si mesma, conforma fendas que se abrem para a liberdade.

Nessa lógica, a ilha assemelha-se a um alto desfiladeiro que desagua no mar, o que nos permite dizer que a poética da *Isla Menor* edifica-se a partir de sua posição geográfica, dado que como uma prisão à deriva atlântica, a ilha sobrepõe-se ao prolongamento oceânico. O oceano, por sua vez, não obstante se vista de um tom ameaçador devido a suas assombrosas proporções, opera como uma gigante greta que se abre ao telhado da comarca imaginária atlântica, questão a ser discutida na seção que dá seguimento ao trabalho.

3.1.3 A metáfora do telhado: o oceano Atlântico

Em *A poética do espaço*, a casa é construída no movimento da verticalidade, pois o porão existe na superposição do telhado: “A torre e os subterrâneos das além-profundezas se alongam pelos dois sentidos da casa que acabamos de estudar” (BACHELARD, 1978, p. 213). O sótão, também sinalizado por meio da imagem da torre, localiza-se no sentido oposto ao do porão e representa o outro vértice da casa. Em nossos estudos, observamos que a construção espacial da *Isla Menor* assemelha-se à imagem poética de uma torre: tem a base no subsolo, porém suas extremidades alcançam os céus.

Nos parágrafos da sequência dissertativa, objetivamos atestar, através de releituras de *O ano da seca* e de *Terrramores*, a existência de outrovértice da *Isla Menor* que vai ao encontro do desembaraço e da libertação: o mar, a comarca atlântica.

Para ilustrar nossa argumentação, recorreremos primeiramente ao tomo V do poema “Marmullos” de La Rosa (1997b, p. 38), por meio do qual podemos comprovar que as sensações de isolamento e aflição particularizam a ilha. De igual maneira, no espaço projetam-se sonhos e se multiplicam tradições, que particularizam o *ethos* islenho. No entanto, os dois últimos dois versos revelam a existência de um cordão que desemboca no mar como se representasse o único meio para se escapar daquele lugar:

SOLIDÃO PINTA paisagem na hospedagem das gaivotas. A baía, bater de pardela, alberga barcas repousadas em negro. Os peixes entrecortam as ondas boquiabertas. Solidão transpira ermida: ilha, entranhas submarinas, repousa o alimento.

⁷⁶ Guardar las apariencias, dicen guardarlas por culpa del demonio que somos en isla tan estrecha los unos para los otros.

Demônios de vento assoviam ondas pelos ares.
 Grilos tumultuosos cantam sonho, recobrem tempo. O vento não se transforma,
 concupiscente a chuva.
 Figueiras são fantasmas que piscam luzes de um povoado que fumeja vestígios brumosos
 de lenda.
 Mas.
 No fundo difuso desse vale escarva uma abertura para a sede e também para o mar⁷⁷.

Em *O ano da seca* o diálogo de Aquilino com o pescador Isidel confirma a presença da fresta oceânica citada no poema “Marmullos”. Plasmados pela agonia da solidão e pela determinação de reconstruir a vida longe da tirania ditatorial e do cenário desolador desenhado pela fome e falta de chuva, ambos os personagens abandonam a ilha e viajam no barco *Saturnino* em direção ao continente americano. Ao abandonarem a concha, os emigrantes são arrebatados por um misto de regozijo e dúvida. Na paisagem vista do telhado da casa, tudo parece ser novo e desconhecido:

Aquilino conversava com Isidel e procurava distrair-se assim de suas íntimas cavilações. Porém uma pergunta de Isidel o arrancou de si mesmo e o lançou novamente contra as paredes pegajosas da realidade.
 –Rapaz, por que embarcaste?
 –Não sei, a gente nunca sabe direito porque deixa a ilha – respondeu Aquilino tão solícitamente que quase não tinha dado tempo a Isidel para completar a pergunta. Mas, de súbito desdobrando um gesto como de quem pensa melhor, disse titubeante:
 –Por... por... medo. Medo de tudo, medo da seca e da fome. Medo dos civis. Medos das pessoas. Medo da ilha. Medo... Medo, sei lá... do amor – soltou quase de maneira inconsciente (LA ROSA, 1997, p. 39).

Em nossas análises da verticalidade da casa a partir da ótica do sótão de Bachelard, salientamos a conversa de Aquilino com Isidel, visto que ela evidencia a grande preponderância que tem o oceano na vida dos habitantes da *Isla Menor*. Já sabemos que as cavernas vulcânicas exprimem um estado mais rudimentar da humanidade, quer dizer, a entrega à carnalidade e a sucumbência aos sentidos grosseiros. Consequentemente, tudo aquilo que não condiz com os preceitos morais e religiosos pregados pela ditadura militar e pela igreja católica, escondem-se nos porões da terra, aonde os olhares moralistas não chegam. Por outro lado, é na zona costeira – que acreditamos metaforizar o conceito de telhado desenvolvido por Bachelard – em que os

⁷⁷ SOLEDAD PINTA paisaje en el mirador de las gaviotas. La bahía, batir de pardelas, alberga barcas posadas en negro. Los peces rasgorrecortan olas boquiabiertas.
 Soledad suda ermitas: isla, entrañas submarinas, reposa el alimento.
 Demonios de viento silban olas por los aires.
 Grillos tumultuosos cantan sueño, recubren tiempo. No cambia el viento, concupiscente la lluvia.
 Higueras son fantasmas que guñan luces de un pueblo que humea vestigios brumosos de leyenda.
 Pero.
 En el fondo difuso de este valle escarba un hueco para la sed y también el mar.

personagens redescobrem-se a si mesmos como genuinamente pertencentes ao horizonte atlântico.

Ao escorregarem pelas frestas do alçapão vulcânico, alguns personagens desprendem-se das amarras insulares e se lançam ao mar. Mar que simboliza o ápice da torre: um nobre lugar no qual os personagens são guiados pela elevação dos pensamentos. E, metaforicamente, o mar medianoiro que intercepta a *Isla Menor* e outras margens atlânticas. Com a partida, os personagens libertam-se do cárcere que os mesmos muros de água outrora sustentaram. Nesse espaço de tempo, ironicamente, o oceano representa a amplitude, a calma e a condição de liberdade. Portanto, cercada pelo Atlântico em toda a sua circunferência, a ilha de La Rosa tem uma de suas extremidades plantada nos interiores da terra (cavernas) e outra projetada em direção à comunidade imaginária atlântica.

É curioso observar que Bachelard, em *A poética do espaço*, também apresenta uma elaboração dialética do exterior com o interior da casa: ora o primeiro espaço representa a prisão, ora o segundo sinaliza a imensidão. Trazendo essa noção inversa para o nosso debate sobre a verticalidade da *Isla Menor*, podemos depreender que aquilo que circunda o *ethos* insular equilibra-se nos princípios da retenção (fuga retrátil) e da soltura (fuga expansível).

Assim, através do olhar imaginador do personagem migrante, por exemplo, notamos a grandeza ilimitada do seu interior que o leva a buscar em uma nova terra o aconchego do antigo lar. Analogamente, sabemos que o exterior pode representar o bloqueio, como sucede com o próprio Atlântico, que nos romances de La Rosa, assemelha-se a um vasto cerco de água. É preciso ponderar, contudo, que como uma lógica dialética, a amplitude apenas existe porque coexiste com o pequeno, isto é, com a clausura. Para os personagens de La Rosa, a prática de sonhar com o horizonte atlanticista atenua-se com a presença dos espaços retidos ilustrados pelas cavernas vulcânicas. Na verdade, a parte exterior da casa isleña (o oceano) somente pode ser plenamente compreendida quando transformada em algo interior (a ilha subterrânea), pois o espaço sonhado é imaginado e recordado intimamente quando os personagens escondem-se nas fissuras da terra natal. Os versos de Ódon Machín, recitados durante a viagem no barco Saturnino, corroboram com a ideia do devaneio que permeia a emigração, quando o eu lírico deposita na América o onirismo de uma nova casa. Vejamos:

Deste ano o mês de outubro
 Histórico deve ser
 para aquele que saiba compreender
 o que significa o mundo
 [...]

 Impossível é a vida
 luta com inconvenientes
 porque o suor de sua fronte

muito pouca coisa lhe alivia,
 assim é que o homem cisma,
 pode ser um equívoco
 porém para a América eu vou
 (LA ROSA, 1997, p. 41).

De maneira símile, o casal Rosa e Manuel, protagonistas de *Terramores*, conjecturam no oceano a querência da libertação. O Atlântico atua como se fosse o cume da grande choupana canária. O vértice da casa é o lugar onde os personagens recuperam o fôlego de vida e planejam a sua soltura para além do infinito.

Pizarro (2006) reflete sobre as espessuras das textualidades que constroem e conformam determinadas áreas culturais. Sem dúvida, a proximia islenha construída nas obras de La Rosa particulariza-se pelo encadeamento atlântico insular: cada personagem divide-se entre a possibilidade de adentrar no próprio meio e a contingência da emigração realizada pelos barcos fantasmas. Portanto, na *Isla Menor* de La Rosa há um manejo proxêmico que converte os seus personagens no caráter dual de ser prisioneiro da terra e, ao mesmo tempo, tripulante do mar. É o que encontramos no seguinte excerto, em que a ilha assemelha-se a um cárcere, ao passo que o movimento emigratório, a saída (“o alçapão”), representa a vida e a realização do amor:

Devemos devolver com acréscimos o dinheiro que reuniu a sua família e a minha para enviar-nos para a América. Eu sei que é um esforço bem grande que requer muitas privações e misérias. *Cada vez está mais difícil sair dessas ilhas cárceles*, ainda mais depois de que esse cretino Franco proibiu a emigração. É uma lástima, essas ilhas poderiam ser um paraíso, poderiam voltar a ser as Ilhas Afortunadas, as ilhas dos Bem-aventurados, como eram na Antiguidade. Bem, como você pode ver, o meu papel acabou, minha lindeza, *mas o resto eu lhe contarei depois de amanhã pela noite quando abramos o alçapão do amor. Tomara que possamos partir já. Rapidamente. Imediatamente. Recuperar a vida e o tempo perdidos o antes possível. Sei que você me dirá como estão indo os preparativos. De quem a ama muito. Seu MANUEL*⁷⁸ (LA ROSA, 2008, p. 349-350 [destaque nosso]).

Voltando ao poema “Marmullos”, tomo II, vemos corroborar uma vez mais o *ethos* do personagem islenho, através da figura de um pescador sofreado por sua condição dúbia que o torna refém da ilha, com seu solo pedregoso e esburacado, ao mesmo tempo em que a costa, responsável por trazer os êxtases dos mares, o deixa inebriado, remetendo-nos novamente à metáfora do telhado de Bachelard. Vejamos:

⁷⁸ Debemos devolver con creces el dinero que ha ido reuniendo tu familia y la mía para poder enviarnos para América. Sé que es un esfuerzo muy grande, que implica muchas privaciones y miserias. Cada vez es más difícil salir de estas islas cárceles, sobre todo después de que ese cerdo de Franco prohibiera la emigración. Es una lástima, estas islas podrían ser un paraíso, podrían volver a ser las Islas Afortunadas, las Islas de los Bienaventurados, como en la Antigüedad. Bueno, como vez, se me ha acabado el papel, mi bonita, pero el resto te lo cuento pasado mañana por la noche, cuando abra la trampilla del amor. Ojalá podamos partir ya. Pronto. Inmediatamente. Recuperar lo antes posible la vida y el tiempo perdidos. Ya me dirás cómo van los preparativos. Te quiere. Tu MANUEL.

PELOS CÉUS DA NOITE ESTRELA vigia a distância
Erótica do cosmos.

Amanhecer bocejo e azul por cima
duas gaiotas.

O pescador junto à margem, no caminho prevenido
da cana. O farrapo da noite desluzido na luz, o sol
força o hímen das águas

abertas

algas.

Os pardais que não madrugaram fogem ultramarinos.
E tanta claridade agora fere o dorso do meu sangue,
o negro torso azul de lagarto.

Em direção à costa calado rochoso, barranco, esta via
que traz para o mar os murmulhos do cume,
o precipitar-se alado da ave,
pela fuga

pico desafiante

para a presa

apavorada.

Vinhas, folhagens quentes de vida. Sol sobre o mar:
barbatanas e tentáculo, de terno olhar de peixe.
Quase sempre me inunda seu luxo escuro.

Flutuando,

afogo-me⁷⁹

(LA ROSA, 1997, p. 34-35)

⁷⁹ POR LOS CIELOS de la noche estrella vigila la lejanía
erótica del cosmos.

Amanecer bostez y azul arriba

dos gaviotas.

Pescador junto al veril, en el camino precavido de
la caña. Desleído en luz el harapo de la noche, sol
fuerza el himen de las aguas

abiertas

algas.

Las pardelas que no madrugaron huyen altamarinas.
Y tanta claridad ahora hierre en la espina mi sangre,
el negro torso azul del lagarto.

Hacia la costa calado rocoso, barranco, este cauce
que trae al mar los murmullos de la cumbre, el
precipitarse alado del cernícalo,
por la fuga

pico desafiante

hacia la presa

despavorida.

Viñas, racimos calientes de vida. Sol sobre la mar:
de aletas y tentáculos, de tierna mirada de pez.
Casi siempre me inunda su lujo oscuro.

A flote,

me ahogo.

Na presente seção equiparamos os significantes Atlântico e *Isla Menor* com o intuito de fortalecer a construção proxêmica do universo islenho arquitetado no arcabouço literário de La Rosa. Como ocorreu com a metáfora da corda – estudada na primeira parte da dissertação – em que observamos como o arquipélago canário e o continente americano estão interligados pelo cordão atlântico, na casa de Bachelard a imagem do porão e a do telhado permanecem atadas pelo seu movimento lineal, a que o autor se refere como sendo a verticalidade da casa. Traçando um paralelo com o *ethos* islenho das obras em discussão, mar e terra coexistem na cosmovisão do personagem canário. Em consonância, na seção que dá seguimento à pesquisa observaremos que, embora a vastidão do Atlântico seja uma estrada para o sonho e a liberdade, ela também se constitui como lugar de inúmeros desafios. O oceano permite a fuga para outros portos, porém o ato de exilar-se para longínquas terras dá lugar a sentimentos de nostalgia e de solidão.

3.2 A centralidade da casa: a ilha como um ponto mágico do Atlântico

Na seção 3.1 discutimos sobre uma série de elaborações poéticas inscritas na *Isla Menor* apoiando-nos, para tal discussão, no conceito da verticalidade de Bachelard, usado para demarca o cerco islenho, ou seja, tudo aquilo que sucede em silêncio nos canais vulcânicos. Da mesma forma, a noção da verticalidade sinaliza a beleza da margem, quer dizer, a parte exterior da caverna relaciona-se com o mar e com a possibilidade de o sujeito evadir-se. Porém, é possível imaginar a casa como um ser concentrado quando nos damos conta de sua centralidade (BACHELARD, 1978, p. 208). Com esse centro de força imaginária – que faz analogia à força centrípeta – a ilha constitui-se sobre si mesma como a casa natal, em que há convergência de diversas imagens por meio das recordações do indivíduo. Ainda de acordo com o filósofo, a casa, quando reconsiderada a partir de sua função primeira, qual seja, o refúgio e a intimidade, impele-nos à circularidade da cabana: “em sua própria casa, na sala familiar, um sonhador dos refúgios sonha com a cabana, com o ninho, com os cantos em que gostaria de se encolher como um animal em seu buraco” (BACHELARD, 1978, p. 216).

Como base em nossa rede argumentativa, não é segredo que permanecer atado à ilha significa conservar-se preso e exilado ao cárcere islenho, situação retratada com esmero pela metáfora da concha de Bachelard e pela figura das cavernas vulcânicas presente em *Terramores*. Paradoxalmente, abandonar a *Isla Menor* é exilar-se no íntimo, porquanto, desde outra perspectiva, o universo islenho toma sobre si a imagem poética da casa natal. Bachelard – em *APoética do espaço* – afirma que a casa natal permanece fisicamente inscrita em nosso âmago, proporcionando-nos os valores de sonho, ainda que o lugar possa não mais existir. Nas palavras do próprio autor: “A

casa natal, mais que um protótipo de casa, é um corpo de sonhos [...] Nela aprendemos hábitos de devaneio particular. A casa, o quarto, o sótão em que estivemos sozinhos, dão os quadros para um devaneio interminável, para um devaneio que só a poesia poderia, por uma obra, acabar, perfazer” (BACHELARD, 1978, p. 207). Concomitantemente, cada pessoa possui uma casa onírica, descrita pelo filósofo como “uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro. Essa casa onírica é, dizia eu então, a cripta da casa natal” (BACHELARD, 1978, p. 207).

A imagem poética da casa natal já havia sido discutida por Bachelard em *A poética do devaneio* (1960), obra na qual o autor defende a ideia de que a casa da infância revela-se ao ser humano como um lugar exclusivo onde vigoram a segurança, o aconchego e os afetos que lhe permitem a própria identificação. Segundo Bachelard (1996, p. 5), voltar aos tempos infantis e recordar o período vivido em seu primeiro lar só é possível a partir da prática do devaneio, que nada mais é que “uma fuga para fora do real”. O lar original tem a ver com as nossas principais recordações infantis: “A casa natal – perdida, destruída, demolida – permanece como a morada principal dos nossos devaneios da infância. Os refúgios do passado acolhem e protegem os nossos devaneios” (BACHELARD, 1996, p. 130).

Em *Terramores* é possível estabelecer relações semânticas entre a casa natal e a casa onírica daqueles personagens que emigram para o continente americano. Nas cartas de Manuel a Rosa – e vice-versa – encontramos os sonhos projetados sobre a casa futura, que se localizaria em territórios venezuelanos. É possível observar que os valores poetizados sobre o lugar de destino carregam muitos signos do antigo lar, como se casa natal, isto é, a *Isla Menor*, permanecesse inscrita em seus corações:

Nosso filho nascerá livre, lá na Venezuela. Tenho mil ideias e mil planos. Nós nos estabeleceremos em Barquisimeto, uma cidade do interior onde há muitos canários do Hierro que se dedicam à agricultura, a maioria daqueles que emigraram quando ocorreu o ano da seca. *Estaremos como em casa. Mas o que estou dizendo? Estaremos bem melhores que em casa:* para começar, poderemos sair a passear de mãos dadas [...] Nós nos banharemos no mar e nas cachoeiras do interior. Comeremos arepas e cachapas⁸⁰ (LA ROSA, 2008, p. 348-349) [destaque nosso].

Já sabemos que em *Terramores* Rosa e Manuel fogem para a Venezuela na tentativa de

⁸⁰ Nuestro hijo nacerá libre, allá en Venezuela. Tengo mil ideas, mil planes. Nos afincaremos en Barquisimeto, una ciudad del interior donde hay muchos herreños dedicados a la agricultura, la mayoría de los que emigraron cuando el año de la seca. Estaremos como en casa. Pero qué digo, estaremos mucho mejor que en casa: para empezar, podremos salir a pasear, cogidos de la mano [...] Nos bañaremos en el mar y en las cascadas del interior. Comeremos arepas y cachapas.

poder construir uma vida diferente daquela que levavam na *Isla Menor*. Na verdade, mesmo antes de deixar a ilha o personagem Manuel já era um exilado, uma vez que, como vimos em seções anteriores, o jovem vivia se esquivando de esconderijo em esconderijo por temer a hostilidade do regime franquista. Conforme afirma Said:

Embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro (SAID, 2006, p. 54).

Quando Rosa e Manuel chegam à Venezuela, a moça escreve uma carta para os pais confessando a sua profunda nostalgia e extrema saudade da *Isla Menor*. A respeito desse sentimento Bachelard (1996, p. 135) afirma que: “Quanto mais longe se está do país natal, mais se sofre a nostalgia de seus odores”. A ilha de La Rosa, associada à metáfora da casa natal na “profundidade extrema do devaneio” (BACHELARD, 1978, p. 202), apanha os valores poéticos da infância. Logo, por meio de uma nova perspectiva, e de maneira irônica, o espaço islenho perde as conotações de porão e de cárcere que se refletiam nas cavernas vulcânicas e passa a ressignificar o paraíso material e maternal, muito bem trabalhado na Antiguidade Clássica.

Cabe recordar que por seu caráter eminentemente acolhedor, a metáfora da concha de Bachelard concilia-se à poética da casa natal com todas as suas lembranças infantis. No entanto, não podemos nos esquecer que a couraça do molusco também simboliza a solidão e o encerramento; por conseguinte, surge a figura do telhado que permite o personagem devanear e, inclusive, divagar sobre o lar que foi deixado para trás. O casal canário, desde o telhado da comarca atlântica, que se estende simbolicamente na linha dorsal oceânica de uma extremidade a outra do Atlântico, reveste-se do calor do exílio e mune-se de um tom saudosista.

Said cita que o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (SAID, 2006, p. 46). É exatamente por meio dessa fratura que os personagens emigrantes devaneiam sobre a *Isla Menor*, tendo em vista que é através da prática devaneadora que o inconsciente e a imaginação permanecem arraigados à casa natal. Rosa, por exemplo, já estabelecida na nova borda atlântica, rememora os elementos mais característicos da ilha, quando então o cheiro e a paisagem adquirem traços poéticos. Dessa maneira, afirma a personagem:

A nostalgia às vezes é como um nó na garganta, um nó muito apertado que, apesar de esforçar-me para chorar, nunca se desfaz. Dói quando eu engulo e não me deixa respirar profundamente. Quando isso acontece, o único que realmente me alivia é sentar-me escrever para vocês [...] Às vezes eu penso na ilha como um ponto mágico. Tenho um mapa aqui, em

frente à parede do escritório, no qual o Hierro aparece bem pequenininho. Começo a olhar esse ponto até que a minha vista escurece. Então fecho os olhos e posso vê-los, dentro de minhas recordações, quase posso sentir o cheiro especial da ilha, mistura de mar e montanha, o vento cheio de salitre. Passeio pelos pinheiros, pela costa, pelas lavas vulcânicas, sinto em minhas mãos a textura das recordações, revivo cada detalhe curioso, esse tipo de coisas que se fixam em nossa memória em nossa memória contra todo prognóstico e contra toda lógica⁸¹.

Vale citar aqui o que Bachelard (1978, p. 207) afirma a respeito da complexa relação que o sujeito estabelece com essa casa primeira: “A casa natal, mais que um protótipo de casa, é um corpo de sonhos”. Em *Terramores*, quando o casal protagonista ancora-se na outra orilha atlântica, os sentidos de abrigo e de proteção inclinam-se à *Isla Menor*, antiga morada dos protagonistas. A memória do espaço islenho ressuscita na fruição dos pensamentos de Rosa, como se, ao fazê-lo, a ilha pudesse continuar eternamente viva em sua alma, pois “é no plano de devaneio e não no plano dos fatos que a infância permanece viva em nós e poeticamente útil. Por essa infância permanente, mantemos a poesia do passado. Habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança, é viver na casa desaparecida como nós sonhamos” (BACHELARD, 1978, p. 207).

Em um trecho da correspondência que a jovem envia para a família que havia permanecido na *Isla Menor*, a personagem recupera a casa natal movida por uma sorte devaneadora que a faz confessar que,

Eu vivo a ilha diariamente. Levo-a dentro de mim, essas lavas também petrificam meu coração. Não sabia que era possível amar tanto uma terra e sentir constantemente a sua falta. Os pinheiros, o mar, as crateras reinventadas por remotas erupções, os lagartos, o Garoé – minha querida e santa árvore – a Virgem dos Reis ali em sua silenciosa capela da *La Dehesa*, os pastores, o queijo, os pescadores e os antigos refogados. O que antes passava inadvertido agora é necessidade crucial, recordação imperecível, que coisa. Outra vez eu volto para os detalhes, mãe: sinto saudade do seu caldo de lentilhas. Aqui os sabores são diferentes. A fruta tem outro gosto, ainda que tenha o mesmo aspecto. O ar é distinto, mais denso, talvez pelo calor, não sei. Enfim, vocês me fazem muita falta⁸² (LA ROSA, 2008, p. 365).

⁸¹ La nostalgia a veces es como un nudo en la garganta, un nudo muy apretado que, aunque me esfuerce en llorar, no se deshace. Me duele al tragar y no me deja respirar hondo. Cuando esto ocurre, lo único que de veras me alivia es sentarme a escribirles [...] A veces pienso en la isla como en un punto mágico. Tengo un mapa, aquí, frente a la pared del escritorio, en el que aparece, muy pequeñito, El Hierro. Me pongo a mirar ese punto hasta que se me nubla la vista y aparece como una bruma. Entonces cierro los ojos y puedo verles, desde el recuerdo, casi puedo sentir el olor especial de la isla, mezcla de mar y monte, el viento lleno de salitre. Paseo por los pinares, por la costa, por las lavas, siento en mis manos la textura de los recuerdos, revivo detalles curiosos, ese tipo de cosas que se nos adhieren a la memoria contra todo pronóstico y contra toda lógica.

⁸² Yo vivo la isla a diario. La tengo dentro, esas lavas enrocan también mi corazón. No sabía que una tierra podía amarse de esta manera tan rotunda, echarla así de menos, de este modo constante. Los pinos, el mar, los cráteres reventados por erupciones remotas, los lagartos, el Garoé, mi querido árbol santo, la Virgen de los Reyes, allí en su silenciosa ermita de La Dehesa, los pastores y el queso, los pescadores y las viejas guisadas. Lo que antes pasaba inadvertido ahora es necesidad crucial, recuerdo imperecedero, qué cosas. Otra vez vuelvo a los detalles, mamá: echo de menos tu potaje de lentejas, aquí los sabores son otros. La fruta sabe diferente, aunque su aspecto sea parecido. El aire es distinto, más denso, quizás por el calor, no lo sé. En fin, ustedes me hacen mucha falta.

É interessante notar que os pensamentos a respeito da casa natal fazem com que os personagens retornem à infância. A casa das primeiras memórias aciona as calmas brisas atuando, portanto, como uma aconchegante cabana que dispensa proteção e apoio. Por isso, em sua carta Rosa prefere recordar os detalhes de quando era apenas uma menina:

A memória da nostalgia sempre me leva para a infância, os primeiros anos de vida são como um pátio cheio de luz, repleto de sol. Quando, mãe, você me dava banho na banheira, com a água esquentada pelo sol, e dava-me de comer caldo de lentilhas bem moídas, aproveitando as brincadeiras na água, minha distração. Disso eu me lembro bem: dos detalhes⁸³ (LA ROSA, 2008, p. 362-363).

O ato de rememorar essa casa carregada de significados por meio da quimera da infância também pode ser verificado em *O ano da seca*, ainda que de modo distinto. Podemos comprovar tal assertiva através da análise dos pensamentos de Efigênia, logo após ser abandonada por Aquilino (o rapaz embarcara no Saturnino) e dar à luz o filho primogênito, assassinado e sepultado pelo vô Cândido no quintal de casa. Apesar de a personagem seguir habitando a *Isla Menor*, observamos que ela sofre um extremo exílio interior, pois como mãe solteira e imediatamente desprovida do filho, ela se vê renegada pela família e, como uma mulher abandonada pelo amante, sente-se privada de sonhos. Consequentemente, a válvula de escape encontra-se nas lembranças infantis, nas quais o universo islenho alcança uma atmosfera de intimidade e de calma:

Agora, depois de tanto tempo, não entendia por que voltavam a invadi-la aquelas sensações da infância. Apenas um brilho, uma palavra no pátio da infância e o vestígio dentro pode fazer-se inolvidável, imortal apesar das distâncias mentirosas que impõe o esquecimento. Por isso também descrevia essas sensações que margeavam o inefável em seu diário, para ao lê-las, rememorar-las sempre que quisesse. E assim ia transcorrendo a vida, vivendo ela através do diário. E por isso também nessas páginas havia a textura branda de uma toalha dos dias longínquos em que ainda com poucos anos a mãe Glória a suavizava ali na pia onde lavava a roupa, para tirar-lhe do corpinho os salitres pinicantes⁸⁴ (sic) do mar. Conforme envelhecia, a infância ia assaltando-a a cada vez com mais insistência, e era a infância de repente o cheiro da farinha de milho amassada com queijo e mel enquanto chafurdava com outras crianças em um charco da costa rodeado de caranguejos vermelhos, vigiada pela mãe, e era de repente o dia em que uma pomba desorientada lhe pousou do lado, sedenta, rogando-lhe água; porém era também subitamente além da tarde primaveril em que Lázaro, o doido de Rijalbo, pôs um barril na ponta de La Laja, meteu-se dentro e dando gritos de felicidade se azafamou tanto até que caiu no mar dizendo que ia para a América segundo as correntes, que ia sulcar o oceano dentro daquele dismantelado tonel de vinho feito de madeira ordinária de pinho (LA ROSA, 1997, p. 141).

⁸³ La memoria de la nostalgia siempre me arrastra a la infancia, la niñez es como un patio lleno de luz, repleto de sol. Cuando, mamá, me bañabas en la pileta, con el agua recalentada por el sol, y me dabas de comer el potaje de lentejas, todo molido, aprovechando mis juegos en el agua, mis distracciones. De eso me acuerdo. Los detalles.

⁸⁴ Expressão cunhada pela versão em língua portuguesa. Tem origem no verbo “pinicar”, que significa causar comichão.

Falamos sobre a questão da centralidade da *Isla Menor* comparando-a com a definição da casa natal de Bachelard. No entanto, a casa da infância pode ser examinada como contraponto à casa sonhada na medida em que “é preciso sempre deixar aberto um devaneio de outro lugar” (BACHELARD, 1978, p. 237). Na verdade, o lugar real e aquele imaginado permanecem atados metaforicamente, uma vez que sonhamos a partir do instante em que nos é materializado. Isso significa que podemos imaginar e idealizar um novo lar a partir das significações que a casa natal funda em nossos pensamentos.

No poema tomo IX do “Isla”, La Rosa sintetiza o paralelismo existente entre os devaneios da infância e a seriedade do agora. Como meninos que sonham à beira do porto, somos embriagados pelo contínuo movimento das ondas imaginando as nossas próximas paragens enquanto nos soltamos para além de nós mesmos. Por outro lado, como velhos suspendidos por um tempo remoto, contraímos-nos pelos cantos de nossa própria ilha, que constitui nossa real moradia, e somos instigados pelas marés que trazem histórias de ourelas oníricas que já não podemos habitar.

AS AURORAS que expulsam a infância seguem o seu curso: mas o menino, aos pés do ancoradouro, alimenta a sua farsa no eco das ondas, sonhos, aqueles do mar, que estiveram encharcando o seu próximo passo, a sua respiração ao nascer.

Agora

velho

lobo

não lembra os passados suspendidos na memória.

E é o mar que não o deixa. E é a noite, que tampouco o desperta. E é, como você, outro nas línguas da maré. Indiferente. Que não vá, nem vem. Que somente espera e não o leva. Que não sabe que todo recanto do porto, lá, os pés, o povoado, é seu reino. Tudo lhe pertence. Água sem importância⁸⁵ (LA ROSA, 1997b, p. 57).

Na trama narrativa de *O ano da seca* o personagem Obdúlio, no exato momento de adentrar no barco Novo Adão, recua covardemente, pois “todo esse mar pela frente o assustou tanto que decidiu, após ter pago a passagem e após ter-se desvelado tanto e tanto nos árduos preparativos da viagem, não embarcar, tal foi o tamanho da lufada de pânico que o atravessou” (LA ROSA, 1997, p. 75). Mais adiante, o homem arrepende-se e se lança ao mar quando finalmente toma consciência do peso que é viver confinado em uma mísera ilha. Finalmente, Obdúlio “tinha se capacitado de que o

⁸⁵ LAS AURORAS que expulsan la niñez siguen su curso: pero el niño, a los pies del muelle, mantiene su farsa en el eco de las olas, sueños, los del mar, que estuvieron encharcando su paso próximo, su respiración al nacer.

Ahora

viejo

lobo

No recuerda los pasados suspendidos en la memoria. Y es el mar, que no lo deja. Y es la noche, que tampoco lo despierta. Y es, como tú, otro en las lenguas de la marea. Indiferente. Que no se va y que no se viene. Que sólo espera y no te lleva. Que no sabe que todo el rincón del muelle, allá, los pies, el pueblo, es tu reino. Toda tu pertenencia. Borrajas de agua (LA ROSA, 1997b, p. 57).

que devia fazer era emigrar, dar a si mesmo uma oportunidade fora das estreitas paisagens da *Isla Menor*” (LA ROSA, 1997, p. 76). Já na embarcação, o personagem devaneador divaga sobre o antes e o depois da viagem, contrapondo a sua atual casa – a ilha – à tão sonhada morada no continente americano:

E bracejava e nadava para longe *desta puta merda seca e ressequida porque nada tenho que me prenda ao povoadozinho que me viu nascer, que nem cama tenho, apenas aquele enxergão naquela choça empoeirada cheia de lagartixas, dormir ouvindo ratazanas, os mesmos ratos que deixaram louco o meu avô, a se meterem até em seus sonhos, assim iria acabar eu mesmo, assim fodido, porque aqui ninguém progride, deveria ter trazido a imagem da Virgem de los Reyes, que foi para isso que me deu de presente a minha mãe, mas também de que me serviria se não serviu até agora, com tantas desgraças que tive de sofrer, melhor deixar os santos em paz, que por mim nada têm feito, nem me arranjar uma mulher; ou homem para matar a solidão, alguma boa companhia para quando o vento sopra frio de cima trazendo a bruma, tanta solidão em tão pouco espaço, e na América a gente trabalha e ganha e até dizem que há quem faça um dinheirinho, vamos lá, Obdúlio, nada, tens que ficar livre, liberado para fazer o que te der na telha, nada, tenta ouvir a voz da razão, toma folego e volta a sonhar que és gente e não um boneco ou marionete nas mãos do regime do roubo, nada, Obdúlio, nada em busca de algo, bracejava já quase chegando ao barco (LA ROSA, 1997, p. 76) [destaque do autor].*

Como podemos notar, o sentimento de imensa saudade que perpassa a carta de Rosa (*Terramores*) quando a personagem se encontra no exílio colide com a percepção de Obdúlio sobre a ilha (*O ano da seca*), pois para o rapaz, continuar vivendo em Canárias seria o mesmo que curvar-se diante da própria carência emocional e da miséria contextual.

Apesar de a *Isla Menor* inspirar diferentes sensações naqueles que emigram e originar uma sucessão de territorialidades concretas e simbólicas/textuais, é preciso conscientizar-se que, poeticamente, a casa natal (a *Isla Menor*) e a casa onírica (o continente americano) conservam-se atados pelo imaginário do *continuum* atlântico, que denominamos em outro momento como comarca atlântica. Há quem possa indagar se a casa para onde se vai é mais real do que a casa de partida. Nesse sentido, podemos recorrer às palavras de Bachelard, as quais denotam a ideia de que ambos os universos sobrevivem em coexistência, pois a casa sonhada é mais uma textualidade, edificada a partir do primeiro lar, configurando-se, portanto, como a “cripta da casa natal” (BACHELARD, 1978, p. 207).

Trazendo a discussão para as obras em tela, podemos afirmar que os personagens de La Rosa emitem devaneios sobre o novo lar a partir das multiterritorialidades vivenciadas no lugar pátrio. Isso quer dizer que a *Isla Menor* faz surgir uma rede de proximidades que, através da prática devaneadora, permite aos seus atores traçar paralelismos e criar imaginários – inclusive quando estão se deslocando já em alto-mar – em razão de o Atlântico atuar como uma espécie de “entre-

lugar⁸⁶”, no qual as fantasias e as recordações se reorganizam. Voltemos a Bachelard:

No oposto da casa natal trabalha a imagem da casa sonhada. Já tarde na vida, com uma coragem invencível, dizemos ainda: O que não se fez, será feito. Construiremos a casa. Essa casa sonhada pode ser um simples sonho de proprietário, um concentrado de tudo o que é julgado cômodo, confortável, são, sólido, além de desejável pelos outros (BACHELARD, 1978, p. 236).

Em termos esclarecedores, se incidirmos sobre a *Isla Menor* a força da verticalidade de Bachelard intuiremos os valores de obscurecimento do porão e da luminosidade do telhado, cujas fendas se abrem para o devaneio da liberdade, poeticamente trabalhado na imensidão atlântica. Ademais, parece plausível concebê-la a partir de sua centralidade, isto é, a ilha pensada como uma grande caverna vulcânica que desagua no mar, ao mesmo tempo em que pode ser compreendida como um ponto mágico no oceano, movimentos que remetem à polaridade da casa natal e da casa onírica, ambas explicitadas por Bachelard. Isso significa que é possível enxergar a *Isla Menor* na variedade territorial que, por sua vez, converte-se em diversas textualidades: as cavernas vulcânicas, a zona costeira e o encontro com o mar, a posição geográfica na comarca imaginária atlântica, a linha territorial que une o arquipélago às costas americanas etc.

O universo islenho descrito nas obras estudadas erige-se sob uma genuína e poliédrica configuração cultural que possibilita a constituição de símbolos, os quais, por sua vez, modelam o encadeamento proxêmico canário. Dessa maneira, o *ethos* islenho distingue-se na cadência dos movimentos contrátil e expansível, pois ora detém-se sobre si mesmo, ora dilata-se em direção ao devaneio metaforizado na força das marés. Não podemos esquecer que todas essas propriedades que, *a priori*, parecem ser contraditórias, conformam o *ethos* islenho, conforme entendido por La Rosa. A *Isla Menor* atua, nesse sentido, simultaneamente como cerco e abrigo e os distintos modos de reconfigurar literariamente o espaço canário comprovam seu aspecto notadamente multiterritorial.

Reportando-nos uma vez mais às palavras de Pizarro (2006, p. 95), existem sociedades sobre as quais os imaginários imprimem formas diferentes de se relacionar com a vida: são tons, inflexões, gestos e deslocamentos que arquitetam a sua densidade histórica e recriam o seu arcabouço cultural.

⁸⁶ O conceito de “entre-lugar” foi estudado por Silvano Santiago nas obras *Uma literatura nos trópicos* (1978), *Vale quanto pesa* (1982) e *Nas malhas da letra* (1989).

4. CONCLUSÃO

DESDE O AVIÃO

Aos meus irmãos todos os emigrantes

Já não há longas distâncias,
Já não há mares azuis e extensos
onde se afogam os cantos perdidos
dos marinheiros.

Já não existem montanhas silenciosas
fechando horizontes,
como sombrias muralhas gigantes
que formam fronteiras e separam mundos...

Já se encurtam os longos caminhos,
ressecados e cruéis,
por onde se distanciam os seres queridos...

Já tudo está próximo:
o amor, a casa, e as coisas que se foram
que tanto quisemos.

Já alenta nas almas
a clara vidência.
De que não há distâncias;
Já surge radiante o limpo horizonte
onde encontram eco nossos pensamentos,
onde as recordações encontram-se gozosas,
presentindo
um mundo de renovações!

A rota do céu
nos abre o caminho que acreditamos sonho,
e com a esperança
nos frio lábios
dizemos “adeuses” pensando no retorno,
de cara para as estrelas,
rumo ao claro porto...

E o sonho rosa das ilusões,
mae, namorada, casa! ...
Já não estamos distantes!
A rota celeste sempre estará aberta!
Nós dormimos meninos, sonhando em uma viagem,
Cavalgando, nas verdes crestas de um relâmpago fugaz!⁸⁷

⁸⁷ O poema é de autoria da escritora canária Mercedes Pinto e pode ser encontrado na obra *Cantos de muchos puertos: poesias*, de 1931.

DESDE EL AVIÓN

A mis hermanos todos los emigrantes

Ya no hay largas distancias,/ ya no hay mares azules y extenso/ donde se ahogan los cantos perdidos/ de los marineros.

Na dissertação “Víctor Álamo de la Rosa e os devaneios atlânticos” realizamos uma série de percursos imaginários que nos permitiram vislumbrar a construção ficcional da *Isla Menor* em algumas obras do escritor canário. Em síntese, constatamos que o personagem islenho distingue-se, nas adversidades, do *ethos* canário. E de modo ambíguo, o universo-ilha ilude-se por sua força centrípeta e se estira conforme os encantamentos da comarca imaginária atlântica. Uma vez que a constituição do espaço relaciona-se intimamente com a história cotidiana e pessoal, concluímos que as pequenas vivências narradas por La Rosa reescrevem a História do arquipélago canário.

As leituras críticas de *O ano da seca* e *Terramores*, compreendidas como narrativas da vida insular, colocaram-nos diante de angustiantes circunstâncias humanas e, certamente, os poemas retirados de *Altamarinas* contribuíram para a poetização do real na medida em que tornaram mais lírica a condição canária. As obras estudadas acionaram vicissitudes humanas tais como: a sobrevivência na perseguição política e na ausência de água e comida; as paixões carnis e irracionais que se dão nas frinchas sociais; a busca pela libertação contida na ideia da emigração e, por que não, o desejo por um território simbólico em cuja superfície seja permitido ao homem ancorar a própria alma.

Com o objetivo de oferecer uma visão mais completa e histórica, sistematizaremos o que foi discutido em cada parte da dissertação. No primeiro capítulo, intitulado “A multiterritorialidade atlântica”, expusemos a situação dicotômica de alguns personagens que vivem na *Isla Menor*, mas que se sentem cativados pelo espaço multiterritorial que engloba a comarca imaginária atlântica. No decorrer da análise, o panorama islenho configurou-se como um *continuum* de territorialidades simbólicas e espaciais que moldou a proximidade canária e influenciou em sua forma de atuação. Quando a ilha exerceu a sua sedução centrípeta, muitos personagens recuaram em direção aos subterfúgios oferecidos pelo seu território, parecendo-nos possível encontrar um reduto da ilha imaginária no interior da *Isla Menor*. Por outro lado, quando a esperança oceânica enlaçou as almas

Ya no existen montañas silentes/ cerrando horizontes,/ como negras murallas gigantes/ que forman fronteras/ y separan mundos...

Ya se acortan los caminos largos, / resecos y crueles, / por donde se alejan los seres queridos...

Ya todo está cerca: / el amor, la casa, y las cosas idas/ que tanto quisimos.

Ya alienta en las almas/ la clara videncia, / de que no hay distancias; / ya surge radioso el limpio horizonte/ donde encuentren eco nuestros pensamientos,/ donde los recuerdos se arraiguen gozosos,/ presintiendo/ un mundo de renovaciones!

La ruta del cielo/ nos abre el camino que creímos sueño, y con la esperanza/ en los labios fríos/ decimos “adioses” pensando en la vuelta, / cara a las estrellas, / rumbo al claro puerto...

Y el sueño rosa/ de las ilusiones, / ¡madre, novia, casa!... Ya no estamos lejos! / la ruta celeste siempre estará abierta!/ nos dormimos niños, soñando en un viaje,/ cabalgando,/ en las verdes crestas de un fugaz relámpago!

cativas com o devaneio da travessia atlântica, outros protagonistas emigraram ilegalmente para a América em embarcações improvisadas. A ilha intuída por La Rosa oscilou, portanto, entre o estímulo da insularidade com suas amarras invisíveis e a atração atlanticista, representada pela metáfora da corda que une as duas margens atlânticas em questão: Canárias e América.

O romance *O ano da seca* descreve o movimento de alguns personagens que ousaram desprender-se em direção ao mar em barcos quase fantasmagóricos. Aquilino é um bom exemplo desse movimento, uma vez que abandona a amada Efigênia e o filho que ela carregava no ventre e parte para a América. Outras figuras foram vencidas pelo magnetismo da terra, como o padre Benito, por exemplo, que acabou sendo dizimado pela queda de um raio quando estava na areia da praia admirando o horizonte marinho.

Em uma linha de pensamento dialogal, lembramos que *Terramores* também nos forneceu os dramas interinos que se disfarçaram nas saídas para lavas vulcânicas comprovando, assim, a corrida contrátil de seus atores. Manuel e Rosa, por exemplo, encontraram na ilha subterrânea o aconchego da casa natal, embora seja importante ressaltar que no decorrer da história o casal se deslocou rumo ao continente americano, fato que ilustra com maestria a dilatação atlântica da ilha.

A *Isla Menor* de Víctor Álamo de la Rosa é transpassada por uma veia multiterritorial e encontra na insularidade os contratempos da terra e do mar. É exatamente essa temática que trabalhamos no segundo capítulo, sob o título de “A *Isla Menor* e os paradoxos da insularidade”. Ao fazê-lo, optamos por realizar, inicialmente, um breve percurso por algumas manifestações estético-literárias da literatura clássica que giram em torno da questão das chamadas Ilhas Afortunadas. Chegamos à conclusão de que as ilhas sonhadas estão envolvidas por um imaginário que acabou contribuindo para o devaneio poético de escritores, artistas e historiadores que delas se ocuparam ao longo dos anos. De fato, vimos que as Ilhas Canárias e, por conseguinte, a *Isla Menor* foram projetadas ainda na Antiguidade Clássica, o que terminou por fortalecer o papel da comunidade atlântica como um espaço de confluência de sensibilidades culturais e históricas.

Ainda na segunda parte da dissertação, elencamos forças imaginativas que nos ajudaram a compreender a realidade do arquipélago, assim como tivemos a oportunidade de verificar que a *Isla Menor* de La Rosa assume o papel da casa natal – conceito desenvolvido por Bachelard – projetando-se, dessa maneira, em sua verticalidade. As conexões metafóricas instrumentalizadas na pesquisa foram demarcadas por duas imagens centrais: a do telhado, que é a zona litorânea, e a do porão, representado pelas as cavidades vulcânicas. Em outras palavras, podemos dizer que a ilha mantém as suas extremidades fixadas simultaneamente em ambas as pontas, de tal sorte que a primeira lhe permite vivenciar a liberdade e o devaneio, enquanto a outra o conduz para a intimidade e o encurtamento.

Já no final do segundo capítulo, detivemo-nos na ideia da centralidade isleña, cuja força da terra metaforiza-se na casa natal. Cabe lembrar que em muitas circunstâncias o universo fictício de La Rosa interagiu como uma grande caverna vulcânica, fato que nos levou à essência da concha de Bachelard, a qual exprime solidão e proteção ao mesmo tempo. A verticalidade bachelariana, a partir da qual propusemos pensar a *Isla Menor*, considerando, para tanto, a dialética caverna/oceano, colocou em evidência os sentimentos de reclusão e de iluminação, haja vista que, ao deixar o espaço insular, o personagem surpreende-se pelas múltiplas saídas que o mar lhe oferece. Dessa forma, coube-nos adentrar em diferentes momentos da emigração, cujos devaneios em pontos longínquos da grande comarca sopram valores oníricos que reconfiguraram simbolicamente a ilha, transformando-a em um enorme ponto mágico no meio da imensidão oceânica.

Concebida a partir de sua centralidade, a ilha nos permitiu conhecer a polarização entre a casa onírica (América) e a casa natal (Canárias). Foi interessante constatar que, desde outra perspectiva, a *Isla Menor* adquiriu ares mais suaves, permanecendo para sempre incrustada na alma daquele que partiu.

O arquipélago canário, reinventado no projeto literário de La Rosa, mostrou-nos a monotonia, o medo e a opressão que a condição insular pode impor ao sujeito. Por outro lado, o panorama oceânico, referenciado na figura do Atlântico, confirmou a fluidez e a abertura que o espaço isleño alberga. Pertencente à comarca imaginária atlântica, a *Isla Menor* está atada aos caprichos do tempo, suscetível à grandeza da vida que sopra em suas orlas. Disfarçando-se nas ondulações do mar, as intempéries do horizonte reescrevem a história de Canárias sob o olhar do mundo. Por vivenciar a ilha diariamente, os personagens ensimesmam-se como um molusco o faz em sua concha. Entretanto, a presença do Atlântico lhes oferece asas para que possam alçar voo rumo à a infinidade de mares e continentes.

Segundo Livia Reis – no artigo “O Haiti é aqui, o mar sem fronteiras”⁸⁸ –, o escritor cubano Benítez Rojo, em um ensaio publicado sob o título *La isla que se repite* (1998), consegue captar a continuidade cultural dos povos banhados pelo oceano Atlântico. Certamente, a presença de uma multifacetada configuração multiterritorial lhes proporciona ritmos e musicalidade, pois

[...] os Povos do Mar se repetem incessantemente, diferenciando-se entre si, viajando juntos em direção ao infinito. Certas dinâmicas da sua cultura também se repetem e navegam pelos mares do tempo sem chegar a lugar algum. Se tivesse que enumerar em duas palavras, estas seriam: atuação e ritmo (BENÍTEZ ROJO, 1998, p. 31).

⁸⁸ REIS, Livia. O Haiti é aqui, o mar sem fronteiras. In: Silvina Liliana Carrizo (Org.). Jovita Maria Gerheim Noronha; (Org.). *Relações literárias interamericanas: território e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

A condição existencial do universo de La Rosa reinsere a caminhada da humanidade no centro de nossas discussões, pois os romances analisados remetem às incontáveis ilhas que existem em nosso planeta, sejam elas simbólicas⁸⁹ ou reais, cercadas pelo mar ou pela terra. É interessante chamar a atenção para o fato de que as circunstâncias espaço-temporais possibilitam e por vezes impõem o surgimento de coletividades prisioneiras e, curiosamente, devaneadoras, pois para sonharmos e nos revelarmos ao mundo precisamos ser demarcados por nossas fronteiras. Os imaginários de ilha de La Rosa nos fazem avaliar a existência de espaços que promovem a nossa imaginação como escritores e leitores devaneadores. Por meio dessa arte do devaneio que é a leitura, imaginamos e recriamos muitas performances sociais que foram escondidas nos interstícios da grande História.

Os paralelismos traçados a partir da noção de saída contrátil e expansível, espelham-se na caverna isleña e no portal oceânico, indo ao encontro do que Bachelard (1978, p. 339) chama de dialética do exterior e do interior. A esse respeito, o filósofo assevera que “o ser é sucessivamente condensação que se dispersa explodindo e dispersão que reflui para o centro. O exterior e o interior são ambos íntimos”. É na intimidade e na solidão que o ser humano se concretiza em devaneio de forma consciente e autônoma. Assim, o sujeito-artista reveste-se de inovações criadoras que possibilitam a leitura do mundo. A resposta da partilha pode ser encontrada por meio da leitura, como se o universo sonhado se estilhaçasse em mil possibilidades poéticas. A literatura, particularmente, intervém como um lugar de construção de símbolos diversos sobre os quais construímos territórios e subjetividades.

No prefácio de *O ano da seca*, Saramago compara o trabalho do escritor ao de um camponês que lavra e prepara a terra para receber as sementes: “O escritor, como qualquer pessoa, é um ser único e insubstituível, tem diante de si o seu próprio campo para lavrar” (SARAMAGO *apud* LA ROSA, 1997, p. 10). Em nosso trabalho de pesquisa, testemunhamos o processo da escritura de La Rosa, autor cujo percurso literário semeia em nosso imaginário a espessura dos povos umedecidos pelo Atlântico. O escritor dá continuidade à História ao iluminar pequenos gestos insulares ao lado das grandes travessias atlânticas:

Digamos que as ondas que chegam à costa representam a História, são cíclicas e episódicas como nos ensinam que a História é. Digamos que a espuma branca que dá unidade à História são os homens, digamos que entre onda e onda há uma espuma branca que persiste, que não volta para trás, perdendo-se na profundidade do mar-tempo, nem vai evaporar-se na secura da praia imediata. Estas pessoas, esta espuma, que mantém os traços de sua cultura, depositários e transformadores de uma forma de estar na vida, estes seres que não mudam o mundo mas permitem que outra gente se reconheça numa tradição,

⁸⁹ Para Ana Pizarro a Amazônia é uma ilha dentro do extenso e continental território brasileiro.

receba e transmita uma herança cultural que lhe permitirá reconhecer-se, esses homens e essas mulheres, digo, são os escritores, oficiais de um formado ofício, cidadãos com um dever cívico exigente, de que não devemos abjurar, se quisermos, como a espuma branca, passar o testemunho da identidade (LA ROSA, 1997, p. 11).

No contar das centúrias, o homem tem sido conquistado pelos fluxos migratórios atlânticos e pelo enclausuramento da terra. A arte devaneadora do escritor Víctor Álamo de la Rosa chega até nós obrigando-nos a recolher os instantes de sua imaginação literária, propondo que reinventemos também o universo que nos rodeia. Os devaneios do escritor canário inscrevem a *Isla Menor* em eterno devir, já que, como um enorme ser poliédrico, está circunscrita por sua oceanicidade. Tendo em visto que viver em ato de devir é também investir-se de imagens poéticas fazendo uso do próprio pensamento, a ilha devaneadora de La Rosa funda em nós o imaginário atlântico, transformando-nos em coparticipantes dessa jornada de pedra que é o processo da leitura.

CONSULTAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAR, Manuel. *España y América cara a cara*. Valencia: Bello, 1975.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: _____. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço* (Coleção *Os pensadores*) Trad. Joaquim José de Moura Ramos *et al.* São Paulo: Abril Cultura, 1978.

_____. *A poética do devaneio* / Gaston Bachelard. [tradução Antônio de Pádua Danesi.] – São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. O complexo de Jonas. In: Idem. *A terra e os devaneios do repouso*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARRETO, Luis León. Literatura e Identidad en Canarias. Apuntes sobre la necesidad de un nuevo encuentro. *Cuadernos de Ateneo de la Laguna*, San Cristóbal de la Laguna, n. 2, p. 24-26, 1997.

BENÍTEZ ROJO, Antonio. *La isla que se repite*. Barcelona: Casiopea, 1998.

BEUX, Martin. *El Hierro literario*. Explotación de la obra de Víctor Álamo de la Rosa. Santa Cruz de Tenerife: Aguerre, Las Palmas de Gran Canaria: Idea, 2010.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.

CABRERA PERERA, ANTONIO. *Las Islas Canarias en el mundo clásico*. Islas Canarias: Viceconsejería de Cultura, Islas Canarias: D. del Gobierno de Canarias, 1988.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. (pref. de Álvaro J. da Costa Pimpão), 3ª ed. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto Camões, 1992.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CARRIZO, Silvina Liliana. *Fronteiras da imaginação*. Os românticos brasileiros: mestiçagem e nação. Niterói: EdUFF, 2001.

_____. Projetos literários: subjetividades, linguagens e territórios. In: _____. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Orgs.). *Relações literárias interamericanas: território e cultura*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo

Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Olhares Geográficos: Modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DELEUZE, Gilles; A literatura e a vida. In: _____. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 11-16.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 3 ed. SP: Martins Fontes, 2002.

GONZÁLEZ, Manuel Hernández. El viaje de Humboldt a las Islas Canarias y su impacto en el desarrollo científico insular. *Cuadernos de Ateneo de la Laguna*, San Cristóbal de la Laguna, n. 5, p. 155-157, 1998.

GUERRA PALMERO, Ricardo. A. La larga Posguerra en Canarias, Notas Socioeconómicas. *Cuadernos del Ateneo*, n. 23, p. 53-72, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP e A Editora, 2001.

JOSÉ DELGADO, Juan. *El cuento literario del siglo XX en Canarias* (Estudio y antología). Santa Cruz de Tenerife: Cuadernos de Literatura Ateneo de la Laguna, 1999.

_____. *Por lugares de la modernidad literaria*. Santa Cruz de Tenerife: Idea, 2008.

_____. *Atlanticidad*. Canarias y la Comarca Cultural Atlántica. Santa Cruz de Tenerife: Altasur, 2002

LA ROSA, Víctor Álamo de. *El humilladero*. Madrid: La Palma, 1994.

_____. *As marés bruxas*. Trad. Mariela Cunha. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995. (Tradução de: *Las mareas brujas*).

_____. *Escritores en su tinta*. Santa Cruz de Tenerife: Ediciones Idea, Santa Cruz de Tenerife: Centro de la Cultura Popular Canaria, 1995.

_____. *O ano da seca*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

_____. *Altamarinas*. Madrid: La Palma, 1997b.

_____. *Campiro que*. Tenerife: Espasa, 2001.

_____. *Mar en tierra*. (Antología poética 1989-2002). Santa Cruz de Tenerife: Baile del Sol, 2002.

_____. *Terramores*. Tenerife-Madrid: Artemisa Ediciones, 2007.

_____. *La cueva de los leprosos*. Tenerife: La Caja Literária, 2010.

_____. *El año de la seca*. Zaragoza: Tropo Editores, 2011.

_____. *Mareas y Marmullos*. Zaragoza: Tropo Editores, 2011.

LEENHARDT, Jacques. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

LIZCANO, E. Metáforas que nos piensan. *Sobre ciencia, democracia y otras poderosas ficciones*. Ediciones Bajo Cero/Traficantes de Sueños, 2006.

LOPES, José, “Ilha”. *Hesperitanas*. Lisboa: Livrarias J. Rodrigues & C.a., 1929.

MACÍAS HERNÁNDEZ, Antonio M. Panorama histórico de la economía canaria siglos XV-XX. *Cuadernos de Ateneo de la Laguna*. San Cristóbal de la Laguna, n. 1. p. 8-13, 1996.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Revista da Famecos*. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

_____. *O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

_____. *O tempo das tribos*. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MARSAL, Meritxell Hernando, 1977- *Estéticas migrantes/ Meritxell Hernando Marsal*, Alai Garcia Diniz, Raquel Cardoso de Faria e Custódio. – [1. Ed.] – Niterói, RJ: Comunitá, 2013. 250 p.: il.

MONTEJO, Eugenio. *Azul de la tierra*. Bogotá: Editorial Norma, 1977.

_____. *Alfabeto del mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.

MORALES, Ángel (Ed.). *Generación 21: nuevos novelistas canarios*. Las Palmas de Gran Canaria: Idea, Santa Cruz de Tenerife: Agüere, 2011.

MORUS, Thomas. *A Utopia*. Pref. Mauro Brandao Lopes; trad. Luís de Andrade. – [Ed. Especial]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

NEMÉSIO, Vitorino (2002). *Paço do Milhafre; O Mistério do Paço do Milhafre*. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda (Paço do Milhafre, 1924, O Mistério do Paço do Milhafre, 1949).

NEMÉSIO, Vitorino (1970). O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita. In: _____. *Conhecimento de Poesia*. Lisboa: Editorial Verbo, p. 131-149.

ORTIZ, Fernando. Del fenómeno de la "transculturación" y de su importancia en Cuba. In: _____. *El contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Cuba: Editorial de ciencias sociales, La Habana, 1983:

PEREIRA, Diana Araujo (Org.). *Cartografia Imaginária da Tríplice Fronteira*. São Paulo: Dobra Editorial, 2014.

PINTO, Mercedes. *Cantos de muchos puertos: poesías*. Universidad de Texas, 1931.

PIZARRO, Ana. *O sul e os trópicos: ensaios de cultura latino-americana*. Trad. Irene Kallina, Liege Rinaldi. Niterói: EdUFF, 2006.

PLATAO. *Timeu e Crítias*. Trad. Rodolfo Lopes. Coimbra: CECH, 2011.

GARCÍA RAMOS, Juan-Manuel. *Por un imaginario atlántico*. Espanha: Montesinos, 1996.

_____. La atlanticidad (de Canarias). *Cuadernos de Ateneo de la Laguna*. San Cristóbal de la Laguna, n. 3, p. 16-18, 1997.

_____. *Atlanticidad*. Canarias y la Comarca Cultural Atlántica. Santa Cruz de Tenerife: Altasur, 2002

_____. (Ed.). *Sobre el imaginario narrativo atlántico*. Las Palmas de Gran Canaria: Fundación Mapfre Guanarteme, 2012.

_____. (Ed.). *Los otros diálogos atlánticos*. Las Palmas de Gran Canaria: Fundación Mapfre Guanarteme, 2013.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. -2ª ed. – Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

REIS, Livia. O Haiti é aqui, o mar sem fronteiras. In: CARRIZO, Silvina Liliana; NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Orgs.). *Relações literárias interamericanas: território e cultura*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

SAID, Edward W. Teoría ambulante. In: _____. *El mundo, el texto y el crítico*. Trad. Ricardo García Pérez. Barcelona: Debate, 2004, pp. 303-330.

_____. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 46-60.

_____. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Tradução de: *Culture and imperialism*).

SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. São Paulo, Companhia de Bolso, Companhia das Letras, 2006.

_____. *O conto da ilha desconhecida*. 31.ed. [s.l.]: Companhia das Letras, 2012.

TODOROV, Tzvetan. Voltar. In: _____. *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 11-29.

VIDAL, Pérez. Aportación de Canarias a la población de América. Su influencia en la lengua y en la poesía tradicional. *Anuario de Estudios Atlánticos*. Madrid, n. 1. p. 91-197, 1955.

APÊNDICE

1.1 O PROJETO LITERÁRIO DE VÍCTOR ÁLAMO DE LA ROSA

Romance:

- **El humilladero**, Madri, Edições La Palma, 1994.
- **El año de la seca**, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1997. Prefácio de José Saramago.
Edições:
Caracas (Venezuela), Editorial Monte Ávila, 2000.
Madri (Espanha), Espasa, 2002.
L'anne de la sécheresse, Paris (Francia), Grasset, 2003.
Godina suse, Zagreb (Croácia), Oceanmore, 2006.
O ano da seca, Lisboa (Portugal), Casa das Letras, 2008.
- **Campiro que**, Madrid, Espasa, 2001.
Edições:
L'île aux lézards, Paris (França), Grasset, 2005.
A ilha de Campiro, Lisboa (Portugal), Casa das Letras, 2005.
- **Terramours**, París, Ediciones Grasset, 2007.
Edições:
Terramores, Madri (Espanha), Artemisa, 2008.
- **La cueva de los leprosos**, Tenerife, Edição Ka-CajaCanarias, 2010.
- **Isla nada**, Zaragoza, Tropo Editores, 2013.
- **Todas las personas que mueren de amor**, (Editora ainda por definir).

Poesia:

- **Desde el prodigio de la palabra**, Tenerife, Editora Pilar Rey, 1987.
- **Fósiles o armaduras del tiempo**, Tenerife, Cabildo de Tenerife, Ayto. de La Laguna 1991.
- **Ángulos de la medianoche**, Tenerife, Viceconsejería de Cultura y Deportes del Gobierno de Canarias, 1989.
- **Altamarinas**, Madri, Edições La Palma, 1997.
- **Mar en tierra** (antologia poética), Tenerife, Edições Baile del Sol, 2002.
- **El equilibrista y los jardines**, Madri, Edições La Palma, 2013.

Contos:

- *Las mareas brujas*, Tenerife, Centro de la Cultura Popular Canaria, 1991.
Edições:
As marés bruxas, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1995.
- *Mareas y marmullos*, Tenerife, Tropo Editores, Zaragoza, 2011.

Literatura infanto-juvenil:

- *El naufragio de los mapas*, Tenerife, Editora Afortunadas, 1998.
- *Omar el Cangrejo*, Tenerife, Edições Idea, 2004.

Jornalismo:

- *Escritores en su tinta*, Tenerife, Edições Idea, 1995.

1.1 OS PRÊMIOS RECEBIDOS

- 2014 Prêmio de Romance **Benito Pérez Armas**.
 2008 Prêmio de Jornalismo **Leoncio Rodríguez**.
 2008 Prêmio de Conto **Taramela**.
 2008 Prêmio de Conto Curto **Isaac de Vega**.
 2007 Prêmio de Criação Literária (Romance) **Alfonso García Ramos**.
 2004 Prêmio de Literatura **Mercedes Pinto**.
 1989 Prêmio de Poesia **Casa de Venezuela em Canárias**.
 1987 Accésit do prêmio de poesia “**Félix Francisco Casanova**”.

ANEXOS

Anexo 1



Anexo 2



Anexo 3



Anexo 4

